

Juliana Bez Kroeger

Fragmentos de um conflito

Memórias de Amira Hass, a única jornalista israelense
a viver em Territórios Palestinos

Florianópolis, agosto de 2011

Juliana Bez Kroeger

Fragmentos de um conflito

Memórias de Amira Hass, a única jornalista israelense
a viver em Territórios Palestinos

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito para a
obtenção do grau de Mestre em
História Cultural, sob orientação da
Prof^{ra} Dr^a Cristina Scheibe Wolff.

Florianópolis, agosto de 2011

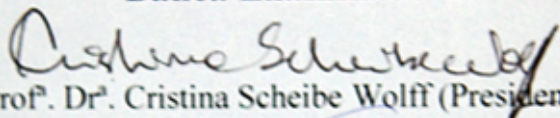
**Fragments de um Conflito Memórias de
Amira Hass, a única jornalista israelense a
viver em Territórios Palestinos**

Juliana Bez Kroeger

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua
forma final para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora



Prof.^a. Dr.^a. Cristina Scheibe Wolff (Presidente e
orientadora) – UFSC



Prof.^a. Dr.^a. Marlene de Fáveri – UDESC



Prof.^a. Dr.^a. Vanessa Pedro – UFSC



Prof.^a. Dr.^a. Janine Gomes da Silva – UFSC

Joana Maria Pedro(suplente da casa) – UFSC

Prof.^a. Dr.^a. Eunice Sueli Nodari
Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 25 de agosto de 2011.

Agradecimentos

Agradeço à Amira Hass, pela disponibilidade e confiança.

Ao meu marido, Fernando Evangelista, pelo amor, pelo estímulo e pelo companheirismo.

Aos meus pais, Arno Kroeger e Maria Inês Bez Kroeger, pelo carinho, pelas orações, pelo apoio e incentivo.

Agradeço aos meus sogros, Francisco Xavier Medeiros Vieira e Marylene Evangelista Vieira, companheiros de viagem, pelas inúmeras lições de vida; aos meus padrinhos Maria de Fátima Sabino Dias e Acires Dias, que tanto me incentivam; a todos das famílias Bez, Kroeger, Evangelista e Medeiros Vieira que, de uma forma ou de outra, me ajudaram nesta caminhada acadêmica.

Agradeço imensamente a minha orientadora, Professora Dra. Cristina Scheibe Woff, por ter acreditado, desde o início, neste trabalho e na minha capacidade como pesquisadora em História. Agradeço também pelas leituras sempre tão atentas aos meus rascunhos, pelos encontros, pelos caminhos apontados, pela sensibilidade e pela paciência.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, em especial à Professora Dra. Joana Maria Pedro.

Às professoras Dra. Luciana Klanovicz e Dra. Marlene de Fáveri, que participaram da minha banca de qualificação e contribuíram com a pesquisa em desenvolvimento.

Aos colegas de mestrado e à(a) todas(os) as(os) amigas(os) do Laboratório de Estudos de Gênero e História, em especial a Ana Maria Veiga, Gabriela Miranda Marques, Juliana Broca Presa, Alfredo Ricardo, Lorena Zomer, Deusa Maria Sousa, Larissa Mello Freitas, Sergio Luis Schlatter Junior, Lilian Back e Mário Martins.

À Professora Dra. Claudete Beise Ulrich, que me aceitou como aluna especial na disciplina Religião, religiosidades, experiências d@sagrad@ e relações de gênero, em 2008.2, e abriu os caminhos para os meus estudos em História, e às/aos colegas daquela disciplina, entre elas (es) Fátima Weiss, Vanessa Muniz, Gerson Machado, Erin Compton e Carolyn French.

Às pessoas extraordinárias que conheci em Jerusalém e Ramallah.

À revista *Internazionale*, em especial à Annalisa Camilli, que possibilitou que eu fizesse o *workshop* com Amira Hass em Ferrara.

Aos amigos Luiza Bodenmüller, Vilson Groh, Vinicius Possebon Anaissi, Marino Mondek, João Salm, Mariana Pederneiras, Fernanda Afonso, Fernanda Fialho, Maria Emília Baião Silva e Tess Tavares pelo apoio e pelos momentos de descontração, tão importantes para a conclusão deste trabalho.

A minha “filha” Fiona, companheira de pesquisa, que me acompanhou na escrita da dissertação.

Por último, agradeço às professoras doutoras Janine Gomes da Silva, Marlene de Fáveri e Vanessa Pedro, que fizeram parta da minha banca.

SUMÁRIO

Resumo	13
Abstract	14
Introdução	15
Capítulo 1	
Amira e a memória familiar: entre o dito e o não dito	39
1.1 Terra sem povo.....	41
1.2 Relatos da escuridão.....	45
1.3 Muitas verdades.....	48
1.4 Por acidente.....	54
1.5 Livro banido.....	55
1.6 Assassinatos e propaganda.....	58
1.7. Exílio e feminismo.....	60
1.8 Estrangeiros.....	63
1.9 Terra desconhecida.....	65
1.10 Sem controle.....	67
Capítulo 2	
Gaza e a política israelense de bloqueio aos palestinos	71
2.1 Os jornalistas e a História.....	75
2.2 Submissão voluntária.....	77
2.3 Show midiático.....	80
2.4 Passagem negada.....	86
2.5 A história de Lulu.....	89
2.6 Em nome da honra.....	93
2.7 Islã é o teto.....	99

Capítulo 3

Na Cisjordânia: a vida entre muros	105
3.1 Nome impróprio.....	107
3.2 Fatos e versões.....	109
3.3 Criminosos em potencial.....	115
3.4 Checkpoints.....	119
3.5 Solidariedade feminista.....	123
3.6 Não é filme.....	126
3.7 Como em um sonho.....	130
3.8 Viagem.....	131

Considerações finais	135
-----------------------------------	-----

Fontes	139
---------------------	-----

Referências bibliográficas	141
---	-----

Anexo

Entrevista completa com Amira Hass (em inglês).....	151
---	-----

Lista de imagens

Imagem 1

Capa de *Drinking de sea at Gaza*, de Amira Hass,
uma das fontes da pesquisa

Imagem 2

Capa de *Reporting from Ramallah*

Imagem 3

Capa de *Domani andrà peggio*.

Imagem 4

Juliana Kroeger e Amira Hass na *Osteria del Ghetto*

Imagens 5 e 6

Amira Hass em sua conferência na Piazza Municipale de Ferrara

Imagem 7

Mapas representando as disputas de território na região

Imagem 8

Graffiti do artista inglês Banksy, no muro construído
por Israel para separar os territórios palestinos

Imagem 9

Reprodução da coluna de Amira Hass na revista
italiana *Internazionale*, de 15/04/2005

Resumo

Esta pesquisa aborda a trajetória profissional da jornalista Amira Hass e o conflito palestino-israelense, mais especificamente a vida cotidiana dos palestinos de Gaza e da Cisjordânia, com um recorte temporal de 1993 a 2005. Minha intenção neste trabalho é, através das lentes de Amira, relatar o dia-a-dia do conflito palestino-israelense nos Territórios Palestinos, e mostrar como a jornalista está inserida nesse contexto. Utilizo como fonte os seus três livros publicados, uma entrevista realizada em Ferrara, o meu diário de campo nos territórios ocupados, entrevistas que Amira concedeu a outros periódicos e o diário que sua mãe, Hanna Lévy-Hass, escreveu no campo de concentração nazista de Bergen-Belsen.

Mais do que um mergulho nas questões de Israel ou dos Territórios Palestinos, este é um mergulho no universo de Amira Hass. A pesquisa está inserida no que se convencionou chamar de História do Tempo Presente e utiliza a História Oral, a etnografia e o gênero como ferramentas teórico-metodológica de abordagem.

O trabalho se divide em três partes: o primeiro capítulo trabalha a construção da memória familiar de Amira Hass, que é filha de sobreviventes do Holocausto, e a sua formação profissional. O capítulo 2 aborda a ida da jornalista para Gaza e o capítulo 3 é sobre a vida de Amira em Ramallah. Todos os capítulos, além de estarem permeados pela história de Israel e dos Territórios Palestinos, abordam os relatos do cotidiano e de gênero produzidos pela jornalista.

Na pesquisa, pude observar que a narrativa de Amira Hass, com a sua memória familiar, a memória de mulheres e homens palestinos e os sentimentos da intimidade, pode nos aproximar da história. Os escritos pessoais também são um “acervo histórico” e essa fonte, a obra de Amira, ajuda-nos a ler a história nas entrelinhas, seja a história dos judeus que sobreviveram ao Holocausto, seja a história do conflito entre palestinos e israelenses, um dos maiores dramas políticos do nosso tempo.

Palavras-chave: Amira Hass, Israel, Palestina, conflito, cotidiano, gênero, memória, jornalismo, mulheres, história oral, etnografia.

Abstract

My research object is the Israeli journalist Amira Hass and the Israeli-Palestinian conflict, specifically the issues of Palestinians' ordinary life in Gaza and in the West Bank, from 1993 to 2005. My intention in this work is to report daily life in the Israeli-Palestinian conflict, through the lens of Amira. My sources are her three published books, an interview conducted in Ferrara (Italy), my field diary in the Palestinian Territories, interviews of Amira to newspapers and tv channels, and a diary that her mother, Hanna Lévy-Hass, wrote in the Nazi concentration camp of Bergen-Belsen.

More than an immersion in the issues of Israel or the Palestinian Territories, this is an immersion in Amira Hass' world. The research is related to the History of Present Time and uses oral history, ethnography and gender as tools of methodological approach.

This work is divided into three parts: the first chapter talks about the family memories of Amira Hass and her begging as a journalist. Chapter 2 focuses on Amira's way to Gaza and Chapter 3 is about Amira's life and what she sees in Ramallah. All chapters are permeated by Israel's and the Palestinian territories' history, and Amira's articles about life and gender.

In this research, I've noticed that the narrative of Amira Hass, with her family memories, the memory of Palestinians and the feelings of intimacy can bring us closer to History. The personal writings are also an "historical archive" and this source, the work of Amira Hass, helps us read the History between the lines, the History of Jews who survived the Holocaust, and the History of the conflict between Palestinians and Israelis, one of the greatest contemporary political dramas.

Keywords: Amira Hass, Israel, Palestine, conflict, daily life, gender, memory, journalism, women, oral history, ethnography.

Introdução

Em 21 de março de 2007, eu estava em Diyarbakır, na Turquia, a 200 Km da fronteira com o Iraque¹. Enviada pela revista *Caros Amigos*² para cobrir o conflito entre turcos e curdos na região, acompanhava um grupo de ativistas do *Ufficio d'Informazione del Kurdistan in Italia* (UIKI-Onlus). Os italianos faziam o papel de “observadores internacionais” na comemoração do *Newroz*, o Ano Novo curdo. Com algumas concessões aqui e ali, a língua curda é proibida nos espaços públicos estatais turcos, como escolas, hospitais e prisões. Parte de sua representação política vive na ilegalidade. Detenções arbitrárias, desaparecimentos e execuções são bastante comuns, tão comuns que não despertam a atenção do resto do mundo³.

Naquele dia, não se ouviu tiros nem pedras foram lançadas, como no *Newroz* anterior, mas o conflito estava presente nos silêncios⁴. Esse “estado de guerra” também podia ser percebido nas falas das mulheres com quem conversei, na revista ostensiva a que fui submetida por três policiais mulheres, na parada de um tanque de guerra turco, em que policiais vieram em minha direção e quiseram retirar o cartão de memória de minha câmera fotográfica.

Alguns jornalistas me acompanhavam naquele trabalho. Quase todos homens, quase todos a escrever sobre a “linha de frente” do conflito entre o exército turco e o PKK, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão, fundado na década de 1970 e que logo se tornaria a mais conhecida representação política e militar do Curdistão. Escreviam a versão oficial. Onde estavam as mulheres? As crianças? As histórias do cotidiano em meio ao conflito?

Foi naqueles dias que conheci o trabalho da jornalista israelense Amira Hass e esta pesquisa teve início. Ela vive nos Territórios

¹ Sou jornalista, formada, em janeiro de 2004, pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Depois de passar por algumas redações no Brasil e na África do Sul, atuei durante dois anos como correspondente da revista *Caros Amigos* na República de Malta. Contribuí para a revista com reportagens sobre a Europa e o Oriente Médio, principalmente sobre questões ligadas aos Direitos Humanos e conflitos armados.

² Publicação mensal com sede em São Paulo, fundada por Sérgio de Souza em 1997.

³ A reportagem foi escrita em coautoria com Fernando Evangelista e publicada em maio de 2007. EVANGELISTA, Fernando; KROEGER, Juliana. *Curdos: a guerra silenciosa. Revista Caros Amigos*. Edição 122, maio de 2007. Pg. 12-14.

⁴ Eni Puccinelli Orlandi defende de que há sentido no silêncio e que “todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer”. ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 12.

Palestinos desde 1993 e, como testemunha ocular do conflito palestino-israelense, é correspondente do jornal israelense *Ha'aretz*⁵ e escreve semanalmente para a revista italiana *Internazionale*. É a única, entre os jornalistas judeus israelenses, a viver e escrever nos territórios. Tem três livros publicados: *Drinking the sea at Gaza: days and nights in a land under siege*⁶, *Reporting from Ramallah: An Israeli Journalist in an Occupied Land*⁷ e *Domani andrà peggio*⁸.

Mesmo vivendo em uma região marcada pelos confrontos armados, Amira prefere relatar as experiências no cotidiano, mais do que a rotina dos gabinetes e órgãos oficiais. Ela escreve as memórias da vida ordinária e traz à tona, em seus textos⁹, falas que poderiam se perder para sempre, principalmente entre o povo palestino. Segundo o premiado repórter inglês Robert Fisk, do *The Independent* de Londres, que vive no Oriente Médio desde 1976, Amira Hass escreve diariamente um “ensaio sobre o desespero, (...) que não abandona quando fala sobre sua própria vida”¹⁰.

Durante dois anos, entre 2008 e 2010, troquei muitos e-mails com Amira Hass. Foram longos períodos sem resposta e, em um deles, ela não poderia mesmo responder: estava presa por ter desobedecido as regras impostas pelas Forças de Defesa de Israel (IDF) e ter ido para Gaza por via marítima, em um barco clandestino. Ao retornar para Israel por via terrestre, foi presa, mas o processo não foi adiante. Em abril de 2010, quando me preparava para ir à Ramallah entrevistá-la, Hass escreveu-me para dizer que estava montando um *workshop* que seria

⁵ O *Ha'aretz* é o mais antigo jornal diário de Israel, publicado desde 1918. Os exemplares impressos são em hebraico, mas o site do jornal traz textos em hebraico e inglês: www.haaretz.com. Em hebraico, *ha'aretz* significa “a terra”. Falei mais sobre o jornal no capítulo 3.

⁶ Bebendo o mar em Gaza: dias e noites de uma terra cercada. Livro ainda sem tradução no Brasil.

⁷ Reportagens de Ramallah: uma jornalista israelense em uma terra ocupada. Livro sem tradução no Brasil.

⁸ Amanhã será pior. Não publicado no Brasil.

⁹ Na banca de qualificação desta pesquisa, realizada em 19 de agosto de 2010, Cristina Scheibe Wolff (orientadora), Luciana Rosar Fornazari Klanovicz e Marlene de Fávéri (membros) sugeriram que as citações em inglês e italiano fossem traduzidas para o português, deixando as notas com o texto original no rodapé da página. Segui esse conselho, no caso das fontes impressas, e somente os títulos das obras foram mantidos em sua língua original no corpo da pesquisa. No caso da entrevista que realizei com Amira Hass em Ferrara, não coloquei o texto original no rodapé, pois a entrevista completa em inglês está no anexo.

¹⁰ FISK, Robert. *A grande guerra pela civilização: A conquista do Oriente Médio*. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta, 2007. p. 627.

realizado em Ferrara, Itália, em outubro de 2010, e sugeriu que a entrevista fosse feita lá.

Nos encontramos em uma sala do Castello Estense, em Ferrara, no dia 1º de outubro de 2010. Era o início do *workshop Potere, rabbia e mezzi d'informazione*¹¹, em que Amira discutiu, por três dias, a questão palestina e a suposta objetividade jornalística. O evento fazia parte da programação do festival promovido anualmente em Ferrara pela revista italiana *Internazionale*, para a qual Amira escreve semanalmente.

Com cabelos escuros um pouco abaixo do queixo, ela usava óculos de acetato vermelho com lentes arredondadas, blusa e calça pretas. Havia alguns fios de cabelo brancos, porém aparentava ser mais nova do que eu imaginava. Estava bronzeada, sua pele era de um tom castanho dourado, e usava uma echarpe laranja. Chegou com uma grande pasta preta, sentou-se, deixou o relógio multicolorido sobre a mesa, que ainda funcionava em outro fuso-horário, e começou a sua fala com uma frase muito presente em seus textos: “eu não sou objetiva”¹².

Minha intenção neste trabalho é, através das lentes de Amira Hass, relatar o cotidiano do conflito palestino-israelense em Gaza e na Cisjordânia, e mostrar como a jornalista está inserida nesse contexto. Utilizo como fontes os seus três livros publicados, uma entrevista realizada em Ferrara¹³, feita em duas partes, no dia 1º e no dia 3 de outubro de 2010, o meu diário de campo¹⁴ nos Territórios Palestinos, de 5 a 14 de outubro do mesmo ano, e também entrevistas que Amira concedeu a outros periódicos. Meu compromisso é ter o foco nas questões ordinárias que o conflito impõe, observando o gênero¹⁵, com um recorte temporal de 1993 a 2005, que é o período abrangido pelos relatos.

Ao longo da pesquisa, percebi que não seria possível ler os textos de Amira sem trabalhar com as memórias de seus pais, judeus

¹¹ Poder, raiva e meios de comunicação.

¹² HASS, Amira. *Potere, rabbia e mezzi d'informazione*. 1 a 3 de outubro de 2010. Workshop no Festival Internazionale a Ferrara. Ferrara: Internazionale a Ferrara, 2010.

¹³ A primeira parte da entrevista, no dia 1º de outubro, foi feita por mim e por Fernando Evangelista. A segunda, no dia 3 de outubro, somente por mim. Ao longo deste trabalho, toda vez que eu citar “a entrevista”, estou me referindo à essa. O texto completo, em inglês, está no Anexo 1.

¹⁴ Permito-me utilizar essa fonte etnográfica, prática comum no campo da Antropologia.

¹⁵ A historiadora Joan Scott, em 1988, apresentou o gênero como uma categoria útil de análise histórica. “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, jul. a dez. 1990, p. 14.

comunistas que sobreviveram ao Holocausto¹⁶. Por isso, também utilizo como fonte o diário que sua mãe, Hanna Lévy-Hass, escreveu no campo de concentração de Bergen-Belsen, no norte da Alemanha¹⁷. Além disso, procuro observar a memória familiar de Amira Hass, narrar a sua trajetória como jornalista, investigar o gênero no seu dia-a-dia de trabalho e discutir a história recente do conflito palestino-israelense, no período em que os relatos de Amira Hass escritos.

Mais do que um mergulho nas questões de Israel ou dos Territórios Palestinos, este é um mergulho no universo de Amira Hass. E esta pesquisa está inserida no que se convencionou chamar de História do Tempo Presente. Segundo o historiador francês Henry Rousso, pesquisador do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP-França), “tal como ela se pratica hoje, essa história parece gravitar ao centro de um dispositivo que coloca em jogo, ao menos, quatro elementos (...): a testemunha, a memória, a demanda social, o acontecimento”¹⁸.

A pesquisa utiliza a História Oral, a etnografia e o gênero como ferramentas teórico-metodológica de abordagem. Apesar de ter acesso ao conteúdo documental já citado¹⁹, considereí indispensável a utilização da História Oral para a realização da pesquisa. Nos trabalhos acadêmicos, a História Oral é “uma prática cada vez mais comum, quando o objeto de análise aproxima-se do tempo real (...). Uma pesquisa histórica não se restringe ao trabalho com o documento escrito”²⁰. Para Verena Alberti, as entrevistas “têm valor de documento e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam”²¹.

A História Oral foi fundamental para conhecer um pouco mais de Amira e interpretar²² sua entrevista, e também para observar a sua

¹⁶ O Holocausto, extermínio em massa de judeus (e outros grupos como ciganos, homossexuais e portadores de deficiência) pelo regime nazista de Adolf Hitler, é chamado pelos judeus de *Shoá*, que significa “calamidade”.

¹⁷ LÉVY-HASS, Hanna. *Diary of Bergen-Belsen (1944-1945)*. Chicago: Haymarket Books, 2009.

¹⁸ ROUSSO, Henry. A história do tempo presente, vinte anos depois. In: Pôrto Júnior, Gilson (org.). *Tempo presente – conceitos e temas*. Bauru: Edusc, 2007. p.287.

¹⁹ Os dois primeiros livros de Amira Hass foram escritos em hebraico e traduzidos para o inglês. Trabalhei apenas com as traduções. No caso do terceiro livro, *Domani andrà peggio*, trabalhei com a versão em italiano, a primeira a ser publicada.

²⁰ SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. *História & Documento e metodologia de pesquisa*. São Paulo: Autêntica, 2007. p. 115.

²¹ ALBERTI, Verena. Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral. In: *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro : FGV, 2004. p. 77.

²² Conforme Michel Foucault, citado por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, interpretar “é se apoderar de um sistema de regras, é fazê-las entrar em um outro jogo e submetê-las a novas regras”. FOUCAULT apud ALBUQUERQUE JÚNIOR. A história em jogo: a

obra, resultado, principalmente, de entrevistas que a jornalista realizou com outras pessoas. Conforme Alessandro Portelli, as fontes orais não são objetivas, e “suas características essenciais incidem em serem artificiais, variáveis e parciais”²³. Porém, as fontes orais nos mostram o lado emocional das pessoas, “quanto não só ao que fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”²⁴.

Essa ligação da pesquisa com a subjetividade e com o tempo presente, e também por ter o cotidiano como alvo de discussão historiográfica, aproximou-me da etnografia, metodologia de pesquisa da Antropologia. Mais especificamente, procurei referências na antropologia feminista. Segundo Alinne de Lima Bonetti, essa vertente da disciplina antropológica está calcada “em uma produção etnográfica especialmente crítica, que parte da compreensão da combinação entre contextos, situações e produção de sentidos e das alteridades constituídas por distintos marcadores sociais que interagem, como o de gênero na sua intersecção com o poder”²⁵.

Conforme Joan Scott, o gênero é constituído por relações sociais e uma categoria útil de análise histórica²⁶. Segundo a historiadora Joana Maria Pedro, coordenadora do Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, o uso da categoria de análise 'gênero' na narrativa histórica “passou a permitir que as pesquisadoras e os pesquisadores focalizassem as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões, os acontecimentos foram produtores do gênero”²⁷.

Ainda incorporei à minha pesquisa o conceito de “experiência”. De acordo do com Joan Scott, a experiência é um dos fundamentos que têm sido redescobertos pelos historiadores.

atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. *Anos 90*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História, v. 11, n. 19/20, jan/dez2004, p. 82.

²³ PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História* (PUC-SP), n.º 14. São Paulo: 1997. p. 31

²⁴ Idem.

²⁵ BONETTI, Aline de Lima. Etnografia, gênero e poder: antropologia feminista em ação. *Mediações*. V. 14, n.2. Londrina: Jul/Dez. 2009. p. 108.

²⁶ SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, jul. a dez. 1990, p. 14.

²⁷ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. 2005, vol. 24, no.1, p. 77-98. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2008. p. 88.

O que conta como experiência não é nem auto-evidente, nem definido; é sempre contestável, portanto, sempre político. (...) Tal análise também não pode garantir a neutralidade do/a historiador/a, já que a escolha de que categorias historicizar é inevitavelmente “política”, necessariamente ligada à parte que cabe ao/a historiador/a na produção do conhecimento. Experiência é, nessa abordagem, não a origem de nossa explicação, mas aquilo que queremos explicar. Esse tipo de abordagem não desvaloriza a política ao negar a existência de sujeitos; ao invés, interroga os processos pelos quais sujeitos são criados, e, ao fazê-lo, reconfigura a história e o papel do/a historiador/a, e abre novos caminhos para se pensar a mudança²⁸.

Ainda sobre o gênero, Joana Maria Pedro afirma que “se a guerra reforça ou não as fronteiras do gênero” é alvo de grande discussão²⁹. Tratar de guerras e batalhas foi uma das principais atividades de historiadores ligados à forma tradicional de escrita na historiografia e “narrar as guerras a partir de uma perspectiva de gênero significa, além de uma inovação na escrita da história, a percepção de identidades sendo constituídas e/ou se dissolvendo; além disso, significa observar a guerra como política de gênero”³⁰.

A feminista israelense Simona Sharoni, professora de *Women Studies* nos Estados Unidos, autora do livro *Gender and Israeli-Palestinian Conflict*, argumenta que o gênero nos dá ferramentas para examinar não só as relações entre homens e mulheres, mas também outras relações sociais baseadas em relações de poder desiguais e privilégios. O gênero não seria mais importante do que as questões raciais, de classe, étnicas, regionais e outros aspectos ligados às

²⁸ SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Falas de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 48.

²⁹ PEDRO, Joana Maria. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila. *Revista Estudos Feministas*, Abril de 2005, vol.13, no.1. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a06v13n1.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2008. p. 82-83.

³⁰ Ibidem. p. 83.

identidades³¹, mas estaria permeado por tudo isso³².

Todas essas questões estão presentes nos relatos de Amira. Ela nasceu em Jerusalém em 28 de junho de 1956. Sua mãe, Hanna, nasceu em Sarajevo em 1913 e envolveu-se com o movimento comunista quando foi estudar em Belgrado nos anos 1930. Foi levada pelos nazistas para um campo de concentração em 1944, mas sobreviveu. O pai de Amira, Abraham³³, passou quatro anos no gueto de Transnístria³⁴ e perdeu os dedos dos pés em consequência de hipotermia. Quando Hanna e Abraham chegaram a Israel, no início dos anos 1950, ainda sem se conhecerem, receberam a oferta de um lugar para morar em Jerusalém. Entretanto, disseram que não podiam ficar com as casas de outros refugiados, no caso, palestinos³⁵.

Pude conhecer algumas dessas casas assim que cheguei a Jerusalém, em 6 de outubro de 2010. Em uma longa avenida, a poucos metros dos muros da cidade antiga, o motorista de taxi palestino M. S.³⁶ chamou a atenção para algumas casas de famílias israelenses onde ainda se podia ler, em árabe, na fachada: “*em nome de Alá, o misericordioso*”. “Essa era a casa do meu tio”, ele apontou, “e as inscrições em árabe não foram apagadas para mostrar que eles, os judeus, são heróis de guerra”³⁷.

O histórico de resistência às injustiças deixado pelos seus pais, relata Amira, é a sua maior herança. Em um dia de verão em 1944, ela conta, sua mãe estava sendo levada, juntamente com outros prisioneiros, de Belgrado para o campo de concentração nazista de Bergen-Belsen³⁸. Do alto do veículo, Hanna viu um grupo de mulheres alemãs, algumas a

³¹ Entendo “identidade” de acordo com o conceito do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Para ele, a identidade precisa ser inventada, não descoberta. Ela nasce como ficção e pode ser negociada ou revogada, por isso é necessário um esforço para poder mantê-la. BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

³² SHARONI, Simona. *Gender and the Israeli-Palestinian Conflict*. Syracuse: Syracuse University Press, 1995. p. 15.

³³ Algumas vezes, os textos de Amira em inglês trazem a grafia “Avraham”, como no livro *Drinking the sea at Gaza*. Mas “Abraham” é mais utilizada e adotarei essa grafia na pesquisa. “Hanna” também é citada, algumas vezes, como “Hannah”.

³⁴ Esta é uma região que declarou unilateralmente sua independência em 1990, mas pertence oficialmente à Moldávia, no leste da Europa.

³⁵ FISK, Robert. Op. cit., 2007. p. 628

³⁶ Para a segurança dos entrevistados, que conheci em Israel e nos Territórios Palestinos, eles serão identificados somente por suas iniciais. Esse é o padrão utilizado por Amira Hass para identificar muitos entrevistados em seus textos.

³⁷ Nota do meu diário de viagem, já citado.

³⁸ O campo de Bergen-Belsen é também o local onde morreu, em 1945, a menina judia Anne Frank, autora de um diário que vendeu milhões de cópias em todo o mundo.

pé, outras com suas bicicletas, observando com indiferença os prisioneiros passarem. Desde muito cedo, Amira decidiu que jamais seria uma *bystander*³⁹ como aquelas mulheres, que viam o sofrimento a poucos metros de distância, e não se importavam⁴⁰.

No final, meu desejo de viver em Gaza não nascia de uma ânsia de aventura nem de loucura, mas do pavor de me tornar mera observadora, da necessidade de compreender, até o último detalhe, um mundo que é, a meu ver e por meus conhecimentos políticos e históricos, uma criação profundamente israelense. Para mim, Gaza encarna toda a história do conflito palestino-israelense; representa a contradição básica do Estado de Israel: democracia para uns, desapropriação para outros. É o nosso ponto fraco.⁴¹

Então, a partir daquele momento, a jornalista passou a conviver com pessoas cujos pais e avós foram obrigados a deixar suas vilas, como vítimas de guerra⁴². Primeiro, morou em Gaza, e, depois, mudou-se para Ramallah, onde ainda vive. Amira Hass defende que as memórias de seus pais, contadas desde o seu nascimento, foram absorvidas a ponto de se tornarem também sua própria memória⁴³.

Em seu primeiro livro, *Drinking the sea at Gaza*, publicado em 1996, Hass fez um relato em primeira pessoa da realidade que a cercava. O livro reflete o que a autora viu e ouviu nas ruas e nos campos de refugiados da Faixa de Gaza, entre 1993 e 1996, em tempos de “paz” e

³⁹ Pessoa que presencia algo mas que não toma parte da ação.

⁴⁰ HASS, Amira. *Drinking the sea at Gaza: days and nights in a land under siege*. Nova York: Holt, 1999. p. 7.

⁴¹ HASS, Amira. Op. cit., 1999, p. 7. Texto original: *In the end, my desire to live in Gaza stemmed neither from adventurism nor from insanity, but from that dread of being a bystander, from my need to understand, down to the last detail, a world that is, to the best of my political and historical comprehension, a profoundly Israeli creation. To me, Gaza embodies the entire saga of the Israeli-Palestinian conflict; it represents the central contradiction of the State of Israel – democracy for some, dispossession for others; it is our exposed nerve.*

⁴² Em 1948, o recém-criado Estado de Israel venceu a guerra contra os árabes. Milhares de palestinos foram expulsos de suas vilas e “empurrados” para Gaza.

⁴³ HASS, Amira. Op. cit., 1999. p. 5.

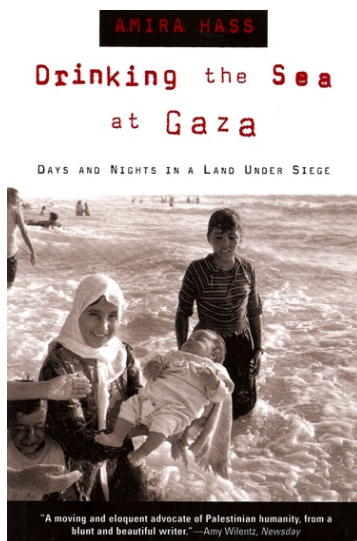
durante os bloqueios⁴⁴. Na obra, a autora transcreve diálogos com antigos presos, médicos, sindicalistas, agricultores (homens, na maioria) e também com mulheres. No prefácio da edição portuguesa, publicada em 2005 pela Editorial Caminho, ela destaca:

Os meus amigos de Gaza — que conhecereis ao longo destas páginas — viveram durante este período a época mais difícil das suas vidas. Eles emergem desta época — de bombardeamentos aéreos e de artilharia, de funerais diários de parentes e amigos e vizinhos, de ferimentos, de arrasamentos e demolições de casas, etc. — sem esperança num futuro digno. As formas atuais de dominação política, social e económica de Israel continuarão a estrangulá-los, e garantirão recorrentes explosões de raiva e revoltas sem estratégia por parte dos palestinos, e ofensivas militares por parte dos israelenses⁴⁵.

⁴⁴ Os bloqueios são feitos pelo Governo Israelense, que não permite ninguém entrar ou sair da Gaza.

⁴⁵ HASS, Amira. *Beber o mar em Gaza*. Lisboa, Editorial Caminho, 2005. Prefácio à edição portuguesa. Disponível em: http://resistir.info/palestina/beber_o_mar_extracto.html. Acesso em: 28 de setembro de 2008.

Imagem 1



Capa de *Drinking de sea at Gaza*, de Amira Hass, uma das fontes da pesquisa.

No caso da imprensa, conforme Luz Marina Suaza, parte-se do pressuposto de que a notícia é “objetiva”, ao contrário da literatura⁴⁶. O jornalista e sociólogo Perseu Abramo distingue os conceitos de objetividade de um conjunto de outros conceitos que, geralmente, aparecem interligados, como isenção, imparcialidade, neutralidade e honestidade. Diferentemente da objetividade, todos esses conceitos, segundo o autor, estão situados na esfera do comportamento moral e da ação. Já a “objetividade” está situada no campo de conhecimento.

A objetividade é uma categoria gnosiológica, epistemológica, mais que deontológica ou ontológica. A objetividade tem a ver com a relação que se estabelece entre o sujeito e o observador e objeto observável (a realidade

⁴⁶ SUAZA, Luz Marina. *La prensa y la vida*. V Encontro Internacional de Investigadores da Rede “Educação, Cultura e Política na América Latina”. Anais. Ouro Preto: 24 a 26 de outubro de 2007.

externa ao sujeito ou externalizada por ele), no momento do conhecimento. A objetividade não é um apanágio nem do sujeito, nem do objeto, mas da relação entre um e outro, do diálogo entre sujeito e objeto; é uma característica, portanto, da observação do conhecimento, do pensamento. É claro que a objetividade – bem como o seu contrário, a subjetividade, não existem em *absoluto* e em abstrato. (...) Há sempre elementos de subjetividade na objetividade e de objetividade na subjetividade⁴⁷.

Ou seja, Abramo ressalta que nunca se é inteiramente subjetivo, nem totalmente objetivo, e a objetividade deve ser buscada sempre. Porém Amira prefere rasgar todos esses conceitos. “Os palestinos dizem que sou objetiva. Parece-me algo importante, pois sou israelense, mas ser justo e ser objetivo não é a mesma coisa. O jornalismo consiste em realmente acompanhar de perto o poder e os centros de poder”⁴⁸. É preciso destacar que Amira não escreve notícias diárias, mas reportagens mais aprofundadas, “crônicas” e, principalmente, artigos. Informação e opinião⁴⁹. Ela se diz “não objetiva”, mas acredito que esse elemento – a objetividade – esteja presente em seus textos.

O que me atraiu nos textos de Amira, e será trabalhado ao longo da pesquisa, são suas narrativas de histórias de vida de mulheres e homens palestinos. Em *Drinking the sea at Gaza*, a jornalista afirma que, enquanto esteve em Gaza, quase nunca podia escrever para o *Ha'aretz* sobre a posição inferior ocupada pelas mulheres na sociedade palestina, porque estava sempre na busca pelas últimas notícias, encabeçadas pelos homens. As entrevistas que fazia com autoridades, com os líderes, com o exército, até mesmo com jornalistas e fotógrafos eram, quase que exclusivamente, com homens.⁵⁰ Ela acentua que a falta de notícias sobre mulheres já era, por si só, uma força para ouvir essas mulheres, resultado publicado no livro. A jornalista observou forte distinção entre o “público” e o “privado” e que ela, como visitante, tinha

⁴⁷ ABRAMO, Perseu. *Padrões de Manipulação da Grande Imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 38-39.

⁴⁸ HASS apud FISK. Op. cit., 2007. p. 627.

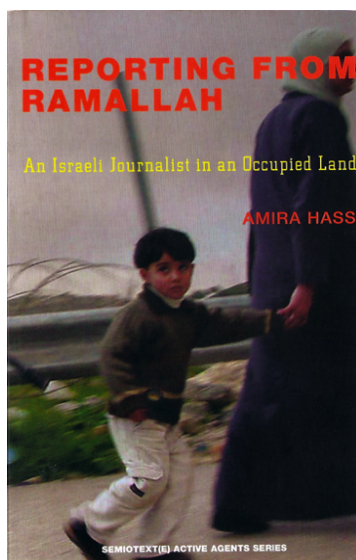
⁴⁹ Aprofundarei essa questão no capítulo 3.

⁵⁰ HASS, Amira. Op. cit., 1999. p. 184.

privilégios em relação às mulheres locais, como poder falar de política, por exemplo⁵¹.

O segundo livro de Amira é composto por 37 artigos escritos em Ramallah, publicados originalmente no *Ha'aretz* entre 1997 e 2002. Rachel Leah Jones, editora de *Reporting from Ramallah*, afirma que, nesse período, Amira Hass escreveu cerca de 500 artigos para o *Ha'aretz* e que quase todos os textos publicados no livro foram traduzidos do hebraico para o inglês pelo próprio jornal. Para Jones, os 37 artigos escolhidos para publicação, que estão em ordem cronológica, são representativos: transparecem aquele período e também o estilo de escrita de Hass⁵².

Imagem 2



Capa de *Reporting from Ramallah*

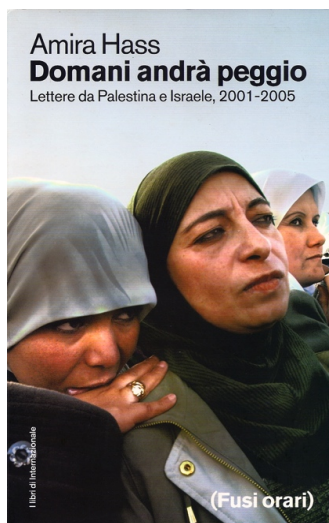
O terceiro livro, *Domani andrà peggio*, foi publicado inicialmente na Itália, em março de 2005, com a compilação dos textos

⁵¹ HASS, Amira. Op. cit., 1999. p. 192.

⁵² JONES, Rachel Leah. Foreword. In: HASS, Amira. *Reporting from Ramallah: An Israeli Journalist in an Occupied Land*. New York: Semiotext(e), 2003.

escritos por Amira para a revista *Internazionale* de fevereiro de 2001 a janeiro de 2005, e mais três artigos inéditos. Os textos foram produzidos em inglês e traduzidos para o italiano. O livro é dedicado aos “refusniks”, aqueles que se recusam a servir às Forças de Defesa de Israel (Tzahal).

Imagem 3



Capa de *Domani andrà peggio*

Em *A história do livro*, o historiador Roger Chartier desconstrói o caráter de universalidade de uma publicação e observa que diferentes intenções e disputas fazem parte da produção de um livro. Chartier também deixa claro que é o leitor quem dá sentido ao texto e me aproprio desse conceito ao interpretar a obra de Amira Hass. Porém minha pesquisa não será voltada para o impacto da leitura dos textos dela por outras pessoas. Essa análise só seria possível com outras fontes e metodologias⁵³.

Observo as publicações de Amira não como algo “transparente”, mas “acontecimento”, assim como as fontes orais. A maior parte dos

⁵³ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*; conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

textos de Amira – fonte da pesquisa – foram escritos “no calor da hora”, como se costuma dizer no meio jornalístico, com exceção do seu livro sobre Gaza, que foi “trabalhado” alguns anos depois. Com relação à História Oral, também parti do princípio, levantado por Beatriz Sarlo em *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, que os entrevistados sempre falam buscando a persuasão⁵⁴.

Quando Amira encerrou o primeiro dia de seu *workshop* em Ferrara, fui conversar com ela. Combinamos um encontro às 19h em frente ao Cinema Apollo, no centro histórico de Ferrara, para fazermos a entrevista. Eu estava lá na hora marcada, junto com Fernando Evangelista, meu marido, que tem larga experiência em reportagens de guerra. A entrevista seria gravada e ele faria a operação da câmera. Levar a câmera de vídeo de Florianópolis para Ferrara não foi tarefa fácil, contando o peso do equipamento, mais tripés, baterias, fitas, microfones e cabos.

Estávamos à porta esperando quando percebemos que Amira já estava no cinema, no interior do prédio. Ela tentava baixar para o seu computador 1.964 e-mails não lidos, mas a conexão da Internet era muito lenta. Ela sugeriu que iniciássemos a conversa ali mesmo, enquanto aguardava o carregamento das mensagens para o seu *notebook*. Eu já havia falado para ela, por e-mail, sobre a ideia da gravação em vídeo, e ela não havia colocado nenhum impedimento. Mas quando viu o *case* da câmera e toquei no assunto, o clima ficou pesado. “Não, câmera não”. Insisti. “Não, prefiro que seja assim”.

Amira não se lembrava direito das coisas que havíamos conversado por e-mail, e estava muito curiosa sobre o sentido de tudo aquilo. Até parecia desconfiada, um pouco hostil. Aos poucos ela foi se soltando. Terminamos a primeira parte da entrevista no restaurante *Osteria del Ghetto*, escolhido por ela. Amira estava muito cansada e preocupada com outros dois dias de *workshop* que teria pela frente e também com a conferência que daria na Piazza Municipale di Ferrara.

⁵⁴ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: UFMG/Companhia das Letras, 2007.

Imagem 4



Juliana Kroeger e Amira Hass na *Osteria del Ghetto*, Ferrara. 1/10/2010

Foto: Fernando Evangelista

Nesse dia, dei a ela um presente que havia comprado em frente à Reitoria da UFSC: uma echarpe feita em tear, típica de Florianópolis. Voltei para o hotel com a sensação de que entrevista poderia ter sido melhor, apesar da conversa de quase duas horas.

No dia seguinte, fui ao *workshop*, mas não conversamos. Saí da sala às 13h e apenas agradei pelo dia anterior. Algumas horas depois, fui para a *Piazza Municipale* aguardar a conferência de Amira: *Israele e Palestina: La pace impossibile*⁵⁵. Centenas de pessoas ocupavam a praça medieval, ao lado do Castello Estense, para ouvir as suas palavras. Estudantes se apertavam para ocupar as primeiras filas, sentando-se no chão pavimentado por pedras de rio. Ela apareceu pontualmente às 19h, usando a echarpe que eu havia lhe dado.

⁵⁵ Israel e Palestina: A paz impossível.

Imagens 5 e 6



Imagens de Amira Hass em sua conferência na Piazza Municipale de Ferrara.
2/10/2010. Fotos: Federica Poggi / Internazionale

A segunda parte da entrevista, no dia 3 de outubro, desenrolou-se de outra forma. Amira estava mais relaxada, não teria mais compromissos em Ferrara. Fomos à *Trattoria Il Mandolino*, às 21h, por sugestão minha, e conversamos por uma hora e quinze minutos. Já nos primeiros dez minutos, Amira pediu para eu desligar o gravador: ela iria me contar algo impublicável. Ela parecia confiar em mim e, ao final, senti que, de alguma forma, tinha simpatizado comigo. Depois, fomos ver vitrines de lojas juntas. Ela deixou claro que, na verdade, não gosta de falar para jornalistas, principalmente para a televisão. Em Israel, não concede entrevistas de forma alguma. Eu tive muita sorte, no final das contas.

Quando se trabalha com a História Oral, o que se vê comumente, conforme o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, “é uma total falta de discussão quanto aos aspectos teóricos e metodológicos que envolvem trabalhar com memórias no campo historiográfico”⁵⁶. É recorrente, ele sinaliza, o uso de depoimentos como “prova” ou reforço do argumento desenvolvido pelo historiador. Tentei fugir desse padrão, não trabalhando a fala (e também os textos) de Amira Hass como “verdade” e sim como discurso.

Não há outro jornalista judeu israelense a viver nos Territórios Palestinos para que se faça um comparativo com os relatos de Amira Hass, mas ela transcreve longos diálogos com os personagens à sua volta. A forma como ela se coloca nos seus textos (muitos deles parecem uma citação do seu diário pessoal) também permite que seja estudada a sua vivência profissional.

Outro ponto levantado por Albuquerque Júnior é com relação à transcrição das entrevistas: como transformá-las de algo oral (que foi gravado) para o meio escrito? Onde ficam os gestos, os risos e as lágrimas na transcrição? E onde fica o historiador em meio a tudo isso?

Consolo-me, no entanto, já que o entrevistado falou livremente a partir do roteiro que levei. Ele narrou sua história de vida. Mas será que o meu roteiro não interferiu na sua fala? Não a fabricou de certa maneira? Será que ele não preparou uma versão de sua vida adequada àquela que ele acha ser a minha expectativa? Se a fala foi produzida num momento de interação comigo, eu não estarei

⁵⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 199.

implicado nesta fala? E por que no texto que vou produzir devo fingir que não? Por que o historiador nunca aparece como personagem da fala de seus entrevistados, no máximo avisa que esteve lá na introdução do trabalho, confessa até que chorou, que se emocionou, mas depois nada disso tem implicação em seu texto? (...) Resta, no fim, um vagido daquela fala conquistada a golpes de questionários; capturada, agora, magneticamente; domada pela escritura e suas regras; censurada pelas regras acadêmicas...⁵⁷

Para tentar fugir desse padrão, procurei me incluir como personagem da entrevista. Já que a ideia de gravar a entrevista em vídeo, a fim de capturar gestos, expressões e movimentos que poderiam passar em branco apenas com o uso do gravador, não foi aceita, usei somente o gravador de áudio, mas escrevi minhas impressões em um diário de campo, e essas impressões estão presentes ao longo da pesquisa. O material da entrevista foi transcrito em inglês, aprovado e assinado por Amira Hass⁵⁸. Quando cheguei a Israel, em 5 de outubro de 2010, algumas pessoas não acreditavam quando eu falava o tema de minha pesquisa. “Amira Hass não fala com ninguém”, ouvi inúmeras vezes. E comecei a perceber que todas as entrevistas e conferências de Amira que eu havia consultado para a pesquisa foram feitas no exterior, principalmente após a entrega de prêmios ou condecorações.

Segundo Beatriz Sarlo, é permitido “desconfiar de um discurso da memória exercido como construção de verdade do sujeito”.⁵⁹ Sarlo aponta que a memória cumpre o papel de recuperar o que foi perdido pela violência do poder. No entanto, se o presente dirige o passado, há uma ligação inevitável do passado narrado com a subjetividade de quem rememora no presente. Ao trabalhar com as memórias de Amira Hass (tanto as suas memórias pessoais quanto as memórias de outras pessoas nos Territórios Ocupados, presentes em seus textos), levo isso em consideração.

Tanto a biografia quanto a autobiografia, aponta Carolyn Steedman, devem permanecer em conflito com a escrita da história,

⁵⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Op. cit., 2007. p. 233.

⁵⁸ As cópias estão no acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) da UFSC.

⁵⁹ SARLO, Beatriz. Op. Cit., 2007. p. 44.

porque, na verdade, a história ainda não terminou, não chegou a um “fim”, não pode ser concluída.⁶⁰ Em *A ilusão biográfica*, Pierre Bourdieu sustenta que o relato autobiográfico baseia-se, pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido entre os estados sucessivos da vida, enquanto o “real é descontínuo”. É preciso levar em conta que Amira Hass escreve, muitas vezes, em tom autobiográfico, e também reúne relatos biográficos das pessoas que a cercam.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência de toda uma tradição literária que não deixou e não deixa de reforçar⁶¹.

De acordo com Steedman, a história deve ser vista como um processo, uma imaginação, uma recordação. Para a autora, é preciso compreender como as práticas da memória deram origem à história em sua concepção moderna.⁶² O objeto, a história do passado, o acontecimento, é alterado pela própria busca. O que foi perdido não pode mais ser recuperado, e isso não quer dizer que nada possa ser encontrado, mas ali aparece algo mais, que é criado pelo ato de procurar. Dessa forma, os historiadores devem repensar as noções de causa, remover as explicações históricas do tempo linear. Na prática da história, algo aconteceu com o tempo: ele foi desacelerado e comprimido. E os espaços e lugares da vida íntima passaram a ser valorizados⁶³.

Dentro dessa mesma perspectiva, para Beatriz Sarlo as visões do passado não deixam de ser construções, sempre tendo como base o presente. “O passado *se faz presente*”⁶⁴. Ao observar a obra e a entrevista que fiz com Amira, essa frase ganha ainda outro sentido: os

⁶⁰ STEEDMAN, Carolyn. *Dust*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2001. p. 146

⁶¹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 184.

⁶² STEEDMAN, Carolyn. Op. cit., 2001, p. 67.

⁶³ Ibidem, p. 77-81.

⁶⁴ SARLO, Beatriz. Op. cit., 2007, p. 10.

conflitos que a cercavam em 1993, quando mudou-se para os Territórios Palestinos, ainda são praticamente os mesmos, ainda estão muito presentes, o passado e o “hoje”, muitas vezes, confundem-se. Em meio às tensões do conflito palestino-israelense, memórias e sensações do presente se misturam.

Conforme aponta Jean-Pierre Rioux, essa proximidade, que faz parte da História do Tempo Presente, não é um problema, afinal é o próprio historiador quem cria, em todos os lugares e por todo o tempo, o “recuo” necessário para a observação histórica⁶⁵. E talvez esse tenha sido um dos maiores desafios da minha pesquisa: ao trabalhar com o presente, procurei ter o olhar do historiador, não de um “jornalista fortemente documentado”⁶⁶.

E se a memória dá significado ao passado, como sustenta Elizabeth Jelin⁶⁷, com subjetividades simbólicas e materiais que contribuem para a formação da identidade⁶⁸, mergulhei nas memórias de Amira Hass. Nas suas e de outras pessoas, narradas em sua obra.

A narrativa histórica tradicional sempre deu pouco espaço para as mulheres, argumenta Michele Perrot, porque a narrativa privilegiou a cena pública, onde elas aparecem pouco. Para ela, os arquivos públicos “calam” as mulheres, que tem seus registros, majoritariamente, no âmbito privado. “É por isso que os desenvolvimentos recentes da história chamada de 'oral' são de certa maneira uma revanche das mulheres. (...) Dar palavra aos deserdados, às pessoas sem história...”⁶⁹. Dessa forma, Amira Hass transcreve em seu primeiro livro longos trechos de entrevistas realizadas com mulheres palestinas em Gaza, entre 1993 e 1996.

Amira estudou História na faculdade, mas não tem o mesmo rigor metodológico dos historiadores para realizar suas entrevistas. Em muitos casos, a jornalista identifica a fonte apenas com a inicial do seu primeiro nome. O historiador Benito Bisso Schimdt aponta aproximações e afastamentos no trabalho dos historiadores e dos jornalistas,

⁶⁵ RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAVENEAU, A.; TÉTARD, Ph. (org.) *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999. p. 46.

⁶⁶ Expressão utilizada por Jean-Pierre Rioux.

⁶⁷ Diretora do Programa de Doutorado em Ciências Sociais na Universidad Nacional de General Sarmiento (UNGS) e do Instituto de Desarrollo Económico y Social (IDES), em Buenos Aires, Argentina.

⁶⁸ JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno de Argentina Editores, 2001.

⁶⁹ PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina; In: *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005. p. 40.

principalmente no que diz respeito à construção de biografias. O gênero biográfico, ele ressalta, emerge na história e no jornalismo dentro de um processo de aproximação dessas áreas com a literatura, o que resulta na incorporação do elemento ficcional e também na adoção de outras técnicas narrativas.

Porém, apesar de tal semelhança, é possível destacar igualmente algumas diferenças importantes entre as biografias produzidas por historiadores e aquelas construídas por jornalistas. Em primeiro lugar, há um tratamento diferenciado das fontes de pesquisa. A historiografia, apesar de suas significativas transformações teóricas e metodológicas recentes, manteve-se fiel à tradição da crítica (interna e externa) aos documentos: quem produziu determinado vestígio? Em que situação? Com quais interesses? Estes questionamentos, primários na investigação histórica, nem sempre estão presentes nos trabalhos jornalísticos⁷⁰.

Amira Hass não escreve biografias e tampouco me propus a escrever uma biografia sobre a jornalista. Além das barreiras da língua (Hass fala inglês, mas sua produção é quase toda em hebraico⁷¹, que eu não domino) e da distância, não creio que o período destinado à realização do mestrado seria suficiente para fazer um trabalho com esse fôlego. De qualquer forma, busquei fazer nesta pesquisa uma narrativa histórica, de historiador e não de jornalista.

Conforme aponta Benito Bisso Schmidt, alguns historiadores já demonstraram que clareza e elegância estilística não são incompatíveis com as normas técnicas exigidas pelos trabalhos acadêmicos. Nesse sentido, Schmidt cita o historiador italiano Carlo Ginzburg, autor de *O queijo e os vermes*: essa é uma história e também um escrito histórico, em que o texto dirige-se ao leitor comum e ao especialista⁷².

⁷⁰ SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*. 1997. v.19. p. 8.

⁷¹ Com exceção dos textos para a revista italiana Internazionale, como já citado anteriormente.

⁷² SCHMIDT, Benito Bisso. Op. cit, 1997, p. 10.

Com o texto de Ginzburg⁷³ em mente, em que a trajetória do moleiro italiano Menocchio é narrada de maneira fluída e atraente, me propus a entrelaçar as memórias de Amira Hass com o momento histórico de Israel e dos Territórios Palestinos, sem dedicar um capítulo exclusivo para o contexto histórico. O primeiro capítulo trabalha a construção da memória familiar de Amira Hass e a sua formação profissional. O capítulo 2 aborda a ida da jornalista para Gaza e a política israelense de bloqueio aos palestinos. O capítulo 3 é sobre o cotidiano na Cisjordânia, a vida de Amira em Ramallah e a sua relação com o *Ha'aretz*. Todos os capítulos, além de estarem permeados pela história de Israel e dos Territórios Palestinos, trabalham os relatos do cotidiano e de gênero produzidos pela jornalista.

Procurei ter o foco sobre os indivíduos “à margem”, não sobre os grandes personagens. “Alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo - e justamente por isso representativo - pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico”⁷⁴. Um exemplo de personagem é Um Ahmad, moradora de Gaza entrevistada por Amira Hass em 1995. Ela relata que tinha 12 anos e havia feito a matrícula para a nona série, mas seu pai a proibiu de estudar, pois como uma jovem mulher deveria trazer dinheiro para casa, trabalhando em uma plantação da família. Com o passar do tempo, as coisas mudaram. As mulheres de Gaza têm mais acesso aos estudos, porém ainda precisam começar a trabalhar em casa muito cedo. Apesar de defender o estudo para as mulheres, Um Ahmad afirma que, entre os árabes, os homens devem ter o poder de decisão. “Meu marido é quem decide as coisas, não tenho vergonha de dizer isso. Quando ele estava na prisão, ele me disse para fazer tudo o que eu quisesse. Agora que está de volta, ele decide novamente o que devo fazer”⁷⁵.

Esse tipo de narrativa aproxima Amira de Carolyn Steedman. Em *Dust*, a historiadora britânica afirma que história e biografia estão juntas como maneiras de percepção e modos de pensar; a vida é a analogia da história, e os historiadores querem fins, tanto como qualquer outra pessoa. No entanto, “historiadores são os únicos narradores que não podem ter o que querem. E aqui está outro problema: história e biografia se aproximaram, fazem constante referência uma a outra, faz que nós vejamos uma na outra, faz-nos pensar da mesma maneira, mas uma é

⁷³ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁷⁴ GINZBURG apud SCHMIDT. Op. cit., 1997, p. 16.

⁷⁵ AHMAD apud HASS, Op. cit., 1999, p. 197.

sobre o fim, e a outra pode somente ser sobre os 'fins'⁷⁶.

Em outro depoimento narrado por Amira Hass, “A.S.” conta que, em 1985, com a ajuda de amigos, lançou uma granada contra um edifício israelense, próximo à fronteira com Israel. Mas a granada não explodiu e ele entrou em pânico. Supôs que os soldados israelenses desarmariam o explosivo, o levariam para um laboratório e, por meio das análises das impressões digitais, poderiam identificá-lo e prendê-lo. Então A.S. sugeriu que “B.”, sua esposa grávida, voltasse ao local para procurar a granada, já que ninguém suspeitaria dela. Os amigos não concordaram com a ideia, mas A.S. insistiu. Somente naquele momento B. ficou sabendo do envolvimento de seu marido com o braço armado do Fatah⁷⁷, do qual fazia parte havia sete anos. B. acompanhou o marido ao local e encontrou a granada. A.S. pegou o explosivo na mão e o carregou do lado de fora da janela do carro e, como não sabia desarmá-lo, jogou-o no mar. Segundo B., ela não hesitou em participar do resgate da granada, já que todos devem lutar contra a ocupação israelense. Para ela, “mulheres e crianças não devem ficar à sombra de segredos”. “Mesmo se fossemos presos ou morrêssemos como mártires, ainda assim estaríamos combatendo a ocupação. (...) Eu só pensava em proteger meu marido. Tinha certeza de que ele não morreria se eu estivesse com ele”⁷⁸.

A narrativa de Amira expõe regularidades nas histórias de vida de mulheres israelenses e palestinas. De acordo com o historiador francês Luc Capdevilla, para a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais – e também para outros conflitos – a questão das relações homem–mulher são inscritas no cenário político da guerra. “De alguma maneira, a guerra politiza as relações de gênero”⁷⁹. Os textos de Amira Hass, com a sua memória familiar, a memória de mulheres e homens palestinos e os sentimentos da intimidade, pode nos aproximar da História. Os escritos pessoais também são um “acervo histórico” e essa fonte, a obra de Amira, ajuda-nos a ler a história nas entrelinhas, seja a história dos judeus que sobreviveram ao Holocausto, seja a história do conflito entre palestinos e israelenses, um dos maiores dramas políticos contemporâneos.

⁷⁶ STEEDMAN, Carolyn. Op. cit., 2001, p. 149-150.

⁷⁷ Organização política e militar fundada em 1959. Falarei sobre o Fatah mais adiante.

⁷⁸ B apud HASS. Op. cit., 1999, p. 15.

⁷⁹ CAPDEVILLA apud PEDRO. Op. cit., 2008, p. 83.

Capítulo 1

Amira e a memória familiar: entre o dito e o não dito

Amira Hass acredita ter cometido um erro irremediável. Com a morte de seu pai, Abraham Hass, em julho de 1997, e de sua mãe, Hanna Lévy-Hass, em junho de 2001, ela percebeu que não tinha feito as perguntas que gostaria e muitas questões ficaram sem resposta⁸⁰.

Por suas próprias razões, eles não deixaram registros organizados de suas vidas e pensamentos. Abraham tentou escrever algumas coisas aqui e ali, escrevendo em hebraico, que me soou mais como um anseio de iídiche. Ele prometeu a si mesmo que eu acabaria por editar suas memórias, mas o trabalho empacou. (...) Hanna, que escreveu lindamente e era fluente em várias línguas, recusou-se a escrever qualquer coisa além do diário que ela manteve em Bergen-Belsen de 1944 a 1945, que poderia ter custado sua vida se fosse descoberto.⁸¹

Quando criança, Amira pensava que sua mãe havia lhe contado muito sobre o seu passado, que sabia tudo sobre ela e sobre sua família. “Agora” – reconhece Amira – “sei que os silêncios foram um pesado e substancial componente de sua biografia”. Silêncios talvez mais importantes do que aquilo que foi dito, hoje revistos e revisados⁸².

Hanna Lévy-Hass nasceu em Sarajevo (antiga Iugoslávia, atual Bósnia e Herzegovina) em 18 de março de 1913, pouco antes do início da Primeira Grande Guerra. Era a filha mais nova de uma família de judeus sefarditas, originários da Espanha, que foram expulsos da

⁸⁰ HASS, Amira. On my parents. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 124.

⁸¹ HASS, Amira. On my parents. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 125. Texto original: *For their own reasons, they did not leave behind them neat records of their lives and thoughts. Abraham did try to jot things down here and there, writing in Hebrew that sounded to me more and more like some longing for Yiddish. He promised himself that I would eventually edit his memoirs, but got stuck. (...) Hanna, who wrote beautifully and was fluent in several languages, refused to write anything beyond the diary she kept in Berger-Belsen from 1944 to 1945, the writing of which would have been punishable by death on the spot.*

⁸² HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 14.

península Ibérica pelos reis católicos de Aragão e Castilha. A língua falada em casa era o ladino, que combina espanhol com hebraico e outros idiomas. Entretanto, Hanna respondia sempre em língua servo-croata, que era o seu vernáculo⁸³.

Mas, afinal, o que significa ser judeu? “Essa é uma questão que intelectuais de diferentes origens vêm tentando responder ao longo do tempo”⁸⁴, afirma o historiador Boris Fausto. Para o escritor Moacyr Scliar, o judaísmo é mais do que uma religião. É, antes de tudo, a cultura de um povo que soube manter sua unidade, preservando suas crenças ao longo de milênios⁸⁵. A religião do povo judeu é o judaísmo, mas há judeus que não seguem nenhuma prática religiosa⁸⁶. Ou seja, ser judeu significa, ao mesmo tempo, uma etnia e uma religião monoteísta, uma das mais antigas do mundo⁸⁷.

Hanna, a mãe de Amira, em meio a um caldeirão de culturas e identidades, manteve-se sempre uma judia iugoslava. Ela contava em iugoslavo e até os seus últimos dias se lembrava das cores, das paisagens e dos cheiros de Sarajevo. Com os massacres e fragmentação na Iugoslávia⁸⁸, sabia que sua terra natal estava sendo destruída, mas não queria conhecer os detalhes. Era doloroso demais⁸⁹. Amira disse-me que pode ter uma ideia do que era a Sarajevo dos tempos de sua mãe quando visitou Istambul pela primeira vez, em 2009. E a Sarajevo antes da Segunda Guerra que povoava os sonhos de Hanna era uma cidade tolerante, onde os muezins muçulmanos chamavam para as orações, os sinos das igrejas cristãs tocavam e se ouvia os salmos do Sabá dos judeus pelas ruas⁹⁰.

⁸³ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 12.

⁸⁴ FAUSTO, Boris. *Memórias de um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 278.

⁸⁵ SCLIAR, Moacyr. *Judaísmo: dispersão e unidade*. São Paulo: Ática, 1994.

⁸⁶ FINE, Doreen. *O que sabemos sobre o judaísmo?* São Paulo: Callis, 1998. p. 9.

⁸⁷ A recente publicação do livro *A invenção do povo judeu*, do historiador israelense Shlomo Sand, gerou polêmica em Israel e espalhou-se pelo mundo. O autor defende que o “povo judeu”, na realidade, não existe. O judeus seriam de diferentes origens, que se converteram à religião ao longo dos séculos.

⁸⁸ Entre 1991 e 2001, a antiga Iugoslávia foi palco de um intenso conflito bélico, o que Amira Hass chama de um ataque dos sérvios sobre todos os outros. O antigo território deu origem à Sérvia, Croácia, Kosovo (cuja independência não é reconhecida pela Sérvia), Bósnia e Herzegovina, Montenegro, Eslovênia e Macedônia.

⁸⁹ HASS, Amira. The Lost Worlds of Hanna Levy Hass. 3 de novembro de 2009. Palestra na University of California (UCLA). Los Angeles: UCLA, 2009. Podcast disponível em: <http://www.international.ucla.edu/cnes/podcasts/article.asp?parentid=113224>

⁹⁰ HASS, Amira. Op. cit., 1999, p 6.

No início dos anos 1930, acompanhada de sua mãe, Rifka, e de sua irmã, Rosa, Hanna foi estudar em Belgrado (atual Sérvia), devido a uma bolsa de estudos⁹¹ recebida do governo. Neste período, de crescimento do antisemitismo⁹², Hanna se envolveu com o movimento comunista clandestino.

1.1 Terra sem povo

O Sionismo⁹³, movimento político que defende a volta dos judeus para a “terra prometida”, ganhou forma em 1895, 18 anos antes do nascimento de Hanna. Naquele ano, o jornalista judeu húngaro Theodor Herzl publicou o livro *O Estado Judeu*, defendendo a criação de um Estado, principalmente por causa do aumento do sentimento antisemita na Europa. Dois anos depois, foi realizado o primeiro Congresso Sionista, na Suíça, em que os rabinos decidiram enviar dois representantes à Palestina, que pertencia ao Império Otomano e era habitada majoritariamente por árabes. “Era uma missão exploratória para verificar a viabilidade das decisões daquele Congresso, que havia aprovado a criação de um 'lar nacional' na Palestina para o povo judeu”⁹⁴. Ou seja, a missão iria verificar se era possível a construção de um Estado judeu no mesmo local em que os hebreus viveram na antiguidade, antes de serem expulsos pelos babilônios, depois pelos romanos e dispersos pelo mundo.⁹⁵ Alguns meses depois, os enviados mandaram um telegrama para Viena: “a noiva é bela, mas está casada

⁹¹ Hanna também recebeu, posteriormente, uma bolsa para estudar alguns meses na Sorbonne, em Paris.

⁹² O termo antisemitismo significa, literalmente, preconceito e/ou rejeição quanto aos semitas (povos falantes de línguas semíticas como árabe e o hebraico), mas historicamente antisemitismo tem aplicação restrita aos judeus e ao judaísmo. O termo foi usado pela primeira vez, em 1879, pelo jornalista alemão Wilhelm Marr. Porém, a existência de um ódio específico contra os judeus antecede a era moderna e a criação do próprio termo antisemitismo. “Entre suas manifestações mais comuns e destrutivas, estão os *pogroms*, palavra russa que descreve os grandes ataques de violência contra os israelitas, muitas vezes apoiados por autoridades governamentais”. United States Holocaust Memorial Museum. Antisemitismo. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005175>. Acesso em: 20 de julho de 2010.

⁹³ O termo deriva de Sion, uma colina de Jerusalém, e foi usado pela primeira vez em 1890. MASSAULIÉ, François. *I conflitti del Medio Oriente*. Florença: Giunti, 2001. p. 47.

⁹⁴ CAMARGO, Cláudio. Guerras árabe-israelenses. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 427.

⁹⁵ Idem.

com outro homem”⁹⁶, uma referência à população árabe que habitava a região. Ainda assim, o slogan do movimento sionista permaneceu intocável: “uma terra sem povo para um povo sem terra”.

A primeira grande vitória diplomática dos sionistas veio em 1917, em meio à Primeira Grande Guerra, com a Declaração de Balfour, em que o ministro do Exterior britânico Arthur James Balfour expressava apoio ao projeto sionista. Na época, a população de judeus na Palestina era de aproximadamente 56 mil pessoas, contra uma população árabe nativa de 644 mil⁹⁷. Os sionistas pensavam que os benefícios econômicos trazidos com a emigração de judeus diminuiriam a resistência árabe. “Mas a Grã-Bretanha estava em plena guerra contra o Império Otomano e, como precisava do apoio das populações árabes que habitavam aqueles territórios controlados pelos turcos, prometeu-lhes também mundos e fundos”⁹⁸.

Com o fim da guerra, e consequente desmantelamento do Império Otomano, foi criado o sistema de mandatos, na Conferência de Paz em Paris em 1919, definindo que as áreas do antigo domínio turco deveriam ser administradas pelas potências aliadas vencedoras (França e Grã-Bretanha), para que, no futuro, esses territórios pudessem virar Estados-Nação, de acordo com os moldes ocidentais.

Assim, em 1920, foram criados os mandatos britânicos sobre a Mesopotâmia (Iraque), Transjordânia (futura Jordânia) e Palestina. Já os franceses ficaram com os territórios da Síria e do Líbano. Em 1922, a Liga das Nações (antecessora da ONU) aprovou o sistema de mandatos, incluindo os termos da Declaração de Balfour que previa a construção de um “lar judaico” na Palestina⁹⁹.

E, claro, isso provocou o ressentimento dos árabes. Afinal, de um elemento da política externa da Grã-Bretanha, o mandato britânico sobre a Palestina fez do patrocínio ao projeto sionista uma política oficial da Liga das Nações. E a Grã-Bretanha, em vez de impulsionar a independência da Palestina, passou a preocupar-se com a colonização judaica. Na verdade, (...) a Inglaterra

⁹⁶ DEUTSCHER, Isaac apud CAMARGO, Cláudio. In: MAGNOLI, Demétrio (org.), *Op. cit.*, p. 427.

⁹⁷ CAMARGO, Cláudio. *Guerras árabe-israelenses*. In: MAGNOLI, Demétrio (org.), *Op. cit.*, 2006, p. 429.

⁹⁸ *Idem.*

⁹⁹ *Idem.*

pretendia manter seu controle sobre a Palestina, uma região estratégica situada próxima ao Iraque, onde os ingleses tinham expectativa de encontrar petróleo – o que somente ocorreria em 1927¹⁰⁰.

Foi iniciada, dessa forma, uma grande emigração de judeus da Europa para a Palestina, impulsionada pela crise mundial provocada pela quebra da bolsa de Nova York em 1929. A medida que os judeus chegavam, a revolta árabe intensificava-se, principalmente a partir de 1936. O conflito atingia árabes e judeus e os britânicos não conseguiam controlar a situação.¹⁰¹ Em 1937, uma comissão liderada por Lorde Peel concluiu que o nacionalismo judaico era tão forte quanto o nacionalismo árabe. Por isso, propôs a divisão da Palestina em dois Estados, um judeu e um árabe. O plano foi rejeitado pelos dois lados e, em 1939, a Grã-Bretanha abandonou a idéia do “lar judaico” e publicou o livro “*Branco*”, defendendo o fim da emigração de judeus para a Palestina e a criação de um Estado binacional¹⁰². Os ingleses tinham segundas intenções: precisavam do apoio árabe para derrotar a Alemanha nazista.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, com as notícias sobre o Holocausto sendo divulgadas em todo o mundo, com a “descoberta” da extensão do desastre, a reivindicação sionista ganhou ainda mais força. Em fevereiro de 1947, a Grã-Bretanha, incapaz de dominar a situação, solicitou que a recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU) tomasse conta da Questão Palestina. Constituiu-se uma comissão (UNSCOP) que elaborou dois planos, um deles aprovado pela Assembléia da ONU em 29 de novembro de 1947: a criação de dois Estados, um árabe e outro judeu, com Jerusalém como uma entidade separada¹⁰³. Mil e novecentos anos após o desaparecimento de uma estrutura estatal hebraica na Terra Santa, a comunidade internacional reconhecia o direito dos judeus de construir ali um estado judaico¹⁰⁴.

O grande impulso do movimento sionista, desde o seu início, foi

¹⁰⁰ CAMARGO, Cláudio. Guerras árabe-israelenses. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). Op. cit., 2006, p. 429.

¹⁰¹ KLEIN, Claude. *Israele, Lo Stato degli Ebrei*. Florença: Giunti Gruppo Editoriale, 2000. p. 16.

¹⁰² CAMARGO, Cláudio. Guerras árabe-israelenses. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 430.

¹⁰³ KLEIN, Claude. Op. cit, 2000, p. 20.

¹⁰⁴ VIDAL, Dominique. *Il peccato originale di Israele: L'espulsione dei Palestinesi rivisitata dai “nuovi storici” israeliani*. San Domenico di Fiesole: Edizioni cultura della pace, 1999. p. 33.

o antissemitismo. Porém, Zygmunt Bauman alerta que “o argumento de que a violência antijudaica em geral e particularmente o caso específico do Holocausto se explicam como uma 'culminação dos sentimentos antijudaicos', 'um antissemitismo mais intenso' ou a 'erupção do ressentimento popular contra os judeus' é frágil e tem pouca base na história ou em evidências atuais”¹⁰⁵. Para ele, o antissemitismo não oferece explicação do Holocausto¹⁰⁶.

Shulamit Volkov, professora de História Moderna Européia na Universidade de Tel Aviv, argumenta que a historiografia do Holocausto é um campo de contestação e de olhares que competem entre si¹⁰⁷. “O antissemitismo nazista não pode mais ser tratado como apenas uma causa para os eventos, uma motivação onipresente como pano de fundo do Holocausto. Afinal, ele também precisa ser explicado: o antissemitismo é parte do enigma”¹⁰⁸.

A proposta de Volkov é que, dentro de uma questão tão complexa, pelo menos deve se buscar substituir a questão “por que” por “como”, para pelo menos tentarmos entender um pouco mais o Holocausto¹⁰⁹. O fato é que o racismo é uma criação profundamente moderna e uma característica peculiar da diáspora judaica é a universalidade da falta de lar para os judeus¹¹⁰.

Segundo o historiador israelense Elia Barnavi, Hitler foi uma poderosa mola de impulsão para a edificação do Estado judeu¹¹¹. Barnavi faz parte do grupo que se convencionou chamar de “novos historiadores israelenses”. Nos últimos anos, eles têm reescrito a história de Israel, principalmente relacionado à questão da fundação do Estado, ao êxodo de árabes da região e às discussões do processo de paz. Esse

¹⁰⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 53.

¹⁰⁶ Para ver mais sobre isso, ver BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

¹⁰⁷ VOLKOV, Shulamit. Anti-semitism as explanation: for and against. In: POSTONE, Moishe; SANTNER, Eric. *Catastrophe and Meaning: The Holocaust and the Twentieth Century*. Chigaco: The University of Chicago Press, 2003. p. 34.

¹⁰⁸ VOLKOV, Shulamit. Anti-semitism as explanation: for and against. In: POSTONE, Moishe; SANTNER, Eric. *Catastrophe and Meaning: The Holocaust and the Twentieth Century*. Chigaco: The University of Chicago Press, 2003. p. 44. Texto original: *Nazi anti-Semitism can no longer be treated as only a cause for the events, an omnipresent motivation at the background of the Holocaust. After all, it too, needs explaining: anti-Semitism is part of the enigma.*

¹⁰⁹ Dessa forma, não procuro entrar na discussão dos “porquês”, no que diz respeito ao Holocausto e à família de Amira Hass.

¹¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. Op. cit., 1998. p. 55.

¹¹¹ BARNAVI apud VIDAL. Op. cit, 1999. p. 35.

grupo, que tem Benny Morris como seu representante mais conhecido, utiliza como fonte, principalmente, documentos oficiais do governo israelense.

A história oficial, contada desde o final dos anos 1940, afirma que os palestinos não foram arrancados à força de suas casas em 1948. Houve até um movimento para prevenir o êxodo de cerca de 800 mil pessoas¹¹², que fugiram de acordo com as instruções das autoridades árabes. Porém, outra versão emergiu dos arquivos, pesquisados inicialmente por Benny Morris. Em 1987, ele publicou *The Birth of the Palestinian Refugee Problem*, em que apresentava 369 cidades e vilas árabes de Israel em 1949 e mostrava os motivos da fuga em massa dessas localidades. De acordo com a pesquisa de Morris, 228 cidades foram evacuadas durante ataques de tropas israelenses e 90 cidades foram abandonadas após ataques a regiões vizinhas, principalmente após o massacre dos habitantes de Deir Yassin, em 9 de abril de 1948, que se espalhou rapidamente¹¹³. Dos 800 habitantes da vila, 254 foram mortos¹¹⁴.

Segundo o historiador israelense – nascido na Polônia – Simha Flapan (1911-1987), o Estado judeu foi criado à custa de uma guerra desastrosa. Em vez de ganharem a sua independência, os palestinos transformaram-se em um povo de refugiados. Como consequência, o conflito se intensificou e se ampliou, transformando o Oriente Médio em uma região de instabilidade, violência e guerra. De maneiras diferentes, os dois povos (judeus e árabes) pagam hoje o preço daquela política falida¹¹⁵.

1.2 Relatos da escuridão

No início dos anos 1940, já iniciada a Segunda Grande Guerra, a família de Hanna estava dividida entre Belgrado, Sarajevo e algumas cidades na Croácia. Em setembro de 1943, os exércitos da Alemanha nazista ocuparam Belgrado. Ela decidiu se unir aos partisanos - com quem já havia participado de uma operação, atuando como enfermeira - e tentou convencer, sem sucesso, a pequena comunidade judia de

¹¹² Esse número é alvo de contestação. Em algumas estimativas, fala-se do êxodo de 500 mil árabes, em outras 900 mil, 1 milhão. Trabalho com a estimativa publicada por Dominique Vidal. VIDAL, Dominique. Op. cit., 1999.

¹¹³ MORRIS apud VIDAL. Op. cit, 1999. p. 68.

¹¹⁴ VIDAL, Dominique. Op. cit., 1999.p. 93

¹¹⁵ FLAPAN apud VIDAL. Op. cit, 1999. p. 159.

Danilov, onde dava aulas, a acompanhá-la. Pronta para partir para as montanhas, três jovens judeus apareceram e imploraram para que ela ficasse. Eles estavam convencidos de que os alemães perceberiam sua falta, perceberiam que ela se uniu aos partisanos e em retaliação matariam os membros restantes da comunidade, cerca de 30 pessoas¹¹⁶.

Os partisanos na Iugoslávia eram uma milícia antifascista, formada em 1939, para combater os nazistas e seus colaboradores. Judeus e cristãos lutaram lado a lado e, assim como ocorreu em outros países, mulheres e homens pegaram em armas. As histórias dessas milhares de mulheres que se uniram à resistência, conforme aponta Stefania Maffeo, ainda são pouco conhecidas e estudadas. Segundo os dados da *Associazione Nazionale Partigiani d'Italia*, somente na Itália 70 mil mulheres aderiram ao movimento durante a Segunda Guerra¹¹⁷.

Apesar da hierarquia existente dentro dos grupos partisanos, e das relações de poder que deixavam muitas mulheres responsáveis por atividades ligadas ao “cuidado”, “a resistência, para essas mulheres, significava mais do que empunhar uma arma, era a conquista da cidadania política”¹¹⁸, afirma Maffeo, em contraposição ao modelo feminino proposto pelo nazi-fascismo.

Mas Hanna, depois da visita daqueles três jovens, decidiu permanecer com os judeus e foi presa em fevereiro de 1944. Ficou seis meses em uma prisão da Gestapo em Cetinje, Montenegro. Lá, escreveu um diário, que acabou sendo perdido. Amira só soube da existência desse diário muitos anos depois, pois sua mãe nunca falou sobre isso. Quais seriam as razões? Uma hipótese levantada por Amira seria que sua mãe dava pouco valor à sua própria existência e a seus escritos. Outra hipótese seria de que isso fez parte do desejo de Hanna de se manter em silêncio¹¹⁹.

Hanna falou muito pouco sobre essa prisão. Certa vez, Amira perguntou a mãe se ela havia sido torturada e Hanna negou. “Eu queria e ainda quero ter esperança de que isso é verdade”¹²⁰, diz Amira. Entre as poucas reveladas à filha, está o relato de uma execução. A mulher de um

¹¹⁶ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. *Diary of Bergen-Belsen (1944-1945)*. Chicago: Haymarket Books, 2009. p. 16.

¹¹⁷ MAFFEO, Stefania. Storie delle donne partigiane: fu una resistenza taciuta. *Storia in Network*. Março de 2004, edição n. 89. Disponível em: <http://www.storiain.net/arret/num89/artic3.asp>

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009. p. 16.

¹²⁰ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009. p. 16. Texto original: *I wanted and still want to hope that it is true.*

líder partisan estava sendo levada para a força pelos guardas. A condenada resistia, gritava, implorava por sua vida. Outra prisioneira não suportava o que via e, apesar dos protestos dos seus colegas de cela, ajudou os militares a arrastar a mulher para que o tormento tivesse fim. Para Hanna, esse é um forte exemplo de *collaboration*¹²¹, como contaria a Amira anos depois. Uma cena que provocava arrepios só de ser lembrada¹²².

Seis meses depois, em agosto de 1944, Hanna foi enviada para o campo de concentração de Bergen-Belsen, no norte da Alemanha. Diferentemente de outros campos de extermínio, como Auschwitz (na Polônia), onde os assassinatos em massa eram constantes, as mortes em Bergen-Belsen ocorriam devido à fome, sede, doenças, epidemias, falta de saneamento básico e superlotação¹²³. De acordo com dados do *United States Holocaust Memorial Museum*, de 1940 a 1945, o complexo de Bergen-Belsen encarcerou judeus, prisioneiros de guerra, ciganos, criminosos, testemunhas de jeová e homossexuais¹²⁴. Estima-se que de 50 mil a 70 mil pessoas morreram no local, a maior parte delas judia.

Em outro diário¹²⁵, escrito às escondidas, Hanna relatou o cotidiano nos galpões de Bergen-Belsen e como ela e tantos outros chegaram até lá. Passaram duas semanas no vagão de um trem para transporte de gado, dividindo o espaço com 40 a 60 pessoas, sem ar, sem comida, sem água, sem luz. Apenas duas vezes, durante toda a viagem, receberam um pouco de água e alimento. Os alemães se recusavam a abrir as portas para as necessidades básicas e Hanna narra com constrangimento a situação. Só puderam sair três vezes, em 14 dias. Em uma noite, o trem atravessava uma região que estava sendo atacada, por partisans ou por aviões, Hanna não sabe ao certo. Os tiroteios não cessavam e os alemães pararam o trem para que pudessem se proteger em local seguro. Hanna e os outros foram obrigados a ficar. “Aquilo era o inferno”¹²⁶, ela resume. Foi durante um desembarque, nessa viagem forçada, que Hanna viu e foi vista por aquele grupo de mulheres alemãs, que somente observaram a cena com indiferença.

¹²¹ Traidora cooperação com o inimigo.

¹²² HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009. p. 17.

¹²³ Ibidem, p. 20.

¹²⁴ United States Holocaust Memorial Museum. *Bergen-Belsen*. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005224>. Acesso em: 12 de julho de 2010.

¹²⁵ O diário foi publicado inicialmente em 1946, na Iugoslávia. Versões em francês e alemão saíram em 1961. Em inglês, a primeira edição é de 1982.

¹²⁶ LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009. p. 60-62. Texto original: *It was hell*.

O diário de Hanna é o único escrito – que se tem notícia – produzido por um membro da resistência dentro do campo de Bergen-Belsen. Logo após o lançamento de uma nova edição do diário em inglês, Amira proferiu palestra, em 3 de novembro de 2009, na University of California, em Los Angeles (UCLA)¹²⁷. Nesse dia, reconheceu sua imensa dificuldade “emocional” em reler o diário de sua mãe.

1.3 Muitas verdades

Em 22 de agosto de 1944, Hanna escreveu sobre o seu arrependimento de não ter ido para as montanhas com os partisanos. “Poderia ser mais doloroso, mais amargo, talvez, mas ao menos se sentiria como um ser humano, livre para pensar e agir”, revelou. Somente lá o sofrimento teria sentido¹²⁸. Quatro dias depois, escreveu sobre os homens, prisioneiros de Bergen-Belsen. Hanna os descreve como muito mais fracos e muito menos resilientes do que as mulheres: eles não conseguiam dar conta de si mesmos, aparentavam total falta de coragem, não conseguiam dominar seus estômagos. Hanna argumenta que por muito tempo os prazeres dominaram a vida dessas pessoas e, por isso, privações e abnegações eram tão trágicas. Poucos são aqueles – ela concluiu – que conseguem preservar sua dignidade diante do inimigo, sem covardia¹²⁹.

O ambiente é sufocante. O fato de que fomos todos deportados de todos os cantos do mundo e que você ouve nada menos do que 25 diferentes línguas não é o pior. (...) Essa massa humana é heterogênea. Foi empilhada aqui pela força, pela violência, neste pequeno pedaço de terra, sujo, úmido, forçada a viver nas mais humilhantes condições e suportar as privações mais brutais, de tal forma que todas as paixões e fraquezas humanas desencadearam-se, às vezes assumindo formas bestiais¹³⁰.

¹²⁷ HASS, Amira. The Lost Worlds of Hanna Levy Hass. 3 de novembro de 2009. Palestra na University of California(UCLA). Los Angeles: UCLA, 2009. Podcast disponível em: <http://www.international.ucla.edu/cnes/podcasts/article.asp?parentid=113224>

¹²⁸ LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009. p. 41.

¹²⁹ Ibidem, p. 44-45.

Hanna relata as brigas frequentes no campo, principalmente entre as mulheres. Em sua opinião, cada uma se sentia unicamente ameaçada ou ridicularizada, sem observar que os demais também enfrentavam o mesmo sofrimento. Ela compara a vida de todos a de escravos, e seria de propósito estarem todos empilhados, sem espaço para respirar: isso fazia com que todos perdessem a calma, discutissem, sendo reduzidos – pouco à pouco - a animais. Assim, segundo ela, era mais fácil humilhá-los, torturá-los. O sofrimento tornava-se ainda pior quando a água era cortada sem aviso¹³¹.

Hanna tem noção, enquanto escreve o diário, de que se algum dia aquilo tivesse fim, cada sobrevivente falaria daquele “campo de horror” à sua própria maneira. Em 11 de outubro de 1944, ela escreveu que haveria muitas verdades, principalmente porque muitas pessoas dentro do seu bloco, cerca de 600 a 800 pessoas, de um total de sete mil, tinham privilégios. Muitos eram judeus, mas por colaborarem com os nazistas, tinham um trabalho melhor e recebiam tudo o que precisavam, de alimentos a roupas.

Para ela essas pessoas, por estarem vivas e bem alimentadas, esqueceram completamente do sofrimento dos outros, e até desenvolviam teorias para explicar que, na verdade, os alemães agiam de forma brutal porque muitos dos presos eram “ineptos”, “apáticos” e não sabiam trabalhar. Esses “afortunados” não ligavam para o que acontecia dentro dos blocos, não queriam ver, nem ouvir. Muitos moravam em prédios separados, com relativo conforto, e criaram um mundo próprio¹³². “Estas pessoas terão coisas muito diferentes para contar sobre o campo, sobre os alemães, sobre tudo o que aconteceu. Haverá mesmo alguns que terão boas recordações deste lugar, lembranças de dias agradáveis, da bondade dos alemães, de um vago sentimento de felicidade...”¹³³.

¹³⁰ LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009. p. 39. Texto original: *The atmosphere is suffocating. The fact that we are all deported here from every corner of the world and that you hear no fewer than twenty-five languages being spoken is not the worst of it. (...) This human mass is heterogeneous. It is piled together here, by force, by violence, in this small patch of dirty, humid ground, forced to live in the most humiliating conditions and to endure the most brutal deprivations, such that all human passions and weaknesses have unleashed themselves, sometimes taking on beastly forms.*

¹³¹ Ibidem, p. 54.

¹³² Ibidem, p. 65-67.

¹³³ Ibidem, p. 68. Texto original: *These people will have very different things to tell about the camp, about the Germans, about everything that went on. There will even be some who*

As doenças se multiplicavam e os medicamentos eram raros ou inexistentes. Aos poucos, as pessoas iam se transformando em esqueletos humanos. O galpão onde dormia estava dividido entre homens de um lado, mulheres e crianças do outro. Somente no seu lado, havia 120 pessoas. Hanna, muitas vezes, foi encarregada de cuidar das crianças e da distribuição da (pouca) comida.

No final de 1944, começaram a chegar notícias de que muitas cidades controladas pelos nazistas haviam sido libertadas. Com a proximidade do inverno, o frio severo aumentava a sensação de fome e fraqueza. Em 8 de novembro, Hanna escreveu: “não morreremos, mas estamos mortos. E se durante as primeiras semanas no campo ainda estavam conectados de alguma forma à vida que tiveram, às memórias, aos sonhos, agora isso tudo desapareceu. A vida humilhante e degradante no campo levou para longe tudo isso”¹³⁴.

Em 22 de novembro de 1944, Hanna escreveu que os aviões aliados sobrevoavam sobre suas cabeças o tempo todo: a Alemanha inteira estava sendo bombardeada e o fim parecia estar próximo. Pouco tempo depois, em dezembro, desabafou: “pensava que era o fim, que não haveria mais nada mais para escrever, mas não existe fim”¹³⁵. Os dias se seguiam um após o outro, dias escuros, frios, intermináveis. A morte provocada pela fome estava em todo lugar, e ninguém era mais do que uma sombra. Hanna escreveu que passaram três dias sem um único alimento. “O pão é ouro, você arriscaria tudo por um pedaço”¹³⁶. Um mês e meio antes, os alemães eliminaram os trabalhos no campo e todos, incluindo velhos e crianças, precisavam trabalhar fora, em diferentes comandos. Ninguém podia ficar para limpar os campos e os galpões viraram caos. Em outro momento, devido ao frio e à fome, ela relata, muitos desmaiavam e caíam no chão. Era a morte, porque ninguém poderia ajudar¹³⁷.

Em dezembro de 1944, a chuva e o lama tomaram conta dos galpões. Um oceano de bolor, mau cheiro, germes e insetos. A construção mal feita e a superlotação fez tudo isso se multiplicar¹³⁸. Entre os beliches úmidos e enlameados, não havia como controlar a proliferação dos piolhos e das pulgas. As condições do campo estavam

will have fond memories of this place, memories of pleasant days, of the Germans' 'kindness', of a vague feeling of happiness...

¹³⁴ LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009. p. 85-85.

¹³⁵ Ibidem, p. 93.

¹³⁶ Ibidem, p. 93-94.

¹³⁷ Ibidem, p. 94.

¹³⁸ Ibidem, p. 97.

se deteriorando rapidamente, sob o comando de Josef Kramer¹³⁹, comandante nazista que, devido à sua crueldade, foi apelidado de “A Besta de Belsen”.

Em janeiro de 1945, Hanna conseguiu conversar com algumas mulheres, todas transportadas de Auschwitz para Bergen-Belsen. Eram quase todas judias, nascidas na Polônia, na Grécia e na Hungria. Elas contaram que, somente em 1943 e 1944, centenas de milhares de pessoas foram exterminadas. Elas estavam entre as poucas que conseguiram sair de lá. Relataram também o extermínio em massa nas câmeras de gás, fim de 99% dos detidos¹⁴⁰. Hanna achava estranho o porte físico daquelas mulheres: haviam escapado do inferno, porém pareciam muito saudáveis em comparação às pessoas de Bergen-Belsen. Elas disseram que não passavam fome em Auschwitz e Hanna conclui que o objetivo dos campos era o mesmo: em Auschwitz, assassinatos em massa com gás, em Belsen, um extermínio lento, calculado através da fome, da violência e do terror.¹⁴¹

Em seu texto seguinte, também de janeiro de 1945, Hanna falou sobre os banhos, em que todos, homens, mulheres e crianças ficavam nus lado a lado, mas ninguém se importava com isso. Ninguém tinha vergonha, ninguém prestava atenção em quem estava ao seu lado, o sexo não tinha mais significado. O contexto da vida no campo de concentração, afirma a cientista política Rochelle Seidel, pesquisadora do campo de Ravensbrück¹⁴², destruía o conceito que as mulheres tinham do próprio corpo, assim como as conexões entre gênero e funções do corpo físico¹⁴³. As modificações físicas sofridas pelas mulheres faziam com que sentissem, de alguma maneira, que não eram mais mulheres¹⁴⁴.

Ainda em janeiro de 1945, narra Hanna, a comida chegava de forma cada vez mais irregular. Ficavam de 16h a 20h sem nenhum alimento. Quando a comida chegava, a diarreia coletiva invadia os blocos. “A fome está em todo lugar e ninguém mais consegue andar em

¹³⁹ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009. p. 20.

¹⁴⁰ LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009. p. 99-100.

¹⁴¹ Ibidem, p. 100-101.

¹⁴² De acordo com Rochelle Seidel, esse campo de trabalhos forçados, a 90 Km de Berlin, recebeu cerca de 132 mil mulheres e crianças de 1939 a 1945. Estima-se que de 100 a 117 mil dessas não sobreviveram. No Brasil, Ravensbrück ficou conhecido porque Olga Benário foi enviada para lá.

¹⁴³ SAIDEL, Rochelle G. *The Jewish women of Ravensbrück concentration camp*. Milwaukee: The University of Wisconsin Press, 2004. p. 215.

¹⁴⁴ Idem.

linha reta”¹⁴⁵. Pouco depois, Hanna escreveu que a morte havia chegado para ficar. Todas as manhãs eram encontrados um ou dois corpos nas camas. Acabavam confundindo os vivos e os mortos porque, na essência, a diferença entre eles era mínima. “Somos esqueletos que ainda possuem alguma capacidade de se mover, eles são esqueletos imóveis”¹⁴⁶.

O inverno apertava e os dias ficavam mais curtos. Era fevereiro de 1945 e Hanna diz que já não conseguia pensar direito, não conseguia mais perceber o completo terror da situação. Apenas de vez em quando um pensamento preciso atravessava a sua mente e ela se perguntava: o que é esta perversa força que consegue arremessar a humanidade como um todo em condições tão absurdas e abomináveis?¹⁴⁷

Hanna escreve que antes sentia muita fome, como um urso, mas a fome passou. A dita “sopa”, que seria algumas raízes (“rutabagas”) fervidas em água, era distribuída somente dois dias depois de feita e ninguém mais conseguia engoli-la. Ao mesmo momento, narra as estranhas e fascinantes notícias que chegavam aos seus ouvidos. A guerra, ao que tudo indicava, estava chegando ao fim, mas nada disso parecia ter ligação com a “vida” dentro do campo, pareciam notícias de outro mundo¹⁴⁸.

Em meio a tudo isso, a lucidez de Hanna explicitada no diário impressiona: “esse é mesmo o nosso fim? E a questão dos judeus? Como e onde esse drama vai acabar? Em uma pátria judaica? Que forma isso vai tomar? Onde os nossos destinos vão terminar?”¹⁴⁹. Os pensamentos a atormentavam: “nossa amada pátria eslava, como te amamos. Mas você vai nos querer? Vamos ser estranhos para você também?”¹⁵⁰. Hanna conclui dizendo que está perdendo a cabeça, presa há doze meses. Porém, é como se ela pudesse ver o que ainda estava por vir¹⁵¹.

Em março, um desabafo sobre um profundo descrédito na humanidade. Ela afirma que todos os sobreviventes do campo continuavam perplexos, imaginando se seria possível crer em uma vida

¹⁴⁵ LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 101-103.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 104. Texto original: *We are skeletons who still posses some capacity to move, they are immobile skeletons.*

¹⁴⁷ Ibidem, p. 109.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 112.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 113.

¹⁵⁰ LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009, p. 113.

¹⁵¹ Idem.

normal depois do que viveram ali. Parecia impossível. Todos estavam com febre tifóide, em quarentena. Os galpões foram envolvidos com cercas de arame farpado. A febre a consumiu por duas semanas: primeiro 41 graus, depois 40, 39, 38. Não havia remédios e as dores de cabeça e as náuseas eram terríveis. Hanna teve crises de delírio, a única coisa que sentia era a proximidade da morte, não apenas a rodeando, mas como se sentisse sua respiração dentro do corpo. Ninguém tinha condições de ajudar ninguém. Ninguém mais pensava na liberação, ninguém mais contava os dias¹⁵².

Já não havia quem tomasse conta do campo. Hanna diz que os *kapos* (chefes nazistas) ainda circulavam, e batiam nas pessoas de forma monstruosa. Entre eles, havia alguns que sentiam pena dos prisioneiros algumas vezes, mas, no geral, apenas os olhavam de forma cínica¹⁵³.

Bergen-Belsen, abril de 1945. Estou terrivelmente envergonhada de ter vivido tudo isso. Os homens estão a apodrecer e se decompor na lama. Há relatos de que atos de canibalismo têm surgido em blocos vizinhos. Segundo a afirmação de um médico alemão que finalmente chegou ao nosso bloco para fazer um balanço dos progressos das mortes em massa - de acordo com sua declaração, ao longo dos últimos dois meses, fevereiro e março, mais de dezessete mil internos morreram por mês - ou seja, trinta e cinco mil de quarenta e cinco mil internos¹⁵⁴.

Ela termina o seu relato no diário constatando: é terrível o que fizeram com a humanidade. Ela compara o que viveu no campo com as cenas mais bárbaras da Idade Média e da inquisição, que foram reproduzidas e multiplicadas ao extremo¹⁵⁵. O campo foi libertado pelos ingleses naquele mesmo abril de 1945 e encontraram milhares de corpos

¹⁵² Ibidem, p. 117-118.

¹⁵³ Ibidem, p. 119.

¹⁵⁴ Idem. Texto original: *B.B., April 1945. I am terribly ashamed to have lived through all this. Men are rotting and decomposing in the mud. There are reports that in one of the neighboring blocks acts of cannibalism have arisen. According to a personal statement by a German doctor who finally came to our block to take stock of the "progress" of mass deaths - according to his statement, then, over the past two months, February and March, more than seventeen thousand internees per month died - that is to say, thirty-five thousand out of forty-five thousand internees.*

¹⁵⁵ LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 120.

empilhados. Mas Hanna não estava mais lá.

1.4 Por acidente

Entre 6 e 11 de abril de 1945, cerca de sete mil judeus foram colocados em vagões de trem a caminho de Theresienstadt, antiga Checoslováquia¹⁵⁶. Em uma das paradas do trem, apareceu um grupo de iugoslavos, prisioneiros de guerra que estavam trabalhando em uma vila próxima. Somente Hanna e uma outra mulher aceitaram o convite que lhes foi feito: caminhar alguns quilômetros em busca de batatas. Quando retornaram, com um saco de batatas nas costas, descobriram que o trem havia partido e que estavam completamente sozinhas. Hanna caminhou até a vila onde os prisioneiros de guerra estavam trabalhando e dormiu em um estábulo. No dia seguinte, alguns soldados do Exército Vermelho apareceram. Hanna estava livre¹⁵⁷.

Isso ocorreu antes da rendição oficial da Alemanha em 8 de maio. A mãe de Amira passou algumas semanas vagueando com pessoas na mesma situação, prisioneiros liberados, sobreviventes da guerra. Conheceu um grupo de italianos capturado e enviado para os campos de trabalho forçado na Alemanha. Hanna contou ao jornalista alemão Eike Geisel, nos anos 1970, que aquele era um grupo de comunistas, trabalhadores, boas pessoas. Aos poucos, e o lado deles, voltava a ser “humana” novamente¹⁵⁸.

Amira relembra que sua mãe se manteve viva por acidente, como muitos outros. Não que ela tivesse um grande desejo de viver, depois de tudo que passou, mas sobreviveu. O fato de ter escrito o diário, para Amira, demonstra que Hanna queria “descarregar” um pouco, sentir-se humana. Mas também era natural para ela escrever. Ela era uma pessoa de palavras e se expressava dessa forma. Só depois de Bergen-Belsen se calou, nunca mais escreveu¹⁵⁹.

O escritor italiano Primo Levi, de família judia, foi enviado para Auschwitz-Birkenau e sobreviveu. Anos depois, escreveu livros sobre suas memórias e sobre o Holocausto. Em um deles, refletiu sobre a

¹⁵⁶ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., p. 20-21.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 23.

¹⁵⁸ GEISEL apud HASS. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 23.

¹⁵⁹ HASS apud GOODMAN. "Diary of Bergen-Belsen, 1944-1945": Amira Hass Discusses Her Mother's Concentration Camp Diary. *Democracy Now*. 8 de junho de 2009. Disponível em: www.democracynow.org/2009/6/8/diary_of_bergen_belsen_1944_1945. Acesso em 20 de julho de 2010.

questão dos sobreviventes, assim como ele e Hanna: “Não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. (...) Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo”¹⁶⁰.

Hanna retornou para Belgrado. Ao chegar na sua antiga casa, os vizinhos lhe contaram que sua mãe e sua irmã haviam sido arrancadas de casa pela polícia nazista ou por fascistas croatas, não se sabe ao certo. O teor desses relatos nunca foi revelado por Hanna. Anos depois, ela disse à filha que não repetiria o que lhe foi contado, era a sua declaração de que manteria o silêncio. Somente depois da morte da mãe, Amira soube que sua tia e sua avó morreram em uma região próxima a Belgrado, sufocadas no compartimento de carga de um caminhão, e não em Auschwitz, como a família pensava¹⁶¹. Os silêncios de Hanna também incluem a morte do seu pai, Yakov, de sua outra irmã, Serafina, e de seu irmão, Braco. Apenas três irmãos sobreviveram: Mihael, Erna e Cilika¹⁶².

Em meio a uma soma de desapontamentos, Hanna contrariou seus próprios planos e, em 1948, migrou para Israel, meses após a criação do Estado. Ela via Israel como um “projeto imperialista” e buscar refúgio no Estado recém-criado parecia contraditório. Assim que chegou a Haifa, passou a integrar o Partido Comunista Israelense e compensava a “discrepância” de sua ida para Israel com a visão utópica de que uma revolução socialista estava por acontecer no país¹⁶³.

1.5 Livro banido

A história não contada de como Rifka e Rosa – a irmã e a mãe de Hanna – foram levadas de casa pode explicar, segundo Amira, o motivo pelo qual sua mãe não quis reaver o imóvel de sua família: a “propriedade” não ajudaria a reconstruir sua vida. Durante três anos, Hanna buscou forças no trabalho em Belgrado, mas percebeu que voltar à vida seria ainda mais difícil do que havia imaginado. Ela mandou imprimir, em uma edição caseira, o diário escrito em Bergen-Belsen e

¹⁶⁰ LEVI, Primo apud AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo editorial, 2008. p. 15.

¹⁶¹ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p.25.

¹⁶² Ibidem, p. 25-26.

¹⁶³ Ibidem, p. 28-29.

foi duro perceber que ninguém estava interessado. As pessoas diziam para ela seguir em frente, para pensar no futuro¹⁶⁴.

Fui ao Museu da História do Holocausto Yad Vashem, memorial oficial de Israel, criado em Jerusalém em 1953, para lembrar as vítimas judaicas do Holocausto. Lá não há registros sobre a obra de Hanna. Segundo Amira, o fato de Hanna nunca ter sido uma entusiasta do sionismo fez com que o seu diário não entrasse para o rol dos livros escritos sobre o Holocausto em Israel. Alguns pesquisadores sobre o Holocausto até poderiam conhecê-lo, mas teve um alcance muito limitado. O fato de sua filha ter se tornado conhecida internacionalmente, principalmente após os prêmios recebidos, fez com que uma editora norte-americana se interessasse em republicar o diário de Hanna em 2009, com prefácio e posfácio de Amira.

Hanna claramente defendia a diáspora, não concordava que os judeus só poderiam se expressar em um Estado judeu. Essa é apenas uma das contradições da vida de Hanna, como aponta sua filha: se ela era favorável à diáspora, por que foi morar em Israel? Como, se era claramente era antissionista? Amira acredita que o fato de não ter sido bem recebida na Iugoslávia, de ter encontrado “impaciência” (“o que você está fazendo aqui?”, chegou a ouvir) foi o impulso principal para a sua ida. Sem contar que acreditava firmemente que a revolução socialista seria apenas questão de tempo. Entretanto, Hanna viveu sua vida em uma diáspora pessoal, nunca entrou no mundo sionista¹⁶⁵.

Eu tinha cinco anos quando perguntei por que eles tinham vindo a Israel, afinal, nunca tinham sido sionistas. Eu encontrei a minha resposta anos mais tarde, durante os anos 80, quando estudava em Amsterdã. Vivendo lá, eu senti a verdadeira força do vazio deixado depois de 1945, de como a Europa, lar de milhões de judeus durante centenas de anos, tinha simplesmente os expelido; o modo como a maioria das pessoas tinha colaborado com a psicose anti-pluralista da Alemanha nazista, e aceitou a gradual e final remoção dos judeus com indiferença. Ainda mais, eu me sentia atormentada pela facilidade com que a Europa tinha aceitado o vazio que se seguiu, havia preenchido esse espaço,

¹⁶⁴ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 27-28.

¹⁶⁵ HASS, Amira. The Lost Worlds of Hanna Levy Hass. 3 de novembro de 2009. Palestra na University of California (UCLA). Los Angeles: UCLA, 2009. Podcast disponível em: <http://www.international.ucla.edu/cnes/podcasts/article.asp?parentid=113224>

e seguido em frente. Hoje eu entendo que a visão dos meus pais de uma utopia socialista ajudou a todos nós escapar do vácuo que foi deixado depois de Auschwitz. E eu sei também que era o mesmo vazio - pelas ruas conhecidas que gritariam sempre o assassinato de familiares, amigos e vizinhos - que levou os meus pais, junto com centenas de milhares de outros sobreviventes, a fugir, a escolher uma nova pátria com laranjeiras, oliveiras, e luz do sol branca incandescente¹⁶⁶.

A militância de Hanna no partido Comunista, o seu ativismo, seja traduzindo documentos, distribuindo panfletos ou participando de reuniões e protestos, aliviaram, de certa forma, o pesar e a contradição por viver em Israel. Porém, Amira observa que a escolha de sua mãe, essa opção por uma vida de dissidência, em constante oposição ao governo israelense e ao *ethos* sionista, não foi uma escolha fácil, tanto socialmente quanto economicamente. Um exemplo disso é que, devido à sua militância, não conseguiu trabalho como professora em Israel no início dos anos 1950¹⁶⁷.

Amira descreve sua mãe como uma mulher que vivia com uma tristeza permanente. Isso sempre foi assim ou só depois de Bergen-Belsen? Amira percebia esse processo não só com os seus pais, mas também com os pais sobreviventes de seus amigos. Alguns deles nunca contaram aos filhos nada, absolutamente nada, sobre o que viveram. E esse estado de depressão, acredita Amira, anos após anos, de alguma maneira, foi passado aos filhos. E argumenta: o novo estado de Israel não soube receber esses sobreviventes, apesar de ninguém tocar nesse

¹⁶⁶ HASS, Amira. Op. cit., 1999, p. 8. Texto original: *I was five when I asked them why they had come to Israel; after all, they had never been Zionists. I found my answer years later, during the eighties, while studying in Amsterdam. Living there, I felt the true force of the void left after 1945, of how Europe, home to millions of Jews for hundred years, had simply spewed them out; how most people had collaborated with Nazi Germany's antipluralistic psychosis and accepted the gradual and final removal of the Jews with indifference. But more, I felt tormented by the ease with which Europe had accepted the emptiness that followed, had filled the void, and moved on. Today I understand that my parents' vision of a socialist utopia helped us all escape the vacuum that was left after Auschwitz. And I know too that it was the same emptiness – the familiar streets that would forever scream of the murder of family and friends and neighbors – that drove my parents, along with hundreds of thousands of other survivors, to flee, to choose a new homeland with orange trees, olive groves, and blinding white sunlight.*

¹⁶⁷ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., p. 30-31.

assunto¹⁶⁸.

1.6 Assassinatos e propaganda

Um fato da adolescência de Amira¹⁶⁹ deixa isso bastante evidente. Ela estudava em uma escola de Tel Aviv, frequentada pela aristocracia sionista, e se sentia “um pássaro estranho”. Era 1970. Quase todos os dias, a caminho do colégio, passava por um quiosque onde um homem vendia refrigerantes e surgia sempre a mesma questão: por que aquele senhor era tão amargurado, “azedo como um limão”? A dúvida terminou quando Amira viu os números tatuados em seu braço: ele, como tantos outros, estivera em um campo de concentração. Mas ela não podia entender como um homem que quase perdeu sua vida agora a “desperdiçava” em um quiosque como aquele.

Certo dia, escreveu uma redação sobre o homem. Homem real, história imaginária, em que ele narra à menina de 14 anos a sua trajetória de sobrevivente do Holocausto. O texto foi lido pelo diretor da escola na hora do almoço, como se fazia todos os dias. Até que em determinado momento o sobrevivente de Auschwitz¹⁷⁰ fala: “agora, graças a Israel, eu tenho este trabalho no quiosque de refrigerantes”. Todos adoraram a história, mas ninguém entendeu a ironia.

Amira foi para casa com uma raiva incontrolável. Quando chegou, seu pai explicou que não havia nada de errado com ela ou com a redação: era tudo uma questão política. Naquele ano, ainda não se falava da forma como Israel acolheu os sobreviventes do Holocausto. “Israel não foi generoso com essas pessoas”, ela argumenta, “mas ninguém quebrava a ideologia do Estado de que tudo estava certo”¹⁷¹. E continua: “Por outro lado, não é de se espantar que ninguém soubesse lidar com esses sobreviventes, eles eram muitos, o fato era recente e isso não tinha

¹⁶⁸ HASS, Amira. The Lost Worlds of Hanna Levy Hass. 3 de novembro de 2009. Palestra na University of California(UCLA). Los Angeles: UCLA, 2009. Podcast disponível em: <http://www.international.ucla.edu/cnes/podcasts/article.asp?parentid=113224>

¹⁶⁹ No começo de sua fala, em inglês, Amira Hass comentou que alguma coisa poderia ter sido “lost in translation”, ou seja, perdido com a tradução. O mesmo pode acontecer com essa versão em português.

¹⁷⁰ Campo de concentração na Polônia.

¹⁷¹ HASS, Amira. The Lost Worlds of Hanna Levy Hass. 3 de novembro de 2009. Palestra na University of California (UCLA). Los Angeles: UCLA, 2009. Podcast disponível em: <http://www.international.ucla.edu/cnes/podcasts/article.asp?parentid=113224>

precedentes”¹⁷².

Existia, segundo Amira, um pouco de vergonha e de embaraço ao se tratar do assunto em Israel, porém o Holocausto sempre foi muito usado politicamente. Mais do que isso: para ela, Israel deve a sua existência ao Holocausto. Segundo ela, as pessoas esquecem que o projeto sionista era apoiado somente por uma minoria dos judeus nos anos 1920 e 1930. Ele só começou a ter apelo popular após a morte de tantos judeus. Para ela, é difícil de acreditar que, em tempos de descolonialismo em todo o mundo, um projeto colonialista tenha tido sucesso. Isso só foi possível porque baseado em três coisas: pessoas que vieram de toda a Europa, apoio internacional (apoio direto da ONU) e dinheiro, muito dinheiro, graças aos acordos de reparação às vítimas da Guerra¹⁷³.

Por isso, na visão de Amira, havia um sentimento entre os sobreviventes, após o Holocausto, de estarem sendo “usados”. Outro ponto levantado pela jornalista é que o Holocausto se tornou uma escala para medir as atrocidades no mundo. Se algo é pavoroso, mas não atinge “aquele” nível, então não é tão ruim assim. “Eu acho isso terrível, começar a medir sofrimentos, injustiças, métodos”¹⁷⁴.

Aliás, Amira não gosta do termo Holocausto. “O Holocausto é como se alguma coisa tivesse caído do céu, um desastre, uma calamidade da natureza, e não uma calamidade feita pelo homem. E, por isso, chamo isso de indústria alemã de assassinatos, ou a linha de montagem de homicídios”¹⁷⁵.

Sobre o fato de Israel usar a questão do Holocausto politicamente, Amira cita a Guerra do Líbano de 1982 (que grande parte dos árabes chamam de *Invasão do Líbano de 1982* e os israelenses de *Operação Paz na Galiléia*), em que as Forças de Defesa de Israel (IDF) invadiram o sul do Líbano, em junho de 1982, sob o argumento de cessar os ataques a Israel promovidos pela Organização para a

¹⁷² Idem.

¹⁷³ Idem.

¹⁷⁴ HASS, Amira. The Lost Worlds of Hanna Levy Hass. 3 de novembro de 2009. Palestra na University of California (UCLA). Los Angeles: UCLA, 2009. Podcast disponível em: <http://www.international.ucla.edu/cnes/podcasts/article.asp?parentid=113224>

¹⁷⁵ HASS apud GOODMAN. "Diary of Bergen-Belsen, 1944-1945": Amira Hass Discusses Her Mother's Concentration Camp Diary. *Democracy Now*. 8 de junho de 2009. Disponível em: www.democracynow.org/2009/6/8/diary_of_bergen_belson_1944_1945. Acesso em 20 de julho de 2010. Texto original: *The Holocaust is as if something came out from the sky, from heaven, some disaster, a calamity, a nature calamity, and not human-made calamity. (...) And so, this is the German industry of murder. Or the assembly line of murder.*

Libertação da Palestina (OLP), baseada em Beirute.

“Acredito que nessa guerra do Líbano o Holocausto foi manipulado e abusado. Begin¹⁷⁶ transformou Arafat¹⁷⁷ no novo Hitler e essa foi uma das coisas que destruíram os meus pais”¹⁷⁸, lembra Amira. Ela tem na memória a imagem de um pequeno grupo de sobreviventes e ex-membros do partido comunista, em que Abraham e Hanna faziam parte, distribuindo panfletos pelas ruas de Tel Aviv que diziam: *Stop merchandising the Holocaust*. Eles estavam esgotados com tudo o que estava acontecendo. Quando eles ouviam o som dos jatos passando sobre a casa de Tel Aviv, Amira não entendia a raiva que tomava conta de seus pais. Eles sabiam o que estava para acontecer: bombas seriam jogadas em poucos minutos, já haviam passado por aquilo antes. Não que estivessem comparando, traçando um paralelo, mas podiam identificar o que estava para acontecer e ficavam loucos de raiva¹⁷⁹.

1.7 Exílio e feminismo

Hanna reconheceu muitas vezes, em conversas com a filha, que cometeu um grande erro ao imigrar para Israel¹⁸⁰. Tanto que, ao longo de sua vida, “escapou” algumas vezes do país. Sua decepção chegou a um ponto máximo, provavelmente, em 1982, com a difusão de notícias sobre o Massacre de Sabra e Chatila¹⁸¹, no Líbano, então sob ocupação israelense. Segundo o jornalista judeu norte-americano Thomas L. Friedman, do *The New York Times*, o massacre, que durou 36 horas, aconteceu dentro do raio de visão de um dos principais postos de

¹⁷⁶ Menachem Begin, que foi o sexto primeiro-ministro de Israel (1977-1983).

¹⁷⁷ Yasser Arafat era o presidente da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Posteriormente, foi líder da Autoridade Palestiniana.

¹⁷⁸ HASS, Amira. The Lost Worlds of Hanna Levy Hass. 3 de novembro de 2009. Palestra na University of California (UCLA). Los Angeles: UCLA, 2009. Podcast disponível em: <http://www.international.ucla.edu/cnes/podcasts/article.asp?parentid=113224>

¹⁷⁹ HASS apud GOODMAN. "Diary of Bergen-Belsen, 1944-1945": Amira Hass Discusses Her Mother's Concentration Camp Diary. *Democracy Now*. 8 de junho de 2009. Disponível em: www.democracynow.org/2009/6/8/diary_of_bergen_belson_1944_1945. Acesso em 20 de julho de 2010. hóspede

¹⁸⁰ HASS, Amira. On my parents. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 137.

¹⁸¹ Após o assassinato do presidente-eleito do país e líder falangista, Bashir Gemayel, a milícia falangista libanesa atacou os campos de refugiados palestinos e libaneses de Sabra e Chatila, na periferia de Beirute, e assassinou centenas de civis. Não há um número exato de mortos, mas há estatísticas que apontam mais de 3 mil.

observação israelense em Beirute Ocidental e “não houve qualquer indício de que as forças israelenses tenham feito qualquer esforço para impedir as operações dos milicianos”¹⁸². Hanna não podia aceitar a opressão que era feita em seu nome¹⁸³ e, por isso, deixou Israel em 1982 para morar em Paris, de onde só retornou em 1993, com 80 anos, precisando de cuidados.

Nos anos 1970, Hanna tornou-se feminista, quando o movimento tomava corpo em Israel. “Desde pequena eu ouvia sobre a discriminação contra as mulheres, isso estava muito presente”, contou-me Amira. Mas quando perguntei se isso teve grande influência em sua vida, ela apenas respondeu: “É como dizem, os filhos de sobreviventes do Holocausto estão divididos em dois grupos: um muito ambicioso, outro sem ambição. Eu não tinha ambição alguma”.

De alguma maneira, é como se as feministas, para Amira, estivessem carregadas de vontade, de luta, o que ela não percebe na sua infância. Acredito, porém, que de alguma forma as ideias feministas de Hanna influenciaram as escolhas de vida sua filha. Tanto que seguiu uma carreira majoritariamente masculina, sem aparentar estranhamento. “Eu acredito que, para um jornalista israelense homem, seria muito mais fácil trabalhar na região. Um homem conseguiria com mais facilidade entrevistar autoridades palestinas. A maior parte deles não me leva a sério, mesmo depois de tantos anos”, desabafou.

Um estudo realizado por Einat Lachover, da Tel Aviv University, examinou o gênero na imprensa escrita israelense sob uma perspectiva feminista. Lachover afirma que em Israel, sob o efeito de conflitos com seus vizinhos desde a sua fundação, os assuntos ligados à segurança e questões militares acabaram se sobrepondo aos valores sociais e civis, influenciando fortemente as pautas dos jornais. O discurso público, que prioriza a “segurança”, exclui as mulheres da arena principal e, portanto, legitima a marginalidade das mulheres na sociedade israelense. “Consequentemente, a maioria dos editores-chefe de Israel não acredita que as mulheres jornalistas possuam as qualificações necessárias para cobrir questões militares e de segurança, a área de maior prestígio no jornalismo israelense”¹⁸⁴. Mulheres que

¹⁸² FRIEDMAN, Thomas L. Massacre durou 36 horas e Israel não impediu. In: FUSER, Igor. *A arte da reportagem*. São Paulo: Scritta, 1996.

¹⁸³ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 31.

¹⁸⁴ LACHOVER, Einat. *Have women journalists in Israel really integrated into the profession?* Comunicação oral apresentada no encontro anual da International Communication Association (ICA). Califórnia, 2003. Disponível em: www.allacademic.com/pages/p111975-1.php. Acesso em 26 de abril de 2011.

cobrem essa área ainda são raridade, como Amira.

De um ponto de vista feminista, argumenta Lachover, Israel é um caso interessante, pois tem um estrutura social baseada em “fundações democráticas avançadas”, que enfatiza a igualdade de gênero. Aos mesmo tempo, a estrutura social da nação é moldada por sistemas de discriminação sexual, como a militar¹⁸⁵. “Esse tipo de ambivalência - a igualdade de gênero formal, em oposição à discriminação de gênero informal - é um padrão familiar em outros lugares ao redor do mundo”¹⁸⁶.

O número de mulheres na imprensa escrita israelense aumentou nos últimos anos. Isso se explica, em partes, segundo Lachover, devido ao aumento de mulheres nos mercado de trabalho principalmente após a década de 1970. Mas a pesquisa mostrou que as mulheres ainda são minoria nas redações de Israel, cerca de 44%. Essa diferença pode indicar a existência de barreiras que impedem o progresso das mulheres na área¹⁸⁷.

A pesquisa de Lachover demonstrou ainda que as mulheres jornalistas de Israel ainda recebem menores salários do que os homens e, apesar do processo de feminilização das redações, também existe um processo interno de segregação sexual, com homens em posições de controle em que as mulheres são excluídas¹⁸⁸.

O fato de que as mulheres entraram na profissão do jornalismo indica a integração da esfera pública com a privada. (...) Mas mesmo de um ponto de vista feminista liberal, a situação das mulheres jornalistas na imprensa israelense não é satisfatória, pois as mulheres podem ter se integrado numericamente, mas elas ainda não desfrutam de igualdade de oportunidades¹⁸⁹.

¹⁸⁵ Em Israel, as mulheres prestam serviço militar obrigatório ao completarem 18 anos. Mas as mulheres servem por dois anos, os homens por três. Depois passam a integrar a reserva, com treinamentos anuais e possíveis convocações em situações de crise: mulheres até por volta dos 24 anos, homens até os 45 nos. Além dos judeus, drusos e beduínos são obrigados a servir, já árabes israelenses e judeus ortodoxos, não.

¹⁸⁶ LACHOVER, Einat. Op. cit. p. 2.

¹⁸⁷ Ibidem, p.4

¹⁸⁸ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p.11.

¹⁸⁹ Ibidem, p.16.

1.8 Estrangeiros

No final de sua vida, Hanna disse à filha: “*all my worlds have been destroyed*”¹⁹⁰, ou seja, “todos os meus mundos foram destruídos”. Israel também era um desses mundos. Ao contrário de Hanna, Abraham – o pai de Amira – sentia-se, de certa forma, ligado a Israel. Ligado ao povo, à paisagem, à política local. Apesar de muitas vezes se definir como um “estrangeiro”, “turista” ou “hóspede”¹⁹¹.

Amira descreve seu pai como um homem das minorias, que fazia do “sonho” o seu lugar no mundo. Primeiro, era um judeu na “antissemita” Romênia; depois, era um comunista em uma sociedade israelense fortemente nacionalista. Na Segunda Guerra, Abraham foi deportado, com toda a sua família, para o gueto de Transnístria. Lá, seus pais morreram de fome e tifo. Ele perdeu os dedos dos pés, aos 19 anos, devido ao congelamento dos membros¹⁹².

Durante toda a sua infância, Amira relembra que seus pais permaneceram em busca de uma justiça socialista, tanto se envolvendo em greves e manifestações, quanto protestando contra a ocupação militar de Israel em terras palestinas. A polícia esteve na casa da família muitas vezes: Hanna era constantemente interrogada devido à distribuição de panfletos. Abraham foi preso por organizar comícios ilegais, protestos e greves¹⁹³.

Amira não lembra exatamente quantas vezes ele foi preso, mas foram, pelo menos, 13 vezes. Ela adorava ouvir o pai contar sobre uma dessas detenções, em que ficou preso durante várias horas. O Partido Comunista israelense advertia que ninguém deveria deixar que a polícia tirasse suas digitais. A polícia insistia em mantê-lo sob custódia até que isso fosse feito. Foi levado ao juiz, que o repreendeu. Enquanto o juiz falava, Abraham desamarrou os cadarços de um de seus sapatos ortopédicos. Em um pé, não havia nenhum dedo. No outro, havia apenas a primeira articulação de cada dedo. Ele colocou o pé sem dedos sobre a mesa do juiz e disse que alguém já havia tirado suas *fingerprints*. Depois disso, o juiz o liberou¹⁹⁴.

Quando seu pai já estava em seus últimos momentos, muito doente no hospital, Amira se permitiu fazer algumas perguntas sobre a

¹⁹⁰ HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 31.

¹⁹¹ HASS, Amira. On my parents. n. LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 139.

¹⁹² HASS, Amira. Op. cit., 1999. p. 6.

¹⁹³ Ibidem, p. 7.

¹⁹⁴ HASS, Amira. On my parents. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009, p. 140-141.

época da guerra. Abraham descreveu uma cena em que seu pai está sentado a uma mesa em um porão, juntamente com outros sete ou oito membros da família, faminto, exausto e doente. Naquele momento, um piolho caiu de sua barba e ele chorou pela primeira vez. Se ele teve mais alguma lembrança do gueto nas últimas horas de sua vida, não a dividiu com ninguém¹⁹⁵.

Pai e filha tinham muitas coisas em comum. Uma delas era com relação às comparações feitas, por algumas pessoas, entre Israel e a Alemanha Nazista. Ambos não concordam com isso, acreditam que existem paralelos mais precisos a serem feitos, que um regime de opressão não precisa se parecer com a indústria alemã de assassinatos em série, que esse tipo de pensamento não ajuda a luta palestina por liberação. Ainda assim, certo dia, durante a primeira Intifada (1987-1993), palavra árabe que pode ser traduzida como “revolta” e que deu nome ao primeiro levante contra a ocupação israelense nos territórios palestinos, Abraham disse à filha: “Eu não sei mais o que é pior. Nós, judeus, fomos expulsos e assassinados, isso durou cinco anos e chegou ao fim. Mas não vejo o fim do sofrimento que infligimos aos palestinos: 1948, o exílio, depois 1967, e essa ocupação sem fim”¹⁹⁶.

Amira escreve menos sobre o pai do que sobre sua mãe. Acredito que um dos motivos seja porque teve menos acesso às suas memórias. Ela percebe que Abraham começou a se abrir um pouco mais quando ela foi morar em Gaza, em que ela contava histórias de amigos refugiados e ele falava sobre a vergonha e perplexidade com a “Nakba”¹⁹⁷. Essa palavra, que em árabe significa catástrofe, é o termo usado pelos palestinos para a expulsão em massa com a criação do Estado de Israel.

Ainda no início dos anos 1990, quando Amira fez suas primeiras viagens de carro para a Cisjordânia, trabalhando para a organização não-governamental Kav La'Oved (Worker's Hotline), que defende os direitos dos trabalhadores palestinos, seu pai sentia muito medo. Dizia que se alguém lhe jogasse uma pedra, ou mesmo a atingisse com uma arma de fogo, eles teriam uma boa razão para isso. Anos depois, Abraham seria o primeiro a ler os originais de *Drinking the sea Gaza*, o primeiro livro de

¹⁹⁵ HASS, Amira. On my parents. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009, p. 145.

¹⁹⁶ HASS, Abraham apud HASS, Amira. On my parents. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009, p. 143. Texto original: *I don't know what's worse anymore. True, we Jews were expelled and murdered, but it lasted five years and came to an end. But I see no end to the suffering we inflict on the Palestinians: 1948, then exile, then 1967 and this unending Occupation.*

¹⁹⁷ HASS, Amira. On my parents. In: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit, 2009, p. 147.

sua filha¹⁹⁸.

Amira diz que ainda tem dificuldade em “digerir” tudo o que seus pais sofreram, em digerir a “indústria alemã de assassinatos”, e o que pode fazer é continuar falando sobre isso¹⁹⁹, como fez na palestra na University of California, em Los Angeles. Para Zygmunt Bauman, o regime nazista há muito desapareceu, mas seu “legado venenoso” não deixou de existir.

Nossa persistente inabilidade para chegar a um acordo sobre o significado do Holocausto, nossa incapacidade de desmascarar e desarmar a armadilha homicida, nossa disposição de continuar brincando de história com os dados viciados da razão que descarta os clamores da moralidade como irrelevantes ou loucos, nossa submissão à autoridade do cálculo custos-benefícios como argumento contra os mandamentos éticos – tudo isso evidencia a corrupção que o Holocausto expôs mas fez pouco, ao que parece para desacreditar²⁰⁰.

Perguntei a Amira sobre os seus pais, quando estivemos em Ferrara. Toquei no assunto três vezes, mas ela desviou o argumento. “Você leu os livros? Está tudo lá”, foi sua resposta. Estava claro que ela não queria falar sobre Hanna e Abraham.

1.9 Terra desconhecida

No livro *Landscape for a Good Woman*, publicado em 1986, a historiadora Carolyn Steedman tem como foco a sua própria infância e as memórias de sua mãe, uma mulher da classe operária inglesa. O livro trabalha, entre outras coisas, com interpretações, sobre os lugares do passado que dão significado para eventos atuais. “Interpretações pessoais do tempo passado – as histórias que as pessoas contam a si mesmas para explicar como chegaram onde estão agora – estão

¹⁹⁸ HASS, Amira. On my parents. n: LÉVY-HASS, Hanna. Op. cit., 2009. p. 139-146.

¹⁹⁹ HASS, Amira. The Lost Worlds of Hanna Levy Hass. 3 de novembro de 2009. Palestra na University of California (UCLA). Los Angeles: UCLA, 2009. Podcast disponível em: <http://www.international.ucla.edu/cnes/podcasts/article.asp?parentid=113224>

²⁰⁰ BAUMAN, Zygmunt. Op. cit., 1998. p. 233.

frequentemente em profundo e ambíguo conflito com os mecanismos oficiais de interpretação de uma cultura”²⁰¹. Essa ambiguidade pode ser percebida na obra de Amira Hass, porém é inegável que o histórico de resistência às injustiças deixado pelos seus pais, e suas memórias do Holocausto, tenham influenciado suas escolhas ao longo da vida.

Amira estudou na Universidade Hebraica de Jerusalém, onde pesquisou a história do nazismo e a relação da esquerda européia com o Holocausto. Posteriormente, transitou por alguns países da Europa. Ao desistir da vida acadêmica, em 1989, após o início da primeira *Intifada*, começou a sua carreira jornalística no *Ha'aretz* como *copy editor*²⁰². Na verdade, ela já havia tentado entrar no *Ha'aretz* dois anos antes.

Eu fazia alguns pequenos trabalhos na universidade, e todos esperavam, você sabe, porque eu uso óculos redondos, eles achavam que eu faria algo nesse sentido [acadêmico]. Fiquei dois anos na Holanda, depois voltei para Israel. Então eu tentei ir para o *Ha'aretz* para ganhar a vida, mas você sempre precisa... você precisa de contatos. Por isso, da primeira vez, não funcionou. E depois de dois anos, quando eu estava lecionando na universidade, uma das alunas foi nomeada editora de um suplemento do *Ha'aretz*. Então eu simplesmente disse a ela: 'Eu preciso da sua indicação. Eu quero conseguir um emprego no *Ha'aretz*'. E em uma semana eu comecei o trabalho²⁰³.

Ela não sabia muito sobre Gaza, mas, em 1991, convenceu os seus chefes a deixá-la escrever sobre o assunto, “terra incógnita”. E então, em 1993, quando o acordo de Oslo foi assinado, “e as pessoas pensavam que significava paz”, o jornal pediu para que ela fosse cobrir Gaza. Ninguém esperava que Amira se mudasse para lá, mas ela foi. Ficou até 1996, quando transferiu-se para Ramallah. Já são quase 20 anos como correspondente de “questões palestinas”, como o jornal

²⁰¹ STEEDMAN, Carolyn. *Landscape for a Good Woman*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1986. p. 6

²⁰² No Brasil, essa função equivale à do “copidesque”, responsável por revisar e fazer mudanças em um texto para ser publicado.

²⁰³ HASS, Amira. Entrevista concedida a Juliana Kroeger e Fernando Evangelista. Ferrara, Itália, 1/10/2010 e 3/10/2001. Acervo do LEGH/UFSC.

intitula a sua posição²⁰⁴.

Em 2009, recebeu da International Women's Media Foundation, o prêmio *Lifetime Achievement Award*. Na ocasião, creditou aos pais o *ethos* de sua escolha. “Acho que a principal coisa que recebi de casa, da minha educação, foi o princípio da igualdade. Meus pais eram comunistas e judeus. Para eles, houve a ligação do princípio da igualdade. Como eles viam o comunismo também é muito diferente do que nós sabemos agora o que foi na realidade”²⁰⁵.

1.10 Sem controle

O Estado Palestino nunca saiu do papel e Israel ocupou terras previstas pela ONU para o Estado árabe. Segundo o jornalista Ignacio Ramonet, diretor do jornal *Le Monde Diplomatique*, o Estado de Israel “constituiu o porto seguro e o refúgio onde milhões de perseguidos e discriminados vieram buscar um espaço de paz e liberdade”²⁰⁶. Porém esse projeto foi traído pelo desrespeito aos direitos humanos, principalmente dos árabes.

Documentos importantes revelaram a realidade dos massacres cometidos em 1948 por soldados israelenses, para aterrorizar os palestinos e fazê-los fugir. Aqueles que ficaram em Israel são hoje mais de um milhão (dos quais 15% cristãos), ou seja, um sexto da população do país. Menos sujeitos à discriminação do que há pouco (estavam, até 1996, submetidos à autoridade militar), continuam sendo cidadãos de segunda classe, ao passo que a declaração de independência, lida por Ben Gurion a 14 de maio

²⁰⁴ SIMPSON, Peggy. Amira Hass' Coverage Defies Gender, Ethnicity Boundaries. International Women's Media Foundation. Disponível em: <http://www.iwmf.org/article.aspx?id=1067&c=articles>. Acesso em 5 de julho de 2010.

²⁰⁵ HASS apud SIMPSON. Amira Hass' Coverage Defies Gender, Ethnicity Boundaries. International Women's Media Foundation. Disponível em: <http://www.iwmf.org/article.aspx?id=1067&c=articles>. Acesso em 5 de julho de 2010. Texto original: *I think the main thing that I got from home, from my upbringing, was the principle of equality. Both my parents were communists and Jews. For them, there was the connection of the principle of equality. How they saw communism was very different from what we now know was the reality.*

²⁰⁶ RAMONET, Ignacio. *As guerras do Século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 74.

de 1948, prometia: 'o Estado de Israel garantirá a mais completa igualdade social e política a todos os seus habitantes, sem distinção de religião, raça ou sexo'²⁰⁷.

Amira disse-me que muitas pessoas, em Israel e por todo mundo, tem uma visão confusa e distorcida sobre a existência de um Estado palestino. Essas pessoas acreditam que não há mais ocupação porque quem comanda as empresas palestinas são os palestinos. Mas, na realidade, os palestinos não têm o controle da terra, da água, não têm liberdade de movimento. “As pessoas acham que há um conflito entre dois estados, mas não é verdade”.

Conforme o intelectual palestino norte-americano Edward W. Said (1935-2003), “quase 20% dos cidadãos israelenses de Israel, que não são judeus, mas são palestinos, são tratados essencialmente como os negros eram na África do Sul. Eles têm os direitos negados, não tem permissão de possuir, alugar ou comprar propriedades”.²⁰⁸ Dentro dos Territórios Palestinos, a situação não é melhor. Faltam empregos, alimentos, casas, escolas. Poucos são os palestinos com permissão de entrar em Israel para trabalhar.²⁰⁹

Nos últimos anos, como aponta Amira no prefácio do livro *Shifting Sands: Jewish Women Confront the Israeli Occupation*²¹⁰, desde o início dos anos 1990, sucessivos governos de Israel têm promovido a “separação” como um ideal: separar os judeus dos palestinos, e os palestinos dos palestinos. Porém existem centenas de judeus israelenses engajados em organizações que lutam contra a ocupação israelense que separa Israel dos Territórios Palestinos²¹¹. Esses mesmos judeus são contrários à construção do muro²¹² que isola os palestinos nos territórios

²⁰⁷ Ibidem, p. 75.

²⁰⁸ SAID, Edward W. *Cultura e resistência*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 57.

²⁰⁹ RAMONET, Ignacio. *As guerras do Século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 55.

²¹⁰ Trocando areias: mulheres judias confrontam a ocupação israelense. Ainda sem tradução no Brasil.

²¹¹ HASS, Amira. Preface. In: ADEL FANG, Osie Gabriel (org.) *Shifting sands: Jewish women confront the Israeli occupation*. Bellevue: Whole World Press, 2010. p. x.

²¹² Segundo dados da Anistia Internacional, que condena veementemente a construção, o muro terá 700 Km de extensão, isolando completamente a Cisjordânia, que tem um território de 130 por 65 Km. Em 2003, a Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou uma resolução que exigia que Israel parasse a construção do muro. O caso foi enviado a Corte Internacional de Justiça de Haia que, em julho de 2004, concluiu que o muro viola o direito internacional humanitário e os direitos humanos. A Corte concluiu que Israel

ocupados.

Amira é uma dessas pessoas. Ela, "filha" de acontecimentos pungentes do século XX, ao se transferir para os Territórios Palestinos se vê em meio a outro conflito. Através dela, o Holocausto, Gaza e Cisjordânia se conectam.

deveria deter a construção e reparar o dano o causado. O governo de Israel não seguiu as recomendações. _____. El muro. *Amnistía Internacional*. 2007. Disponível em: web.es.amnesty.org/muro-de-israel/muro.php?opcion=muro. Acesso em 2 de agosto de 2010.

Capítulo 2

Gaza e a política israelense de bloqueio aos palestinos

Apesar de ter lido sobre os motivos que levaram Amira a se mudar para a Faixa de Gaza, já explicitados na introdução e no capítulo anterior, perguntei a ela o que realmente tinha impulsionado essa decisão. “Se o jornal me pedisse para ir cobrir questões francesas, eu não iria morar em Berlim, iria morar em Paris”, disse em tom irônico. Depois de uma pausa, completou que gostaria de ter uma experiência da ocupação em “primeira mão”. Naquele momento, 1993, o exército israelense estava em Gaza. “Eu queria sentir o que era estar sob o toque de recolher, o que é sentir a presença dos soldados, e experimentar com as pessoas o que elas sentiam. Não queria ser uma visitante ou uma turista”.

Viver em Gaza parecia um passo normal e lógico para mim. Como eu poderia entender uma sociedade e escrever sobre ela sem estar no seu meio? Eu era, parece, como qualquer outro jornalista enviado para cobrir um país estrangeiro. Para a maioria dos israelenses, no entanto, a minha mudança pareceu estranha, mesmo louca, porque acreditavam que eu certamente estava colocando minha vida em risco²¹³.

“Outra resposta que costumo dar quando me fazem essa pergunta, 'por que Gaza?', eu digo que fui para lá porque sou uma judia típica, e queria viver na diáspora. Uma outra resposta, porque acredito que há mais de uma resposta para uma pergunta, é que eu queria ser minoria... você sabe o que é *shtetl*?”. *Shtetl*, em iídiche, significa cidadezinha, pequena comunidade. Assim eram chamadas as comunidades judias no leste europeu, onde todos se conheciam e sabiam da vida de todo mundo. Amira completa: “Então, quando me perguntam porque me mudei para Gaza, digo que sou uma judia do leste europeu e estava procurando minha *shtetl* em Gaza”.

²¹³ HASS, Amira. Op. cit., 1999, p. 4. Texto original: *Living in Gaza seemed a normal and logical step to me. How could I understand a society and write about it without being in the middle of it? I was, it seemed, like any other journalist sent to cover a foreign country. To most Israelis, though, my move seemed outlandish, even crazy, for they believed I was surely putting my life at risk.*

Eu tenho muita sorte, eu descobri uma nova sociedade [Gaza] e descobri todos os tipos de facetas desta sociedade vivendo nela, mas ainda sendo uma espécie de observadora e não parte da sociedade, no sentido real da palavra. Claro, você se torna parte dela de alguma forma, mas estou sempre na posição de observadora enquanto vivo em uma sociedade. É interessante. Alguns compararam o meu trabalho com um trabalho antropológico - talvez um trabalho antropológico mais progressivo. Então isso, para mim, foi muito importante também pessoalmente. Eu tenho uma obsessão em saber o gosto das coisas estando dentro delas²¹⁴.

²¹⁴ HASS apud KREISLER, Harry. Occupation and Terrorism: *Conversation with Amira Hass*. Série de entrevistas *Conversation with History*. Institute of International Studies, UC Berkeley. 2003. Disponível em globetrotter.berkeley.edu/people3/Hass/hass-con0.html
Texto original: *I'm very lucky; I discover a new society and I discover all kinds of facets of this society by living in it, but still by being some sort of an observer and not part of the society in the real sense of the word. Of course, you become part of it sort of, but I'm always in this position of observer while living in the society. It's interesting. Some have compared my work with anthropological work - maybe more progressive anthropological work. So this, for me, has been very important also, personally. I do have an obsession with getting the taste of the flavor of things from inside.*

Imagem 7



Mapas representando as disputas de território na região.
 Montagem com infográficos publicados no jornal *O Estado de São Paulo*.
 Fronteiras da Guerra. *O Estado de S. Paulo*. 27 de agosto de 2010.
 Disponível em: www.estadao.com.br/especiais/as-disputas-territoriais-no-orientes-medio,116792.htm

Amira conheceu Gaza através dos olhos do povo local, não por meio de um *jeep* do exército israelense ou das salas de interrogatório do

Shabak, o Serviço de Segurança de Israel²¹⁵. A Faixa de Gaza é um território árido de 362 km², ao longo do Mar Mediterrâneo, que faz fronteira com o Egito e com Israel. É uma área menor do que a Ilha de Santa Catarina²¹⁶, mas abriga mais de um milhão de pessoas²¹⁷, nascidas na região ou que se refugiaram ali após serem expulsos de suas vilas de origem, que hoje fazem parte de Israel.

De acordo com a resolução da ONU de 29 de novembro de 1947, a área deveria fazer parte do Estado palestino. Como o Estado palestino não saiu do papel, Gaza ficou sob controle egípcio de 1948 (final da guerra árabe-israelense) até 1967. Após a Guerra dos Seis Dias, Israel ocupou a região e criou 21 assentamentos com colonos judeus. Gaza esteve sob administração militar de Israel até 1994. Devido aos acordos de Oslo, o poder foi passado gradativamente aos palestinos. Mas ainda em 2011, mesmo com a retirada dos assentamentos (que ocorreu em 2005), o Estado de Israel controla o seu espaço aéreo e o acesso marítimo. Segundo Amira, “Gaza é uma prisão a céu aberto”.

Ela deixa claro que não se sente uma “correspondente de guerra”, como me disse caminhando pelas ruas de Ferrara. “Algumas vezes, estive em situações de perigo, mas não sou do tipo que vai aos lugares mais perigosos”. Acredito que Amira não goste desse rótulo por outros motivos. Segundo ela, a palavra “guerra” não descreve o que perdura há décadas entre israelenses e palestinos. Conflito? “Conflito dá a impressão que existem duas forças iguais, o que não é verdade”²¹⁸. Como podemos chamar isso então? “OK, você pode chamar isso de conflito, a palavra ‘ocupação’ não é suficiente. Colonização? Sim, mas há o Estado de Israel. Nós temos que inventar outra palavra para isso”.

A ocupação – salienta Amira – não é necessariamente uma ocupação militar. Ocupação significa que um povo e um governo decidem sobre o futuro e as possibilidades de desenvolvimento de outro povo. Ela diz que foi entender o que a palavra significa especialmente nos anos de Oslo, supostamente um “processo de paz”. Foi então que Amira sentiu a política em curso - e cada vez mais intensa - de Israel de controle sobre a vida dos palestinos, apesar do exército não estar diretamente dentro dos territórios palestinos densamente povoados, e embora houvesse negociações entre os líderes palestinos e o governo de

²¹⁵ HASS, Amira. Op. cit, 1999, p. 5.

²¹⁶ Que tem área de 424,4 km².

²¹⁷ A estimativa, de 2006, é de 1,5 milhão de habitantes.

²¹⁸ Essa afirmação não está presente na entrevista, mas sim no *workshop* que Amira ministrou em Ferrara, de 1 a 3 de outubro de 2010.

Israel²¹⁹.

2.1 Os jornalistas e a História

O jornalismo que conhecemos hoje nas sociedades democráticas, aponta Nelson Traquina, professor da Universidade Nova de Lisboa, tem raízes nos anos 1800, período em que se desenvolveu a imprensa de massa. Durante a Revolução Francesa, no fim do século XVIII, os jornais eram, principalmente, utilizados como arma na luta política. A expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos postos de trabalho, e um número crescente de pessoas passou a se dedicar, em tempo integral, à produzir informação, e não mais propaganda²²⁰.

Com a emergência desse novo paradigma, de um jornalismo de informação, constitui-se um novo grupo social: o dos jornalistas, que passaram a reivindicar o monopólio do saber, da notícia²²¹. Nessa mesma época, foram feitos os primeiros registros da participação feminina na imprensa²²².

A historiadora Tânia Regina de Luca, ao analisar os periódicos como fontes históricas, enfatiza que revistas e jornais não são obras solitárias, mas projetos coletivos realizados por vários indivíduos²²³, e que alguns cuidados devem ser tomados ao se trabalhar com esse tipo de fonte, tema já explorado nos primeiros capítulos.

O fato é que, em se tratando dos relatos de guerras e conflitos, os textos produzidos por jornalistas, com todos os seus defeitos e limitações, tornam-se a principal fonte para muitos historiadores. Magnus Öbert e Margarata Sollenberg, professores da Universidade de Uppsala, enfatizam que os meios de comunicação também fazem parte do campo de batalha: muitas vezes são usados por lados opostos como um meio de disseminar as suas perspectivas para o exterior²²⁴. Ao

²¹⁹ KREISLER, Harry. Op. cit. 2003.

²²⁰ TRAQUINA, Nelson. *O que é jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002. p. 20.

²²¹ Idem.

²²² LIIDTKE, Daniel. A imprensa de salto alto. *Canal da Imprensa*. Disponível em: www.canaldaimprensa.com.br/canalant/debate/decedicao/debate1.htm. Acesso em: 24 de agosto de 2008.

²²³ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-151

²²⁴ SOLLENBERG, Margarata; ÖBERT, Magnus. O ensino da análise de conflitos: sugestões sobre a utilização dos media como recurso para a análise de conflitos. PUREZA, José Manuel (org.). *Fogo sobre os media*. Coimbra: Quarteto, 2003. p. 33.

mesmo tempo, defendem os textos jornalísticos como “instrumentos inestimáveis para a análise de conflitos”²²⁵, apesar de seus problemas.

Um exemplo é o relato do repórter inglês Richard Dimbleby, o primeiro correspondente de guerra da rede BBC, o único jornalista a acompanhar os soldados britânicos na libertação dos prisioneiros do campo de concentração de Bergen-Belsen em 15 de abril de 1945. “Pessoalmente, ele nunca conseguiu falar sobre as horas em que passou em Belsen, nem com a minha mãe”²²⁶, revelou o seu filho, Jonathan Dimbleby, anos depois. Porém,

ele enviou o seu relatório à BBC de Londres, deixando o editor tão horrorizado a ponto de dizer que só transmitiria a reportagem depois que tudo fosse verificado por outros repórteres. Meu pai ficou furioso. Ele mandou um telegrama para Londres dizendo que, se a BBC não transmitisse seu relatório imediatamente, ele nunca mais faria outro. Os chefes cederam e sua história, ainda que de forma truncada, foi transmitida para o mundo todo. E se transformou em uma matéria inesquecível. Ao lado de outros relatos de atrocidades similares, o testemunho de meu pai ajudou a gerar o clima pesado sob o qual os tribunais de guerra começaram a trabalhar alguns meses mais tarde. Penso que o trabalho dele talvez tenha contribuído na transformação do Holocausto em algo imperdoável e impossível de se esquecer²²⁷.

Beatriz Sarlo diz que o jornalismo feminino “tem ouvido e registrado vozes de diferentes atores e reconstruído eventos históricos por meio da apresentação dessas vozes”²²⁸. Amira, sem dúvida, faz isso. Além disso, e de ir a lugares aonde nenhum outro jornalista ocidental vai, consegue perceber coisas que a maioria das pessoas não vê. São

²²⁵ Ibidem, p. 52.

²²⁶ DIMBLEBY, Jonathan. “Meu pai ajudou a tornar o Holocausto imperdoável – e impossível de ser esquecido”. *BBC História Revista*. Ano 1, edição 1. 2009. p. 77.

²²⁷ DIMBLEBY, Jonathan. “Meu pai ajudou a tornar o Holocausto imperdoável – e impossível de ser esquecido”. *BBC História Revista*. Ano 1, edição 1. 2009. p. 77.

²²⁸ SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: Intelectuais, artes e meios de comunicação*. São Paulo: USP, 1997. p. 192.

coisas nem sempre óbvias, que não estão nos “furos jornalísticos”, nas notícias diárias, mas que, seguramente, farão parte da história da ocupação israelense nos territórios palestinos.

2.2 Submissão voluntária

Os palestinos são, na sua maioria, muçulmanos. Há também palestinos cristãos, principalmente concentrados em determinadas cidades como Belém e Ramallah. E, transferir-se para os territórios, como Amira fez em 1993, apesar de estar a poucos quilômetros de distância de sua terra natal, significa estar imersa em um novo sistema de valores.

Bernard Lewis, professor de Estudos Orientais na Universidade de Princeton, afirma que “Islã” significa tanto uma religião, um sistema de crença e culto, quanto uma civilização, que cresceu junto com a religião²²⁹. Hoje, é a religião com o maior número de fiéis no mundo. Nunca se falou tanto do Islã, principalmente depois do 11 de setembro²³⁰ de 2001 e da campanha militar do ex-presidente norte-americano George W. Bush, com duas invasões militares, no Afeganistão e no Iraque.

A palavra 'Islã' denota mais de 14 séculos de história, 1,3 bilhão de pessoas e uma tradição religiosa e cultural de enorme diversidade. (...) Em termos espaciais, o domínio do Islã estende-se do Marrocos à Indonésia, do Cazaquistão ao Senegal. Temporalmente, retrocede a mais de 14 séculos, ao advento e missão do profeta Maomé na Arábia Saudita, no século VII d.C, quando criou a comunidade e o Estado islâmicos. (...) Como religião, o islã é, sob todos os aspectos, muito mais próximo da tradição judaico-cristã que de qualquer uma das grandes religiões da Ásia, como o hinduísmo, o budismo ou o confucionismo. O judaísmo e o islã tem em

²²⁹ LEWIS, Bernard. *A Crise do Islã, Guerra Santa e Terror Profano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

²³⁰ Em que dois aviões, supostamente pilotados por terroristas de origem islâmica, com ligações com a Al-Qaeda de Osama Bin Laden, colidiram contra as torres gêmeas do World Trade Center em Nova York, provocando o desmoronamento dos edifícios e matando milhares de pessoas. No mesmo dia, outros atentados de menor proporção foram perpetrados nas cidades de Washington, atingindo a sede do Pentágono, e na Pensilvânia.

comum a crença em uma lei divina que regula todos os aspectos da vida humana, incluindo até mesmo a comida e a bebida. Cristãos e muçulmanos partilham um mesmo triunfalismo. Em contraste com outras religiões, incluindo o judaísmo, acreditam que são os únicos afortunados a receber e guardar a mensagem final de Deus para a humanidade, sendo sua obrigação levá-la ao resto do mundo. Comparadas com as mais antigas religiões orientais, todas as três religiões do Oriente Médio – judaísmo, cristianismo e islamismo – estão intimamente relacionadas e aparecem, de fato, como variantes da mesma tradição religiosa²³¹.

Islã é uma palavra árabe que significa “submissão voluntária a Deus”. O cristianismo e o islã têm uma mesma herança: as profecias judaicas e a filosofia e ciência gregas, nutridas pelas tradições do Oriente Médio antigo. Assim como há semelhanças, há disparidades, que vão além das diferenças de culto e dogma, conforme aponta Lewis. Para ele, a maior diferença é a seguinte: durante séculos, o cristianismo cresceu e se desenvolveu como uma religião dos oprimidos, até que, com a conversão do imperador Constantino, o próprio César tornou-se cristão e inaugurou uma série de mudanças através das quais a nova fé ganhou o Império Romano e transformou sua civilização. Já o fundador do Islã “foi seu próprio Constantino”, fundando seu próprio Estado e império.

Durante a vida de Maomé, os muçulmanos tornaram-se, ao mesmo tempo, uma comunidade política e religiosa, tendo o profeta como chefe de Estado. “Maomé não era somente profeta e mestre, como os fundadores de outras religiões; era também um dirigente e um soldado”²³². “Cristo foi crucificado, Moisés morreu sem entrar na terra prometida, e as crenças e condutas de seus seguidores religiosos ainda são profundamente influenciados pela memória desses fatos. Maomé triunfou em vida e morreu como soberano e conquistador”²³³.

Cerca de 200 anos após o nascimento de Maomé, o Islã já havia se espalhado no Oriente Médio, no Norte de África, na península

²³¹ LEWIS, Bernard. Op. cit., p. 25-26.

²³² Ibidem, p. 42.

²³³ Ibidem, p. 30.

Ibérica, na antiga Pérsia até chegar a Índia. Mais tarde, “conquistou” a Anatólia, os Balcãs e a grande parte da África. Movimentos migratórios mais recentes levaram o islã para a Europa e América.

O alcorão é o livro sagrado do islamismo. Xeique Amin Alkaram, nascido na Síria e atual líder da comunidade muçulmana de Florianópolis, composta por cerca de 100 famílias, explica que o texto do alcorão foi narrado por Deus (Alá) ao profeta Maomé, através de um anjo, ao longo de 22 anos. Segundo ele, o texto em árabe é o mesmo recitado em todas as mesquitas do mundo até hoje. Há também traduções para auxiliar o entendimento em países que não tem o árabe como vernáculo, mas as orações são todas em árabe e a língua é ensinada nas mesquitas²³⁴.

Amin Alkaram lamenta que no Brasil, assim como na maior parte dos países ocidentais, não se vive sob a “sharia”, o código de leis do Islã. Em várias sociedades islâmicas, não há separação entre a religião e o Direito. Ou seja, as leis são baseadas nas escrituras ou no parecer de líderes religiosos. Os pilares do islã são: o testemunho da fé, a oração cinco vezes por dia, a esmola, o jejum no período santo do Ramadã e a peregrinação para Meca, pelo menos uma vez na vida. Para Alkaram, Deus criou o islã por cinco motivos: para assegurar a vida, garantir a fé, assegurar a honra, assegurar os bens materiais e assegurar a integridade mental (o álcool é proibido, por exemplo)²³⁵.

Para o mundo ocidental, herdeiro de uma cultura judaico-cristã, o islã é geralmente visto como exótico, parte de um “oriente” misterioso, de mulheres com véus, camelos, deserto. “O Oriente era quase uma invenção européia, (...) um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e passagens obsessivas, de experiências notáveis”²³⁶, analisa Edward W. Said em seu “clássico” *Orientalismo*, publicado em 1978, um dos textos fundadores dos estudos pós-coloniais. Said trabalha com a idéia de que o orientalismo tem muitas formas, muitos significados, e o vê como discurso. Sua tese central é que o “Oriente” é uma invenção dos ocidentais, como se fosse uma imagem refletida para legitimar a identidade e discriminatória do Ocidente “racional, desenvolvido e superior”.

²³⁴ ALKARAM, Amin. Entrevista a Juliana Kroeger. Florianópolis, 7 de novembro de 2008.

²³⁵ Idem.

²³⁶ SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 13.

Said exemplifica, falando sobre como os árabes/muçulmanos²³⁷ são mostrados nas produções audiovisuais norte-americanas. “Nos filmes e na televisão, o árabe é associado à libidinagem ou à desonestidade sedenta de sangue. Aparece como um degenerado super-sexuado, capaz, é claro, de intrigas astutamente tortuosas, mas essencialmente sádico, traiçoeiro, baixo”²³⁸. Outro abordado por Said é que, geralmente, nos vídeos ou nas fotos jornalísticas, o árabe é sempre visto em grandes números. “Nenhuma individualidade, nenhuma característica ou experiência pessoal. A maior parte das imagens apresenta massas enraivecidas ou miseráveis, ou gestos irracionais (logo, desesperadamente excêntricos)”²³⁹. E, por trás de todas essas imagens, estaria a ameaça da *jihad*, a guerra santa. O resultado disso, segundo ele, é “um temor de que os muçulmanos (ou árabes) tomem conta do mundo”²⁴⁰. Temor este certamente fundado na efetiva conquista de parte da Europa pelos muçulmanos do Norte da África durante a Idade Média e pela presença forte, na cultura ocidental, especialmente ibérica, francesa e italiana, da luta “cristã” pela retomada desses territórios.

2.3 Show midiático

A Faixa de Gaza é um território onde a religião está muito presente. Antes de alugar uma casa na Cidade de Gaza, Amira viveu na casa de alguns amigos muçulmanos. Era 1993 e a primeira *intifada* havia apenas terminado. Em dezembro de 1987, um judeu israelense foi esfaqueado na nuca por um palestino enquanto fazia compras em um mercado em Gaza, morrendo logo em seguida. Dois dias depois, um motorista israelense que trafegava na contramão atingiu acidentalmente, segundo a versão oficial, um caminhão que transportava trabalhadores árabes. Sete palestinos se feriram e outros quatro morreram, moradores do campo de refugiados de Jabalia, na Faixa de Gaza. A notícia de que foi uma retaliação, e não um acidente, espalhou-se pelas ruas. O

²³⁷ É bom deixar claro que nem todo muçulmano é árabe, mas a maior parte dos árabes são muçulmanos. Árabes são integrantes de um povo heterogêneo que habita regiões do Oriente Médio e da África, falantes da língua árabe. Os palestinos, por exemplo, são árabes e majoritariamente muçulmanos. Países como a Turquia e o Irã (persa) são países majoritariamente muçulmanos, mas não são árabes.

²³⁸ SAID, Edward W. Op. cit., 1990, p. 291.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Idem.

motorista judeu teria jogado seu trailer contra os palestinos para vingar a morte do homem esfaqueado no mercado.

Poucos dias depois, uma patrulha israelense foi apedrejada por garotos palestinos e os soldados responderam atirando. Hatem Abu Sisi, um adolescente palestino, foi atingido por duas balas no peito. De acordo com o jornalista Thomas L. Friedman, a morte do garoto de 16 anos foi o estopim para o início da *intifada*, o grande movimento de revolta que tomou os territórios ocupados. Era a gota d'água de duas décadas de opressão: durante 20 anos, os palestinos se submeteram às regras do Estado judeu. A morte de Hatem serviu como detonador de um sentimento de revolta coletiva²⁴¹.

Conforme aponta o jornalista Fernando Evangelista, a *intifada* começou com um movimento de desobediência civil não letal. A grande arma dos palestinos eram as pedras, “inofensivas sob o ponto de vista militar, mas poderosas politicamente”. *Intifada*, em árabe, significa calafrio, estremecimento, tremor. E as cenas de palestinos jogando pedras, contra um dos mais poderosos exércitos do mundo, foram um duro golpe para a imagem de Israel. “Arafat aproveitou o 'tremor', para dizer: 'vejam quem são os verdadeiros terroristas. Nós somos as vítimas'. E os palestinos diziam aos israelenses: 'Nós não estamos de acordo com suas leis, nós estamos aqui, queremos nosso Estado, esta terra nos pertence'. E, mais importante, diziam a si mesmos: 'nós temos uma identidade coletiva, temos força e estamos dispostos a qualquer sacrifício’”²⁴².

As pedras significavam não trabalhar em Israel, recusar cooperar com o governo militar israelense nos territórios ocupados, não mais comprar produtos israelenses, fazer greves diárias em metade do horário de expediente, superlotar as prisões israelenses com detentos e, de um modo geral, tornar os palestinos, enquanto comunidade, intragáveis para Israel. Neste sentido, o uso de pedra era, ao mesmo tempo, uma crítica dirigida contra as táticas da OLP e a descoberta de que eles mesmos possuíam o poder de desafiar os israelenses a vida inteira. Simplesmente, não

²⁴¹ FRIEDMAN, Thomas L. *De Beirute a Jerusalém*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991. p. 367-369.

²⁴² EVANGELISTA, Fernando. Histórias que não se contam: Padrões de Manipulação da Notícia na Questão Palestina e nas Guerras no Iraque. *Dissertação de Mestrado*. Universidade de Coimbra. Abril de 2006. p. 90.

havam percebido isso antes. Não surpreende que uma das canções árabes mais populares durante a insurreição era ‘não tema, não tema, a pedra se tornou uma *kalashinokov*’.²⁴³

Essas pedras, além de tudo, estavam carregadas de conteúdo simbólico. Sem contar que a condenação à morte por apedrejamento, que causa uma morte lenta e dolorosa, é um ritual milenar no Oriente Médio. Os textos sagrados dos judeus, e também dos cristãos, contém muitas passagens sobre essa forma de execução. Vários países islâmicos ainda hoje utilizam o apedrejamento como punição, principalmente para mulheres adúlteras e para outros “delitos contra a honra”.

Em meios às pedras, a causa palestina ganhava força e legitimidade. Mas a resposta de Israel foi dura, como mostra Amira em seus relatos. O início dos anos 1990 havia sido difícil para os palestinos. O colapso da União Soviética, seguido pela derrota de Saddam Hussein na Guerra do Golfo em 1991, deixou os movimentos nacionalistas seculares, especialmente o dos palestinos, sem um “patrono”. Muitos árabes, principalmente na Arábia Saudita e no Kuwait – como aponta Bernard Lewis – agindo em represália aos palestinos por essa ligação e apoio que deram ao ditador iraquiano, cortaram a ajuda financeira²⁴⁴.

Nesse contexto, foram realizados os Acordos de Oslo, uma série de acordos assinados por Israel e pela OLP, de Yasser Arafat, mediados pelo então presidente dos Estados Unidos Bill Clinton, entre setembro de 1993 e setembro de 1995. A ideia é que os acordos pusessem fim ao conflito, desse início a negociações sobre os territórios ocupados, marcasse a retirada de Israel do sul do Líbano e resolvesse a questão do status de Jerusalém. Porém, na prática, a negociação só piorou a vida dos palestinos, conforme apontam quase todos os especialistas. Os acordos de Oslo renderiam a Arafat o prêmio Nobel da Paz e um recorde de impopularidade entre os palestinos. As propostas feitas pelo primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin eram, segundo os grandes jornais do mundo, irrecusáveis. “Mas Oslo foi um show midiático e naufragou por completo em 4 de novembro de 1995, quando um judeu israelense de 25 anos matou com um tiro Rabin, em reposta a sua posição nos acordos de paz”²⁴⁵. O linguista Noam Chomsky, em

²⁴³ FRIEDMAN, Thomas L. Op. cit. 1991. p. 380.

²⁴⁴ LEWIS, Bernard. Op. cit., p. 70.

²⁴⁵ EVANGELISTA, Fernando. Op. cit. 2006. p. 91.

conferência ao Instituto de Tecnologia de Massachussets em maio de 2002, falou sobre a política dos Estados Unidos com relação ao Oriente Médio:

Os Estados Unidos estão conduzindo uma coisa chamada ‘processo de paz’. Processo de paz significa, por definição, qualquer coisa que os Estados Unidos estejam fazendo. Nos últimos trinta anos, o processo de paz tem consistido em os Estados Unidos solaparem a paz. Será que alguém sabe disso? Não. Se eu falar disso com uma platéia culta, uma platéia acadêmica, ninguém saberá sequer do que estou falando.²⁴⁶

Amira compartilha dessa visão e ironiza os termos “processo de paz”, *peace talks*. É preciso ver o que está além do discurso²⁴⁷. Porém, em *Drinking the sea at Gaza*, ela afirma que a transferência de autoridade em Gaza para os palestinos, em maio de 1994, trouxe algumas mudanças positivas. Já não era preciso viver em meio aos soldados israelenses, com suas armas e ar de superioridade. “Já não temos medo de deixar nossos filhos brincarem na rua”, alguém lhe falou. “Não precisamos correr atrás das crianças que não chegam a casa no horário combinado”. “Paramos de ter pesadelos com nossos filhos sendo atingidos por uma bala na cabeça”. Amira relata o que via pelas ruas: algumas semanas após a retirada, como se alguém tivesse usado uma varinha mágica, grupos de meninos se materializaram na Cidade de Gaza, andando de bicicleta no meio das estradas, mesmo contra o fluxo de tráfego. Além deles, apareciam grupos de meninas conversando. Já era possível até mesmo ver meninas andando de bicicleta²⁴⁸.

As pessoas poderiam, finalmente, dormir sem pijamas nas noites quentes de verão, como confidenciou “S”, de Rafah, uma cidade na Faixa de Gaza próxima a fronteira com o Egito. Isso não podia ser feito no tempo em que havia a chance de soldados invadirem as casas durante a noite. A *siesta* no início da tarde também começava a ser restabelecida, já que, antes da retirada dos soldados, a presença das

²⁴⁶ CHOMSKY, Noam. *Poder e Terrorismo – entrevistas e conferências pós – 11 de setembro*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 42.

²⁴⁷ HASS, Amira. *Potere, rabbia e mezzi d’informazione*. 1 a 3 de outubro de 2010. Workshop no Festival Internazionale a Ferrara. Ferrara: Internazionale a Ferrara, 2010.

²⁴⁸ HASS, Amira. Op. cit., 1999, p. 24.

tropas pelas ruas e o barulho dos *jeeps* provocavam “profunda ansiedade”. Amira sentia Gaza retornar lentamente ao antigo ritmo da costa mediterrânea²⁴⁹.

As famílias voltavam a ir à praia no entardecer, a encher as ruas, a beber café à beira-mar. Amira percebe que a mídia em Israel, e em todo o mundo, assinala Amira, foi rápida em divulgar essas mudanças: todos veiculavam entusiasmados os triunfos do processo de paz. Havia, então, potencial para o crescimento comercial, para novas construções e desenvolvimento. Mas as pessoas da Faixa de Gaza não se impressionavam tanto com isso, e até ficavam revoltadas com o tom de algumas reportagens²⁵⁰, ela relata.

Os palestinos estavam fazendo uma comparação completamente diferente entre as suas vidas de agora e antes da *Intifada*, entre as suas vidas em Gaza e suas vidas em Israel. Para pessoas familiarizadas com os restaurantes à beira-mar e vitrines atraentes de Ashkelon e Tel Aviv, para as pessoas que tiveram um papel central no *boom* de construção de Israel, a comparação foi desagradável. Quem melhor do que uma nação de trabalhadores da construção civil pode compreender a injustiça das restrições à construção e desenvolvimento no seu próprio território? E quem poderia entender melhor que o frenesi de construção na Faixa, que tanto impressionou o mundo inteiro, era apenas uma compensação tardia e parcial para os anos de não-desenvolvimento? Por 27 anos, uma comunidade tinha visto diariamente como seus vizinhos viviam como um povo livre em seu próprio país²⁵¹.

²⁴⁹ HASS, Amira. Op. cit., 1999, p. 24.

²⁵⁰ Ibidem, p. 25.

²⁵¹ HASS, Amira. Op. cit., 1999, p. 25. Texto original: *The palestinians, on the other hand, were making a different comparison altogether; between their lives now and before the Intifada, between their lives in the Strip and life as they knew in Israel. For people familiar with the beachside restaurants and enticing shop windows of Ashkelon and Tel Aviv, for people who had played a central role in Israel's construction boom, the comparison was grim. Who better than a nation of construction workers could understand the injustice of the restrictions on building and development in their own territory? And who could better understand that the frenzy of construction in the Strip that so impressed the entire world was only a belated and partial compensation for years of nondevelopment? For 27 years one community had watched daily how their neighbors*

Amira contou-me que o problema central é que Israel ainda não rompeu com a lógica da sua “guerra da independência”. É como se a *Nakba* de 1948 não tivesse acabado para os palestinos. Amira chama isso de “cadeia de desapropriação”, que, segundo ela, aumenta a cada dia.

É difícil para as pessoas, mas também é difícil para mim. Porque eu sou um daqueles que dizem: Israel não é apenas um fenômeno colonialista, é também um resultado do Holocausto. Você não pode desconectar essas duas coisas. É por isso que Israel não é como a Argélia - a ocupação francesa da Argélia, ou a colonização britânica no Quênia e na Índia. É diferente. Mas, em seguida, a forma como Israel segue não é diferente: apenas continua a colonização e a espoliação dos palestinos desde 1948. E isso é o mais difícil... você se sente completamente encurralado, sem esperança, e a repressão está em todos os lugares e em diferentes formas. Então você tem palestinos da Faixa de Gaza de uma forma, em Israel de outra forma, os palestinos fora, os palestinos na Cisjordânia... Às vezes, há uma pausa em algum lugar, mas como um todo você vê que há um objetivo de erradicá-los completamente como um conceito de povo. Não fisicamente, não é tão bem sucedida assim, mas para separá-los. Agora eles estão criando um 'bantustão'²⁵², que faz parte de um processo. Esta é realmente a coisa mais difícil, para mim, de digerir. Não dá²⁵³.

Perguntei a Amira o que ela pensa sobre a comparação entre a situação em Israel e nos Territórios Palestinos com a África do Sul durante o Apartheid. Sua resposta foi que existem, na sua opinião,

lived as a free people in their own country.

²⁵² Bantustões foram enclaves criados pelo regime do apartheid na África do Sul, com o objetivo de manter os negros fora dos territórios dos brancos porém próximos para servirem como força de trabalho.

²⁵³ HASS, Amira. Entrevista concedida a Juliana Kroeger e Fernando Evangelista. Ferrara, Itália, 1/10/2010 e 3/10/2001. Acervo do LEGH/UFSC.

diferenças e semelhanças: uma coisa que certamente não é semelhante é que o apartheid israelense não é biológico. Ela argumenta que, na África do Sul, não poderia haver hospitais para brancos e negros. Uma pessoa branca não podia receber sangue de uma pessoa negra, e vice-versa. Isso não existe em Israel. Visto por esse aspecto, diz Amira, os hospitais são os lugares mais “saudáveis” em Israel: você pode ter um médico palestino com um paciente judeu e vice-versa. Ela levou um velho amigo para o hospital, em meados de 2010, e era um sábado, sabá para os judeus. Por isso, havia mais árabes trabalhando. Ela observou um paciente judeu ortodoxo que não queria ficar na cama, que lutava, o tempo todo, para ficar de pé. Então ouviu um enfermeiro palestino dizendo-lhe: “Se você não se comportar, vou amarrá-lo”. O enfermeiro, palestino, brigava com o paciente, judeu ortodoxo, como se ele fosse um menino, e aquilo era completamente aceitável.

Já com relação à liberdade de circulação dos palestinos, a situação é outra. Amira foi uma das primeiras pessoas a alertar sobre a criação dos “bantustões” nos territórios palestinos, a exemplo do que havia no país africano. Há o controle da liberdade de movimento, que é uma forma de segregar. “Então você confina os palestinos em 'enclaves' onde não só o espaço para o movimento, mas para o desenvolvimento, construção e agricultura é muito limitado. Em comparação, para os judeus, é quase sem limites”.

2.4 Passagem negada

Pude ter noção do que a ocupação significa quando fui a Ramallah pela primeira vez, em outubro de 2010. A cidade fica nos territórios palestinos, a aproximadamente 15 km de Jerusalém, e é sede dos ministérios e do parlamento da Autoridade Palestina. A cidade está rodeada por assentamentos judeus, nas áreas mais nobres, verdes e elevadas da região. Para ir de Jerusalém a Ramallah, por exemplo, é preciso passar pelo forte esquema de segurança no *checkpoint* de Qalandiya, que incluiu um grande corredor com barras de ferro do chão ao teto. “Aquilo é um curral, daqueles que o gado passa para ir para o abate”, disse-me S. M.

S. é brasileiro, nascido em 1966. Por ter solicitado a nacionalidade palestina em 2008, para poder viver com seus pais, é um dos tantos que não podem nem chegar perto do *checkpoint*. Seu pai, I., é palestino, e trabalhava como mascate levando produtos do Oriente

Médio para o Brasil. Em uma de suas viagens conheceu C., gaúcha de origem germânica. Casaram-se pouco depois e foram viver em Ramallah. Passaram algumas temporadas no Brasil e, em uma delas, S. nasceu. Tiveram outros três filhos e construíram apartamentos para alugar em Ramallah, sobre a estrutura da antiga casa da família.

Com pouco mais de 40 anos, S. deixou o Brasil, onde sempre viveu, para ajudar a gerenciar os apartamentos em Ramallah e também continuar seu trabalho como artista plástico. A espera dos seus documentos, que precisam ser emitidos por Israel, parece não ter fim. Mas mesmo com esses papéis em mãos, S. não poderá, por exemplo, ir livremente para Jerusalém. Desde o início dos anos 1990, palestinos da Cisjordânia precisam de autorização para ir à cidade, a terceira mais sagrada para o Islã. “E essa autorização só é dada em casos de morte na família, casamento de um filho ou se a pessoa tiver com uma doença terminal. Os palestinos costumam brincar: ‘ah, você foi para Jerusalém, aposto que arrumou um tumor no cérebro’”, relata Amira. Ela se refere aos atestados médicos falsos que, às vezes, garantem uma permissão para ir a Jerusalém²⁵⁴.

A política de bloqueio, de fechamento aos palestinos, promovida por Israel, começou a se intensificar em 1991 durante a primeira *Intifada*. E essa política reforçou a construção de assentamentos israelenses nos territórios palestinos: a fragmentação da terra, provocada pelas colônias, também bloqueia a liberdade de movimento dos palestinos.

De 1948 a 1967, palestinos em Gaza e na Cisjordânia não tiveram contato. Depois da Guerra dos Seis Dias, quando Israel assumiu o controle de Gaza, a situação mudou. Durante aproximadamente 20 anos, até o início dos anos 1990, tiveram liberdade de movimento, apesar de não terem ligação territorial. Isso fez muito bem à sociedade palestina e, inclusive, impulsionou a economia da região. Mas com a primeira *intifada*, os rumos mudaram e a situação foi piorando com o passar do tempo. Após 1991, palestinos de Gaza e da Cisjordânia só se encontravam na prisão. Hoje, nem isso, porque também são separados até mesmo dentro das cadeias. O argumento usado para a separação – sustenta Amira – é a questão da segurança: *security reasons*, e, a cada dia, o bloqueio aumenta um pouco mais. Amira faz a comparação: é como um sapo dentro de uma panela. “Se você deixá-lo na panela e aquecer a água rapidamente, o sapo vai saltar fora. Mas se for

²⁵⁴ HASS, Amira. *Potere, rabbia e mezzi d'informazione*. 1 a 3 de outubro de 2010. Workshop no Festival Internazionale a Ferrara. Ferrara: Internazionale a Ferrara, 2010.

aquecendo a água aos poucos, ele vai morrer dentro dela”²⁵⁵.

Ela também compara essa questão do fechamento aos palestinos com a história de um homem religioso e muito pobre, que vivia em uma minúscula casa com sua mulher. Seu único bem era uma cabra. Certo dia, esse homem foi conversar com o rabino, pedir um conselho para melhorar sua vida. “Leve a cabra para dentro de casa”, foi o que ouviu. A ideia lhe pareceu absurda, mas como era um homem religioso, seguiu o conselho. Depois de um mês, sua vida estava insuportável. Quando não podia mais aguentar aquela situação, foi conversar com o rabino novamente, que disse: “leve a cabra para o quintal”. E, finalmente, aquele homem estava no céu²⁵⁶.

Existe um governo, um território e dois povos. Um só povo vota, – comenta Amira – o outro não pode votar, mas o governo decide sobre o futuro dos dois povos. “Para mim, esse é o apartheid. E então você tem o sistema de hierarquia. Para começar, tudo que os judeus têm é melhor: estradas, água, infraestrutura, educação, saúde, tudo. É apartheid”²⁵⁷.

Amira não tem problemas em passar pelos *checkpoints*. Afinal, é judia e jornalista. “Para mim, é realmente um *checkpoint*, posto de controle. Eu paro e depois passo. Para os palestinos, por outro lado, é um bloqueio”, disse-me. Os palestinos, muitas vezes, mesmo com “autorização”, ficam esperando por oito, dez horas e os soldados israelenses “fazem isso para incomodar, para prender a população, não é por questões de segurança”. Mas isso não se aplica à Gaza, que nos últimos anos, está “completamente fechada”. Amira não teve acesso à região a partir de 2006. Após dois anos, em 2008, conseguiu chegar a Gaza em um barco clandestino que levava ajuda humanitária. Desde então, ela já foi para Gaza da mesma maneira outras duas vezes. Na última delas, em maio de 2009, acabou presa ao voltar para Israel, como já citei anteriormente.

Gaza está fechada para os palestinos, que não podem entrar ou sair, para os israelenses e também para outros estrangeiros. Poucos meses antes da minha viagem, o então chanceler do Brasil, Celso Amorim, também foi impedido pelo governo de Israel de entrar na Faixa de Gaza. A intenção era conhecer um hospital que seria reconstruído

²⁵⁵ HASS, Amira. *Potere, rabbia e mezzi d'informazione*. 1 a 3 de outubro de 2010. Workshop no Festival Internazionale a Ferrara. Ferrara: Internazionale a Ferrara, 2010.

²⁵⁶ Idem.

²⁵⁷ HASS, Amira. Entrevista concedida a Juliana Kroeger e Fernando Evangelista. Ferrara, Itália, 1/10/2010 e 3/10/2001. Acervo do LEGH/UFSC.

com financiamento do Brasil, África do Sul e Índia. A alegação de Israel é que visitas de ministros e parlamentares estrangeiros a Gaza poderiam “servir como propaganda e legitimação do movimento islâmico Hamas”²⁵⁸. Gaza vive sob rígido bloqueio israelense desde 2007, quando o Hamas assumiu o controle do território. Por isso, e também devidos aos conselhos de Amira, não tentei chegar à região, apesar de ter estado perto do *checkpoint* de Erez.

2.5 A história de Lulu

Voltando à vida em Gaza, com o passar dos anos, Amira se acostumou com a seguinte cena na região: pilhas de escombros, de concreto e ferro retorcido, onde antes havia uma casa. As demolições, quase sempre perpetradas por *bulldozers* israelenses, diminuiriam com a assinatura dos acordos de Oslo. E as casas, na maioria dos casos, pertenciam a pessoas ligadas a homens acusados do que os israelenses chamam de “atos de terror” e do que os palestinos chamam de “luta contra a ocupação”.

A demolição é brutal, geralmente realizada alguns dias após a detenção do suspeito, muito antes de sua culpa ou inocência ter sido sentenciada pelo tribunal. Mas quando uma família me mostra o monte de ruínas dez ou vinte anos mais tarde, eu não consigo detectar nenhum sinal de arrependimento pelo ato que causou a demolição, mesmo quando os pais idosos e irmãs mais jovens foram os que tiveram que pagar o preço²⁵⁹.

Em meados dos anos 1990, e também nos 20 a 30 anos anteriores, havia um forte movimento comunitário em Gaza para que os mais jovens pudessem completar seus estudos. Amira cita o caso de Abu

²⁵⁸ NINIO, Marcelo. Israel veta entrada de chanceler Celso Amorim na faixa de Gaza. *Folha de São Paulo*. 29/07/2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/774430-israel-veta-entrada-de-chanceler-celso-amorim-na-faixa-de-gaza.shtml>. Acesso em: 1 ago 2010.

²⁵⁹ HASS, Amira. Op. cit., 1999, p. 54. Texto original: *The demolition is brutal, usually carried out a few days after the suspect's arrest, long before his guilt or innocence has been established in court. But when a family shows me the pile of ruins ten or twenty years later; I cannot detect any signs of regret for the deed that caused the demolition, not even when elderly parents and younger sisters are the ones who had to pay the price.*

Basel que, graças ao esforço de seu irmão A.A., que trabalhou por duas décadas em Israel, pode ir para a universidade, assim como os seus outros irmãos. Quando A.A. não teve mais permissão para entrar em território israelense, os membros da família se cotizaram para pagar o ensino de suas filhas. Agora, eram necessários passes para os palestinos saírem dos Territórios e entrar em Israel²⁶⁰. Em 1994, com a criação da Autoridade Palestina, a separação física de Faixa de Gaza ficou ainda maior. A área foi rodeada por cercas elétricas, blocos de concreto e modernos sistemas de vigilância. Já não se podia mais sair sem um *permit*²⁶¹.

Para Amira, esse senso de responsabilidade pela família, comum entre os habitantes de Gaza, desafia qualquer explicação simples. “Certamente as explicações convencionais - o caráter tradicional da sociedade árabe e a superlotação que suprime tendências individualistas - me parecem inadequadas”²⁶². Amira foi em busca de outras explicações para essa solidariedade em família. Ouviu de A., um palestino nascido em Jabalia (Gaza), a reclamação de que mesmo os casais mais jovens e modernos de Gaza estavam tendo um filho atrás do outro. Naquele momento, ela diz que começou a entender a capacidade de resistência do povo na Faixa de Gaza, e sua extraordinária devoção familiar. “Eles se agarram firmemente à família, ao respeito aos mais velhos, e à um grande número de filhos como um baluarte - uma religião - contra a instabilidade e a falta de continuidade em suas vidas”²⁶³. Desde 1948, essas pessoas de Gaza estão sujeitas à convulsão social, à mudanças de poder, à instabilidade econômica e à morte violenta e inesperada, principalmente depois do início da primeira *Intifada* em 1987²⁶⁴.

A jornalista cita dados apurados pela Physicians for Human Rights-Israel (PHR-Israel), uma organização não-governamental dedicada a promover uma sociedade mais justa e inclusiva, em que o direito à saúde seja aplicada igualmente para todos. A ONG parte do princípio que a ocupação prolongada de Israel sobre os Territórios

²⁶⁰ HASS, Amira. Op. cit., 1999, p. 55.

²⁶¹ Ibidem, p. 59.

²⁶² Ibidem, p. 55. Texto original: *Certainly the conventional ones - the traditional nature of Arab society, the overcrowding that suppresses individualistic tendencies - seem no me inadequate.*

²⁶³ Ibidem, p. 55-56. Texto original: *They clung steadfastly to family, to respect for the eldest members, and to having large numbers of children as a bulwark- like religion - against the instability and lack of continuity in their lives.*

²⁶⁴ Ibidem, p. 56.

Palestino é base para as violações dos direitos humanos e apurou que, somente em Gaza em 1988, 2.285 pessoas foram atingidas por armas de fogo²⁶⁵, 7.049 foram severamente espancadas e 3.295 ficaram doentes devido à inalação de gás lacrimogêneo. Em 1989, esses números subiram para 6.974 atingidas por armas de fogo, 10.774 espancadas e 3.196 com problemas causados pelo gás lacrimogêneo²⁶⁶.

De acordo com a agência das Nações Unidas para Refugiados Palestinos (UNRWA), entre agosto de 1989 e agosto de 1993, 1085 pessoas foram tratadas em suas clínicas com ferimentos de bala na cabeça; entre esses pacientes, 545 eram menores de 16 anos (sendo que 97 tinham menos de seis anos), 302 tinham idade entre 17 e 24 anos e 163 (15%) eram mulheres. Um levantamento da PHR-Israel mostrou que nos cinco primeiros anos da primeira *Intifada*, uma criança com idade inferior a 6 anos foi atingida por tiros na cabeça a cada duas semanas²⁶⁷.

É ilustrativa a história da menina Lulu Abu Dhaki, de seis anos, do campo de refugiados de Shabura (Gaza). Em 2 de fevereiro de 1989, ela caminhou da escola até sua casa, pediu dinheiro para comprar um sorvete e foi para a rua com uma amiga. O pai de Lulu contou à Amira que, naqueles dias, a região estava calma, a rua estava silenciosa. “De repente, ouvimos um tiro. Pouco depois a amiga de Lulu chegou correndo com seu sorvete, gritando: 'Lulu está morta!' Ela nos disse que alguns soldados vieram de uma rua lateral, as meninas começaram a correr e Lulu foi atingida na cabeça por uma bala de borracha”²⁶⁸.

Lulu não estava morta, mas sofreu traumatismos irreversíveis. Quando Amira escreveu essa história, em 1996, Lulu já estava hospitalizada havia sete anos, e os únicos movimentos voluntários que podia realizar era piscar os olhos, mastigar e engolir. Em uma nota, adicionada à versão americana de *Drinking the sea at Gaza*, de 1999, foi registrado que Lulu Abu Dhaki morreu em 2 de dezembro de 1998, no seu aniversário de 16 anos. Após uma longa batalha judicial conduzida por Dan Assan, da PHR-Israel, a corte israelense obrigou que o Estado de Israel pagasse 75% do tratamento de Lulu. Os outros 25% deveriam ser pagos pela família, pois havia “falhado ao prevenir o incidente”²⁶⁹.

Em Khan Yunis, ao sul de Gaza, em 21 de dezembro de 1992,

²⁶⁵ A pesquisa não faz distinção entre atingidos por projéteis e balas de borracha.

²⁶⁶ Amira, Op. Cit., 1999, p. 56.

²⁶⁷ Idem.

²⁶⁸ Ibidem, p. 55.

²⁶⁹ Idem.

Amira ouviu o doloroso relato de M.S. Dois dias antes, ele havia pedido à sua vizinha, Rana Abu Tuwior, 11 anos, que fosse buscar um pouco de leite com o proprietário de algumas vacas e um pomar de frutas cítricas. Aquela era a primeira pausa de 45 minutos de um toque de recolher que já durava cinco dias, imposto por Israel para prevenir manifestações contra a deportação em massa de apoiadores do Hamas e da Jihad Islâmica. As pessoas não sabiam se somente as mulheres estariam autorizadas a sair de casa, como ocorreu outras vezes. Isso foi o que levou M.S. a pedir o favor à vizinha, que o aceitou prontamente. Rana saiu com uma garrafa vazia nas mãos. As ruas, aos poucos, deixavam o silêncio. Apesar da suspensão temporária do toque de recolher, soldados e veículos militares ainda circulavam.

Cerca de 20 minutos depois, outro vizinho, identificado apenas como M.R., ouviu disparos e correu para ver o que acontecia. Naquele momento, M.R. viu quatro *jeeps* do exército israelense ao lado da escola. Algumas crianças atiraram pedras contra os carros e os soldados revidaram com armas de fogo. M.S. viu Rana caminhar em direção à casa onde pegaria o leite, a pouco mais de 100 metros dos soldados. Ele a viu chegar ao portão e depois cair. Juntamente com outras pessoas que testemunhavam a cena, tentou, em vão, correr para socorrê-la. Os soldados não deixaram ninguém se aproximar de Rana por 15 minutos, impedindo qualquer aproximação com rajadas de disparos. Quando os tiros cessaram por alguns minutos, puderam levá-la para o hospital. Mas Rana já estava morta, a bala havia atingido as suas costas²⁷⁰.

O porta-voz das Forças de Defesa de Israel sustentou que quando o toque de recolher foi suspenso um grande número de pessoas, de várias idades, veio de maneira organizada e deliberada criar distúrbio e jogar pedras e tijolos. “Um número de pessoas armadas foi visto entre aqueles que estavam ferindo a paz. Todos os incidentes decorridos do tiroteio são resultado de um claro senso de perigo sentido pelas Forças de Defesa de Israel”²⁷¹.

²⁷⁰ HASS, Amira. Op. cit., 1999, p. 57.

²⁷¹ Idem.

2.6 Em nome da honra

De acordo com Amira, os habitantes de Gaza, além de terem um cuidado extremo com a família e com os amigos, desenvolveram um sistema de apoio mútuo no campo material. Nos anos em que viveu lá, a jornalista pode entender o quão indispensável é essa ajuda. “Ninguém pensa duas vezes quando é para doar o pouco que se tem”, porque é uma espécie de rede de segurança para sobreviver diante do colapso econômico²⁷². Após 1994, com a separação física ainda maior entre os Territórios e Israel, e a necessidade de autorização para saírem de Gaza e da Cisjordânia, o número de trabalhadores palestinos que saíam dos Territórios para trabalhar em Israel caiu drasticamente, reduzindo ainda mais a renda das famílias. Aos poucos, as pessoas deixavam de pensar em objetivos em longo prazo, como educação, para satisfazer suas necessidades imediatas, como comprar comida.²⁷³

Após a transferência de autoridade para os palestinos, Amira foi a uma loja de bicicletas na rua al-Wahda, no centro comercial da Cidade de Gaza. O vendedor, surpreso e simpático, disse que a loja era do seu irmão e ele só estava ali para ter a sensação de que trabalhava, mas na verdade nem lembrava da sua última venda. As pessoas não tinham dinheiro nem para comida e a última coisa que se permitiriam seria comprar uma bicicleta. Porém a loja continuava aberta, o atendente continuava no balcão, porque a crise – segundo ele – não poderia durar para sempre.

Ao lado da loja de bicicleta, havia um pequeno restaurante. Durante as duas horas que Amira esteve no local, durante o almoço, uma única pessoa entrou para comprar um sanduíche de *kebab*. O atendente contou que dependia totalmente do irmão, mantenedor de toda a família.²⁷⁴ As pessoas compensavam os problemas fortalecendo as relações de ajuda e solidariedade, num improviso cotidiano para sobreviver.

Um problema sério enfrentado pela população de Gaza era com relação à energia elétrica, fornecida por Israel. Por dias, e muitas vezes até por semanas, bairros inteiros de casas e áreas comerciais ficavam sem energia. Algumas pessoas conseguem comprar seus próprios geradores, mas a maioria sofre durante os *blackouts*: tevês e rádios desligados, geladeiras com comida apodrecendo, frio extremo sem

²⁷² HASS, Amira. Op. cit., 1999, p. 58.

²⁷³ Ibidem. p. 58-59.

²⁷⁴ Ibidem. p. 59.

aquecedor no inverno²⁷⁵.

Com a assinatura dos acordos de Oslo, havia esperança de que a vida das pessoas mudaria, principalmente para as famílias de prisioneiros da *Intifada*, prisioneiros recém-libertos, desempregados, estudantes que não podiam concluir seus estudos, feridos, crianças traumatizadas e aqueles que tinham doenças e má nutrição agravados pela falta de políticas de saúde fundamentais. O orçamento de 1996 para a Autoridade Palestina, porém, não permitiu melhorias nos serviços sociais. A demanda das questões de segurança foi prioridade, assim como o aparelhamento da polícia²⁷⁶.

Essa pobreza crônica pode sugerir um alto índice de criminalidade, mas isso não acontece. “Não temos muito que fazer”, disse um policial de Gaza. Existem problemas com relação ao uso de drogas e tráfico, mas a polícia tem baixíssimos índices de roubo, assassinato e estupro²⁷⁷.

E o assassinato de mulheres em nome da “honra” da família? Isso não entra nas estatísticas do crime em Gaza. “Tais assassinatos não são considerados para não manchar a imagem da segurança pública. Eu não sei a dimensão deste problema, mas a sua omissão mostra como as mulheres ainda são associadas ao 'privado', não à esfera pública, e são consideradas como uma propriedade masculina”, afirma Amira²⁷⁸.

Giuliana Sgrena é uma jornalista italiana que tem se dedicado à cobertura de conflitos, mais recentemente no Afeganistão, no Iraque e em Israel, dando grande atenção ao Islã e o seu efeito sobre a condição das mulheres. Segundo ela, a ocupação, o boicote, a falta de trabalho e as dificuldades cotidianas têm incrementado a violência contra as mulheres e as crianças nos Territórios Palestinos. “Verifiquei na minha última visita, principalmente nos campos de refugiados, onde as condições são ainda mais miseráveis do que em qualquer outro lugar, que a situação é tão degradante que falar de violência doméstica não é mais um tabu para as organizações palestinas”²⁷⁹.

Robert Fisk lembra, em sua reportagem *Homens que assassinam*

²⁷⁵ HASS, Amira. Op. cit., 1999, p. 60.

²⁷⁶ Idem.

²⁷⁷ Ibidem. p. 61.

²⁷⁸ Idem. Texto original: *Such murders are not considered to undermine public safety. I don't know the dimensions of this problem, but its omission shows the extent to which women are still associated with the domestic rather than the public sphere and are regarded as a male property.*

²⁷⁹ SGRENA, Giuliana. *Il prezzo del velo: La guerra dell'islam contro le donne*. Milano: Feltrinelli, 2008. p. 76.

mulheres, publicada no *The Independent* de Londres e na revista italiana *Internazionale* em outubro de 2010, que os crimes em nome da honra não cabem somente às famílias muçulmanas, mas também às cristãs. De acordo com algumas organizações jordanianas ouvidas pelo jornalista, esses delitos são tão ou mais comuns nas famílias cristãs na região. A Jordânia faz fronteira com a Cisjordânia e abriga muitos refugiados palestinos. “É melhor que morra uma só pessoa, do que toda a família pela vergonha”, afirmou Sirhan, irmão de Suzanne, uma adolescente de 16 anos. Ele a matou com quatro tiros na cabeça, três dias depois dela ter ido à polícia denunciar que havia sido violentada²⁸⁰.

Na mesma reportagem, Fisk traz informações da Human Rights Watch, organização que acusa o sistema judiciário palestino de não se esforçar para proteger as mulheres de Gaza e da Cisjordânia dos crimes em nome da honra. Em 2009, um homem foi preso por ter matado a filha a golpes de corrente de ferro, após descobrir que a menina tinha um telefone celular. O homem temia que a filha o usasse para falar com homens que não pertencem a sua família. Pouco depois, o homem foi solto²⁸¹.

Em *Drinking the sea at Gaza*, Amira transcreve o depoimento de uma psicóloga palestina, identificada apenas como “Z”.

Não somos habituadas a chorar e gritar, mostrar nossos sentimentos. Não podemos fazer isso porque moramos todos muito próximos uns dos outros. Tenho certeza de que os homens também gostariam de gritar, mas não é possível. Há pouco comecei a rezar. Nós mulheres não somos fortes, mas descobri que a oração me dá força. Isso me acalma, assim como beber cerveja acalma algumas pessoas. Uma mulher que apanha do marido me perguntou para onde ela deveria ir. Com quem ela ficaria, no futuro, se ela voltasse para a casa de seus pais? Falei para ela esperar até que seus filhos cresçam e depois Alá resolverá o problema. Se morássemos em outro lugar, eu teria dito a ela para deixá-lo. Mas é muito difícil para uma mulher se divorciar aqui e eu não posso fazer com que a situação dela piore ainda mais, especialmente em tempos de

²⁸⁰ FISK, Robert. Uomini che uccidono le donne. *Internazionale*. N. 867, ano 17. 8/14 outubro de 2010. p. 44.

²⁸¹ Idem.

*fronteiras fechadas [por Israel], em que estamos desmoronando economicamente. Essa crise já tomou conta de nossas vidas. Nossa maior batalha agora é lutar para ficarmos de pé. Homens e mulheres estão na mesma batalha e enquanto isso estiver controlando nossas vidas não podemos lutar por outras causas.*²⁸²

Na entrevista que fiz com Amira, comentei sobre esse depoimento, que chamou muito a minha atenção, não só pela situação de violência vivida pela mulher, mas também pelo “conselho” da psicóloga. Perguntei também se ela via alguma mudança, após quase 20 anos daquele relato. “As coisas pioram”, ela disse, “nestes últimos 10 anos, vemos que há um aumento da violência contra as mulheres. Não é um assunto muito discutido e esse é um dos problemas”.

Perguntei se isso teria relação com a ascensão do Hamas em Gaza. “Dentro das famílias do Hamas”, ela disse, “a percepção que tenho é de que os homens são muito decentes, mas não estou em seus quartos para saber”. Entretanto o que chama mais a atenção nesses casos são as proibições e regulações às mulheres. “Há mulheres do Hamas que não ficam em casa, que saem para trabalhar, mas é sempre muito limitado. Há muitas professoras, as mulheres não são encorajadas a fugir do 'tradicional'. E lecionar é uma dessas atividades tradicionais”.

As situações de privação, econômicas e culturais, são fundamentais para essas mulheres não vislumbrarem novos horizontes e não descobrirem saídas para romper o silêncio que permeia a violência doméstica e buscar opções viáveis para quebrar o seu ciclo. (...) A percepção que possuem sobre a violência, representada pela lógica

²⁸² Z apud HASS, Op. cit., 1999, p. 203-204. Texto original: *We're not used to crying and yelling, showing our feelings. We can't, because everyone lives so close together. I'm sure the men want to scream too, but they can't let go. Not long ago I started praying. We women have no strength, but I've found that praying gives me strenght. It calms me down, like drinking beer does for other people. A whoman whose husband beat her asked me where she should go. Who would have her afterward if she went back to her parents' home? I told her to wait until her children grew up and then Allah would solve the problem. If we lived somewhere else I would tell her to leave him. But it's hard for a woman to get a divorce here and I mustn't make her situation worse, espeacially with the closures, when we're falling apart economically. This crisis has taken over every part of our lives. It's our major battle now, just strugling to get by. Women and men are in the same battle, and as long as it controls our lives we can't fight for the other causes.*

patriarcal, desmistificando a naturalidade da violência do homem contra a mulher, as crenças e os valores acerca dessa violência podem influenciar essas mulheres a perceberem sua suscetibilidade em apresentar o problema e a sua severidade²⁸³.

Retornando à questão da criminalidade oficial, aquela que entra para as estatísticas de Gaza, Amira afirma ter pelo menos uma explicação para os baixos índices: os aglomerados de diferentes famílias vivendo juntos na mesma região ou campo de refugiados impedem que alguém cruze a linha do crime. “Todo mundo conhece todo mundo” e ferir uma pessoa significa ferir toda a família. Quando isso ocorre, toda a vizinhança é coberta por uma grande tensão²⁸⁴.

A jornalista chama a atenção para uma segunda forma de divisão da sociedade em Gaza, que emergiu ao longo dos anos: os grupos políticos. Principalmente durante a *Intifada*, “havia a sensação de que a Faixa de Gaza estava fragmentada em distritos políticos. Nem todos pertenciam a uma organização política, mas a maior parte das pessoas estava unida em sua luta contra a ocupação...”²⁸⁵. Entre essas, está o Fatah, a maior e mais influente das organizações, fundada, em 1959, por Yasser Arafat e outros palestinos da diáspora. Foi o Fatah que tornou a liberação da Palestina como prioridade número um para os palestinos. O Hamas foi fundado no início da primeira *intifada*, em 1987, pelos irmãos da irmandade muçulmana, liderados por Sheikh Ahmad Yassin e Salah Shehade. A Frente Popular para a Liberação da Palestina surgiu 20 anos antes, em 1967, uma organização marxista-leninista fundada por George Habash.

A partir da década de 1980, as várias organizações políticas palestinas começaram a manter instituições voltadas à educação, saúde e bem-estar. Também formaram grupos de apoio aos prisioneiros e suas famílias, grupos de mulheres, grupos voltados aos direitos humanos etc. Amira foi tratada em uma clínica mantida por uma dessas organizações,

²⁸³ PARENTE, Eriza de Oliveira; NASCIMENTO, Rosana Oliveira do; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza. Enfrentamento da violência doméstica por um grupo de mulheres após a denúncia. *Revista Estudos Feministas*. 2009, vol. 17, n.2, pp. 445-465.

²⁸⁴ HASS, Op. cit., 1999, p. 61.

²⁸⁵ Ibidem, p. 62.

após deslocar o ombro no campo de refugiados de Rafah. Todo o atendimento, medicamentos e tratamento foi gratuito²⁸⁶.

Falar em organizações políticas também é falar em fé e religião. Amira tem a impressão de que os militantes e apoiadores do Hamas, por terem uma ligação religiosa forte, em geral irradiam confiança no futuro: Deus está do lado deles e, cedo ou tarde, o mundo todo vai seguir os preceitos do Islã²⁸⁷.

Apesar da origem judia, Amira é “secular”, “ateísta”. O grupo étnico e a religião judaica são fortemente entrelaçados e pode causar estranheza ouvir de alguém: sou judeu e ateu, como é o caso de Amira. “A primeira vez que alguém me sugeriu que eu deveria me converter ao Islã foi depois de dois anos vivendo em Gaza”, lembra Amira, sem saber ao certo como o assunto teve início. “A ideia foi dada pela mãe de um amigo, que fez a proposta com carinho e afeto, pensando no meu bem-estar”. Era uma família de refugiados, apoiadores do Fatah, com um longo histórico de prisões e espancamentos, mas que, naquela altura, por volta de 1995, apoiavam a reconciliação com Israel. Estavam todos sentados em um colchão sobre o chão e a conversa era relaxada e barulhenta. Lá pelas tantas, Amira ouviu da mãe de seu amigo que o Alcorão é o livro final e definitivo da revelação, mais importante do que a Torá e o Novo Testamento²⁸⁸.

Ao final da conversa, a mulher disse: “espero que junto com os crentes muçulmanos, você também possa chegar ao paraíso”. Depois de um debate teológico entre os familiares, uma das filhas explicou que o Alcorão deixa claro: “infieis estão destinados a receber punições humilhantes”. Amira percebeu que a palavra “infieis” saiu de seus lábios com desgosto, a aversão de uma mulher que acredita na “verdade literal da palavra sagrada”²⁸⁹.

A palavra sagrada é onipresente em Gaza, mas não é (...) monolítica, inflexível, que aponta, inevitavelmente, a um só significado. Parábolas corânicas, alusões e alegorias históricas islâmicas fazem tanto parte da Faixa [de Gaza] quanto os finos grãos de areia suspensos no ar. São abundantes mas são maleáveis também, mudando de forma e significado a partir de quem fala,

²⁸⁶ Ibidem, p. 65-66.

²⁸⁷ HASS, Op. cit., 1999, p. 65.

²⁸⁸ Ibidem, p. 94.

²⁸⁹ Ibidem, p. 95.

muitas vezes em consonância com a sua filiação política²⁹⁰.

2.7 Islã é o teto

Em Ramallah, protagonizei uma situação parecida com a que Amira descreveu em Gaza. Eu havia conhecido C. M. dois dias antes. Ela nasceu no Rio Grande do Sul e desde os 16 anos vive em Ramallah, onde se converteu ao Islã. Não me revelou sua idade, mas já é bisavó e deve ter cerca de 70 anos. Estávamos em sua casa e conversávamos na sala. Entre xícaras de chá, doces e café, contava-me como era viver nos territórios palestinos. “Foi amor à primeira vista, não consigo sair daqui. Se vou para o Brasil, morro de saudades do cheiro 'da Ramallah', o cheiro das especiarias”. A conversa, inevitavelmente, tomou o rumo da religião. “No Brasil, eu era católica, quer dizer, não praticante. Quando descobri o Islã, sabia que era para a vida toda”.

C. usava *hijab*, o véu, deixando aparente apenas o rosto, do queixo à metade da testa. As roupas também eram largas, cobertas por uma longa túnica preta. “Dentro de casa”- ela me explica, “geralmente não uso o véu e a túnica, só quando temos visitas de homens de fora, ou de homens da família que não são meus filhos ou irmãos”. E saiu da sala para buscar uma bela edição, em tons de verde e dourado, do Alcorão, ou melhor, *Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa*. Disse-me que havia comprado aquele volume em uma das peregrinações que fez à Meca, na Arábia Saudita, local mais sagrado da religião islâmica, e deu-me de presente. Falei que era católica, agradeci o presente e prometi que iria ler com carinho. “Aqui diz porque Maria não é mãe de Deus e porque Jesus é apenas um profeta”, argumentou. “O judaísmo é o chão, o cristianismo as paredes e o Islã é o teto da casa”²⁹¹.

Sobre a questão do uso do véu, no período após o retorno de Arafat para os territórios palestinos, em 1994, havia otimismo no ar, conforme aponta Amira. Pela primeira vez em muitos anos, em Rafah, havia mais pessoas rezando nas mesquitas associadas ao Fatah do que

²⁹⁰ Idem. Texto original: *The holy word is ubiquitous in Gaza, but it is not (...), monolithic, inflexible, pointing inevitably to a single meaning. Quranic parables and allusions and Islamic historical allegories are as much part of the Strip as the fine grains of sand hanging in the air and just as profuse, but they are pliable, too, changing shape and meaning from speaker, often in line with his or her political affiliation.*

²⁹¹ Notas do meu diário de viagem, já citado.

naquelas do Hamas o que era é um indício de que muitas pessoas estavam optando a se associar a um movimento com práticas religiosas mais “relaxadas”, com promessas mais imediatas e mundanas. Ao mesmo tempo, houve um aumento considerável na venda de produtos para o tratamento dos cabelos. “Todo mundo em Gaza sabia ler o fenômeno: as mulheres estavam planejando dispensar o édito religioso de cobrir suas cabeças, aplicado com sucesso durante a *intifada*, e expor os seus cabelos”²⁹².

A expectativa de mudança teve o resultado imediato de minar o poder coercitivo de fiéis islâmicos e as mulheres se sentiam mais livres para tomar suas próprias decisões sobre suas aparências. Hoje, porém, a maioria das mulheres em Gaza, especialmente nos campos de refugiados e nos bairros mais pobres, continuam a cobrir o cabelo, “seja porque a esperança diminuiu a medida que os dias de bloqueio iam aumentando e os maridos ficavam em casa, ociosos, ou por causa do poder da tradição profundamente enraizado”²⁹³.

É interessante observar que durante a *intifada* o uso da *hijab* voltou com força total. Ouvi referências a isso nos territórios palestinos. S., filho de C., contou-me, por exemplo, que ficou muitos anos sem ver sua mãe, e espantou-se ao reencontrá-la. Ele morava no Brasil, ela em Ramallah. “Quando fui embora, minha mãe não usava véu, quero dizer, usava raramente. Quando voltei a Ramallah foi um choque vê-la assim, coberta dos pés à cabeça”.

“O anseio por identidade”, explica o sociólogo Zygmunt Bauman, “vem do desejo de segurança. Segundo ele, a identidade precisa ser inventada, não descoberta. Ela nasce como ficção e pode ser negociada ou revogada, por isso é necessário um esforço para poder mantê-la. A identidade “é um conceito altamente contestado e sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade”²⁹⁴.

O aumento do uso do véu em Gaza e na Cisjordânia pelas mulheres muçulmanas, em tempos de conflitos, parece vir em busca de

²⁹² HASS, Op. cit., 1999, p. 103. Texto original: *Everyone in Gaza knew how to read the phenomenon: women were planning to to dispense with the religious edict to cover their heads, enforced successfully during the intifada, and expose their hair.*

²⁹³ HASS, Op. cit., 1999, p. 103-104. Texto original: *Today, though, most women in Gaza, especially in the camps and poorer neighborhoods, continue to cover their hair, either because their hopes dwindled as the days of closure piled up and husbands stayed at home, idle, or because of the deep-rooted power of tradition.*

²⁹⁴ BAUMAN, Zygmunt. Op. Cit., p. 83.

segurança, e também de pertencimento a um grupo. “Estamos deste lado”. “Nós e eles”. A grande contradição, pode-se presumir em um primeiro momento, é que um povo que se rebela contra a ocupação israelense, contra o colonialismo, em nome da justiça e da liberdade, socialmente exige uma série de normas às mulheres.

Essa discussão sobre a questão do uso do véu é longa. “Free hijab”, *hijab* livre, é um vídeo divulgado na internet, com milhões de acessos, em que mulheres muçulmanas de vários países defendem o uso do véu como uma forma de se libertar do padrão ocidental de mercantilização da beleza feminina. “*Hijab* é liberdade, não opressão”. “Não me diga o que vestir, a escolha é minha”. “Meu direito, minha opção, minha vida”. Basta fazer uma busca rápida no *Google Images* para ver fotos de mulheres carregando esses cartazes, principalmente em manifestações organizadas pela Muslim Association of Britain e pelo movimento islâmico na França, em resposta às restrições para o uso da *hijab* em escolas e espaços públicos, alvo de polêmica principalmente na última década.

Em Ramallah, ouvi a canção *Free*, de Sami Yusuf. Conforme aponta o jornal *The Independent* de Londres, Yusuf é o maior nome da música islâmica em todo o mundo²⁹⁵. Nascido no Irã, mudou-se para o Reino Unido aos três anos de idade. É descrito como um “superstar muçulmano”²⁹⁶ pelo jornal *The Guardian*, adorado no Oriente Médio, com venda de milhões de CDs todos os anos. A letra de *Free*, música de sua autoria, diz:

Então você não vê? / Que eu sou verdadeiramente
livre / Este pedaço de lenço / eu o visto
orgulhosamente / Para preservar a minha
dignidade / A minha modéstia / Minha integridade
/ Então não me julgue / Abra os olhos e veja / 'Por
que você não pode simplesmente me aceitar?', diz
ela / 'Por que não posso ser só eu?', diz ela / O
tempo passa / E você fala de democracia / Mas
você vem novamente roubar a minha liberdade /
Tudo que eu quero é a igualdade / Por que você
não pode simplesmente me deixar ser livre?²⁹⁷

²⁹⁵ BROWN, Jonathan. Holy rock star. *The Independent*. 3 de outubro de 2007. Versão impressa e online. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/music/features/holy-rock-star-the-voice-of-islam-395808.html>

²⁹⁶ EDEMARIAN, Aida. Muslim superstar. *The Guardian*. 5 de novembro de 2007. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2007/nov/05/religion.pop>

Conforme destaca Huma Ahmed-Ghosh, professora do Women's Studies Center for Islamic and Arabic Studies na San Diego State University, a realidade é que todas as mulheres, religiosas ou não, vivem em culturas patriarcais. Sob o patriarcado, há mulheres que vivem obedientemente conforme as normas islâmicas (mesmo que essas normas sejam vistas como opressoras por outros), com a possibilidade de reivindicar algumas coisas. Ahmed-Ghosh afirma ser preciso perceber que, no discurso sobre os direitos das mulheres muçulmanas, existe a contestação das masculinidades, e jogos de poder entram em cena para controlar os corpos das mulheres. Recentemente, essa contestação se tornou muito evidente, mas não é um fenômeno novo. Como Bodman e outros historiadores das regiões islâmicas têm apontado, “desde as Cruzadas, europeus ocidentais têm a tendência de considerar o Mar Mediterrâneo como uma fronteira a ser defendida contra uma religião alienígena”²⁹⁸.

Isso, combinado com a resistência à ocupação e ao colonialismo no Oriente Médio e Norte da África levou às hostilidades que continuam até hoje. Assim, pode-se historicizar o 'uso político' do corpo das mulheres desde a época da colonização. O fascínio dos colonizadores e, mais recentemente, dos ocupantes ocidentais, com a segregação das mulheres do público tem sido romantizado, demonizado e, basicamente, utilizado para definir a região como atrasada, e que levou à guerra com a retórica de 'libertar' as mulheres. Islã e feminismo tornou-se um problema ainda mais grave após 11 de setembro de 2001²⁹⁹.

²⁹⁷ Música do disco *My Ummah*, lançado por Sami Yusuf em 2005. Letra original: So don't you see? / That I'm truly free / This piece of scarf on me / I wear so proudly / To preserve my dignity... / My modesty / My integrity / So don't judge me / Open your eyes and see... / “Why can't you just accept me?” she says / “Why can't I just be me?” she says / Time and time again / You speak of democracy / Yet you rob me of my liberty / All I want is equality / Why can't you just let me be free?

²⁹⁸ BODMAN apud AHMED-GHOSH, Huma. Dilemmas of Islamic and Secular Feminists and Feminisms. *Journal of International Women's Studies*. Vol. 9, n.3. Maio 2008. p. 100.

²⁹⁹ AHMED-GHOSH, Huma. Op. cit. p. 100-101.

Ainda de acordo com Huma Ahmed-Gosh, muitos “tons” de feminismos, do mundo ocidental e islâmico, tem se dedicado, nas últimas décadas, a examinar o status das mulheres nas sociedades muçulmanas. Entre as feministas islâmicas, numerosos grupos podem ser identificados, todos buscando a emancipação das mulheres muçulmanas da rubrica do patriarcado islâmico. Há uma linha que propõe um feminismo islâmico baseado em uma interpretação “correta” do Alcorão. Os adeptos a essa ideia veem que o livro sagrado garante direitos igualitários para as mulheres³⁰⁰.

As feministas islâmicas “usam a religião para definir os papéis de gênero, a estrutura da família e da comunidade e na inclusão das pessoas na formação do Estado-nação. As feministas seculares, por outro lado, baseiam sua razão no discurso dos 'direitos humanos', para habilitar e capacitar o indivíduo em uma democracia secular para criar uma sociedade civil”³⁰¹.

Em *Drinking the sea at Gaza*, Amira cita o líder do Hamas Xeique Ahmad Bahar. Era outono de 1995 e ele havia sido libertado da prisão, após três meses de confinamento. Em sua pregação, o xeique (assim como seus colegas) foi duro em defender sua fé contra as demandas da democracia e do feminismo. Porém, segundo Amira, parecia estar implícito no seu discurso que o Islã dá espaço para a opinião das mulheres. Outros disseram à Amira que, quando o profeta Maomé era vivo, homens e mulheres rezavam juntos. Somente mais tarde foram separados em dois grupos. “Mas as mulheres sempre foram ouvidas”, disseram. “Até lutaram em guerras e tinham poder decisão igual ao dos homens”³⁰².

Conforme já falei anteriormente, Amira diz nesse mesmo livro que, durante o período que viveu em Gaza, quase nunca escreveu sobre a posição inferior que as mulheres ocupam na sociedade palestina, e suas consequências intelectuais e sociais. É visível a sua vontade de reparar o “erro” em *Drinking the sea at Gaza*, publicado três anos após deixar a região, trabalhando o assunto em forma de artigo e transcrevendo algumas entrevistas que fez com mulheres palestinas, já abordadas neste capítulo. No momento em que chegou a Gaza, percebeu:

³⁰⁰ AHMED-GHOSH, Huma. Op. cit. p. 103.

³⁰¹ Ibidem, p. 106.

³⁰² HASS, Amira. Op. cit. 1999. p. 99.

Escondidas em casa, as mulheres começaram a se organizar; abertamente, timidamente, começaram a enfrentar a opressão doméstica, levando isso para as esferas pública e política, trazendo-a para a luz. Conquistas e expressões feministas haviam sido especialmente importantes durante a *intifada*. Comissões de mulheres, por exemplo, criaram centros de aprendizagem que ofereciam cursos de alfabetização, de corte e costura, fabricação de sucos, e outras formas de dar apoio às famílias. Centro como estes, juntamente com a súbita transformação de muitas mulheres em chefes de família, enquanto seus maridos estavam na prisão, encorajou as mulheres a falar, apresentar e fazer demandas à sociedade e aos homens que a dominavam. Infelizmente para mim, uma jornalista mulher, cheguei na faixa em um momento que esta dinâmica estava em declínio³⁰³.

Amira deixou Gaza em 1996, quando foi morar em Ramallah, na Cisjordânia. Depois de 2005, com a retirada dos assentamentos judeus de Gaza, judeus civis foram proibidos de voltar à região. Mesmo assim, Amira esteve lá, “ilegalmente”, três vezes. Duas delas foi com barcos que levavam ajuda humanitária, porém, para ela, Gaza é um problema político, não essencialmente humanitário. “O problema não é fome. A questão é: em Gaza, os palestinos não podem ir e vir. Não pode sair para estudar, não podem visitar os parentes, não podem ver o por-do-sol, a poucos quilômetros, no rio Jordão. É um problema político”³⁰⁴.

³⁰³ HASS, Amira. Op. cit., 1999. p. 186-187. Original: *Hidden away at home, cut off even from one another, women began to organize themselves; openly, timidly, they began to confront their domestic oppression, forcing it into the public and political spheres, bringing it into light. Feminist developments and expressions had been specially prominent during the intifada. Women's committees, for example, set up learning centers offering classes in reading and writing and courses in sewing, juice making, and other ways to support a family. Center like these, coupled with the sudden transformation of many women into household heads while their husbands were in jail, encouraged women to speak out, come forward, and make demands od society and the men who dominated it. Unfortunately for me, a women journalist, I arrived in the strip at a time this dynamic was on the wane.*

³⁰⁴ HASS, Amira. *Potere, rabbia e mezzi d'informazione*. 1 a 3 de outubro de 2010. Workshop no Festival Internazionale a Ferrara. Ferrara: Internazionale a Ferrara, 2010.

Capítulo 3

Na Cisjordânia: a vida entre os muros

Amira mudou-se para a Cisjordânia em 1997. O correspondente do *Ha'aretz* para a região, o “sênior” em questões palestinas, havia deixado o cargo. “Quando ele foi embora, o jornal quis economizar dinheiro e pensou em me mandar para cobrir a Cisjordânia e também Gaza. Eles pensavam que logo haveria paz, então meu trabalho não seria muito complicado. Mas, claro, eu sabia que a paz não viria”³⁰⁵.

Imagem 8



Graffiti do artista inglês Banksy, no muro construído por Israel para separar os territórios palestinos.

³⁰⁵ Parte da entrevista que fiz com Amira Hass em Ferrara, já citada.

A paz ficou somente nos discursos e Amira vive em Ramallah desde então. “A vida em Gaza foi intensa, porém mais fácil, de certa maneira, do que é na Cisjordânia”³⁰⁶. Ela mora sozinha em um apartamento alugado, onde escreve a maior parte dos seus textos. Nos e-mails que trocamos ao longo de mais de dois anos, eu disse algumas vezes que gostaria de ver o seu local de trabalho. Amira nunca disse “não”, mas sempre desconversou. Desconversava também quando eu dizia que iria lá para entrevistá-la. Em julho de 2009, escrevi perguntando se eu poderia ir em dezembro. “Não sei se vou estar aqui”, foi a resposta. E Amira não deu notícias por mais alguns meses. A entrevista só foi ocorrer em Ferrara, mais de um ano depois. “Você queria ir para Ramallah, ainda bem que eu tive essa ideia genial de nos encontrarmos na Itália”, ela disse. O fato é que, três dias após o nosso encontro, eu fui para Ramallah, mas Amira não estava lá.

“Minha casa é muito bagunçada. Eu não posso chamar um palestino ou palestina para me ajudar, eu me sinto envergonhada. Estão construindo ao redor do meu prédio e está tudo cheio de poeira, barro. Eu poderia plantar um floresta lá dentro, há tanto pó, e não tenho tempo para fazer a limpeza”, justificou-se.

Porém, não deixou de me responder, meio envergonhada, como quem pergunta “para que isso é importante?”, quando quis saber como era o seu dia a dia de trabalho. Disse-me que, com *notebook*, internet e telefone celular, sua vida ficou mais fácil. Se tem entrevistas agendadas em Jerusalém, por exemplo, escreve os textos lá mesmo e os manda para o *Ha'aretz* pela internet. Geralmente escreve de casa, e as manhãs são “especialmente inspiradoras”.

Querida saber como Amira escreve, como e para quem. “Você pensa nos leitores quando escreve?”. “Não, não”, ela disse. “Certa vez, alguém me falou, logo quando comecei a escrever: você não pensa no leitor, pensa na pessoa que está escrevendo sobre. Hoje, acho que eu faço sim um pouco de autocensura, ou melhor, eu penso na linguagem, não quero escrever clichês”.

Amira mudou de assunto. Era a primeira parte de nossa entrevista e ela não estava muito à vontade. Em uma entrevista concedida a Harry Kreisler na Universidade de Berkeley em 2003, falou mais sobre o assunto. Sobre como ela escreve suas histórias, disse que, às vezes, a realidade é como se ela estivesse vendo um filme, e sente que tem que

³⁰⁶ HASS, Amira apud REMNICK, David. The dissenters. *The New Yorker*. 28 de fevereiro de 2011. Disponível em www.newyorker.com/reporting/2011/02/28/110228fa_fact_remnick. Acesso em 28 de fevereiro de 2011.

descrever o filme em palavras. “Mas eu não escrevo só matérias, escrevo artigos de opinião. Eu sei que eu tenho que expor a análise, mas eu prefiro expô-la através de exemplos da vida cotidiana”³⁰⁷.

“Parece que você mantém as histórias na cabeça e depois escolhe quando vai escrevê-las e publicá-las. Você não é guiada pelas manchetes dos jornais, como a maior parte dos jornalistas”, disse-lhe Harry Kreisler. Amira respondeu não estar presa aos assuntos do momento, afinal não cobre as notícias diárias. Ela disse que algumas coisas são estruturais e talvez nunca cheguem às manchetes. “São coisas estruturais, e elas são desenvolvidas no âmbito da política israelense ou das táticas palestinas. Então eu presto atenção mais nisso, muito mais do que aquilo que está chamando a atenção de todos em certo momento, mas que 'morre' depois de dois, três dias”³⁰⁸.

3.1 Nome impróprio

Em nosso segundo encontro, mais à vontade, Amira compartilhou um pouco dos seus dilemas com relação ao que deve ou não ser publicado. Muitas histórias não foram publicadas, a maior parte delas com relação a questões antissemitas. Uma delas é sobre um fato ocorrido em um *checkpoint* na Cisjordânia. Havia palestinos esperando por mais de quatro horas. Ela, como jornalista e judia, não precisaria esperar, era só apresentar os documentos, mas resolveu ligar para o exército, queria fazer alguma coisa por aquelas pessoas. Pouco tempo depois, os palestinos puderam passar. “Isso é uma prova de que os palestinos não estavam lá por questões de segurança, mas porque os soldados israelenses queriam irritá-los”. Foi então que um daqueles que havia acabado de passar pelo *checkpoint* graças à intervenção de Amira, disse-lhe: “Sabe qual é o povo que eu gosto mais? Os alemães, porque eles sabiam lidar com os judeus”.

“Eu não escreveria essa história de maneira alguma, não nesse contexto. Ele estava com raiva e disse aquilo. Mas se eu escrevesse o que aconteceu ninguém falaria sobre o problema no *checkpoint*, mas sobre o teor antissemita da declaração”³⁰⁹. Outro caso ocorreu na Faixa de Gaza. Amira tem um amigo que vive em Rafah e que lhe passa

³⁰⁷ KREISLER, Harry. *Occupation and Terrorism: Conversation with Amira Hass*. Série de entrevistas Conversation with History. Institute of International Studies, UC Berkeley. 2003. Disponível em <http://globetrotter.berkeley.edu/people3/Hass/hass-con0.html>

³⁰⁸ Idem.

³⁰⁹ Parte da entrevista que fiz com Amira Hass em Ferrara, já citada.

informações detalhadas sobre os assassinatos na região. Um dia, ele telefonou para contar a história de um homem chamado Khaled, que caminhava na rua quando foi atingido por um soldado que estava a 800 metros de distância. Foi atingido sem nenhum motivo.

Ninguém sabia se o homem havia morrido ou não. Alguém foi socorrê-lo e também levou um tiro. Amira confia nesse amigo, que estava lá e conversou com todas as testemunhas. Aí veio uma terceira pessoa para salvá-los, mas já era tarde, os outros dois tinham morrido. O amigo de Amira disse: “conte essa história, mas não escreva o nome da terceira pessoa”. “E por que não?”, quis saber Amira. “Porque ele se chama Hitler”³¹⁰.

Nos anos 1950, muitos palestinos deram aos seus filhos o nome de Hitler. O nome está lá, nas carteiras de identidade. “Eu também conheço um homem que se chama Eichmann³¹¹. Se eu escrevesse o nome, Hitler, ninguém mais falaria sobre as pessoas mortas. Todo mundo diria: 'Oh, você viu os nomes dos palestinos?'”. Quando ela começou a contar essa história, pensei que fosse uma brincadeira. “É verdade e, agora, eu dou risada. Eu me tornei um pouco como uma palestina nesse sentido, não estou mais chocada com isso. Mas, você sabe, não estou escrevendo tudo”. A história dos Hitlers nos territórios palestinos ainda não foi publicada. “Quem sabe eu faça isso um dia”, especulou.

Não é difícil entender porque Amira fala e age dessa maneira. Em 2002, foi protagonista de uma polêmica gerada pelos comentários, feitos em Ramallah, pelo escritor português José Saramago, prêmio Nobel de literatura, falecido em 2010. Saramago fazia uma viagem aos territórios palestinos com um grupo de oito escritores e intelectuais, liderado pelo americano Russell Banks, presidente do Parlamento Internacional dos Escritores³¹². Em uma entrevista coletiva com jornalistas de todo o mundo, Saramago disse: “isso aqui é Auschwitz”. Amira estava lá e retrucou: “então, onde estão as câmeras de gás?”. Ele respondeu: “ainda não”.

³¹⁰ Parte da entrevista que fiz com Amira Hass em Ferrara, já citada.

³¹¹ Karl Adolf Eichmann foi considerado o grande responsável pela logística de extermínio durante o Holocausto. Era coronel da SS, organização paramilitar ligada ao partido nazista. Foi julgado em Israel em dezembro de 1961, condenado e enforcado em junho de 1962, em uma prisão nos arredores de Tel Aviv.

³¹² O documentário *Écrivains des frontières* (Escritores das fronteiras) retrata parte dessa viagem. O livro *Viagem à Palestina*, publicado no Brasil pela editora Ediouro, também traz textos dos oito intelectuais que foram aos territórios e um texto do filósofo Jacques Derrida, que desistiu da viagem por problemas de saúde. DERRIDA, Jacques et alli. *Viagem à palestina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

Amira lamenta a “declaração infeliz” de Saramago, “que nunca se desculpou”³¹³. “O mundo inteiro falou sobre isso. Ele foi para lá com uma delegação de escritores, e todos nós tínhamos esperança de que, de alguma forma, aquilo mexeria com a sociedade israelense. Mas com esse comentário estúpido, tudo se perdeu”, contou-me.

Amira “não está escrevendo tudo” e seus silêncios estão carregados de significado, principalmente estimulados por experiências e, principalmente, críticas anteriores ao seu trabalho. Uma coisa que percebi em nossa entrevista em Ferrara, e que me causou impressão, foi o tempo que ela levava antes de responder algumas perguntas. Alguns segundos de silêncio entre a minha pergunta e a resposta que, de certa forma, demonstravam a sua preocupação em ser coerente. Tanto que algumas falas começaram assim: “uma das respostas que dou é”. Ou então: “costumo dizer que...”.

Voltando aos textos de Amira produzidos na Cisjordânia, publicados em *Reporting from Ramallah* e *Domani andrà peggio*, eles foram escritos imediatamente após os acontecimentos, para a coluna diária que Amira mantém no *Ha'aretz* ou para a sua coluna semanal na *Internazionale*. Por um lado, se Amira escreveu “sem perspectiva, sem uma visão ampla”, como já foi acusada por um de seus editores³¹⁴, por estar tão imersa na sociedade palestina, o fato de escrever “no calor da hora” evitou recriações de sua própria memória. Conforme Marina Maluf, lembrar é uma atividade do presente sobre o passado, sujeita às “interpretações, os lapsos e os recalques de toda uma vida sempre tão complexa e cuja totalidade constantemente lhe escapa”³¹⁵.

3.2 Fatos e versões

Não existe uma sondagem mundial para o número de jornalistas mulheres, mas, em muitos países, em muitos estados, elas já são maioria entre os contratados nas empresas de comunicação³¹⁶. Esse é um fenômeno recente, estimulado principalmente pela entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho criação dos cursos superiores de

³¹³ Como já citei no primeiro capítulo, Amira não suporta comparações entre Israel e a Alemanha nazista.

³¹⁴ Workshop com Amira Hass em Ferrara, já citado.

³¹⁵ MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 30.

³¹⁶ _____. Mulheres jornalistas venceram e dominaram a arte de informar. *Sindicato dos Jornalistas de São Paulo*. Disponível em: www.jornalistasp.org.br. Acesso em: 2 de setembro de 2008.

jornalismo. Os jornais, historicamente, são ambientes masculinos. O jornalista brasileiro José Hamilton Ribeiro, que ingressou na profissão há mais de 50 anos, conta que as redações dos jornais “não eram lugar de mulher”³¹⁷. Aquelas que se aventuravam nesse ambiente ficavam à margem dos assuntos importantes do jornal, escreviam sobre receitas culinárias e folhetins.

Virginia Woolf, em artigo publicado em março de 1929, questionava-se por que as mulheres não escreviam continuamente antes do século XVIII. As mulheres escreviam pouco e pouco era escrito sobre elas. “Dos nossos pais, sabemos sempre alguns fatos, alguma distinção. Eles foram soldados ou marinheiros; trabalharam naquele escritório ou fizeram aquela lei. Mas sobre nossas mães, avós, bisavós, o que ficou?”³¹⁸ E a escritora lamenta o passado ignorado das mulheres que a antecederam: “Uma era bonita, outra tinha os cabelos ruivos, outra foi beijada por uma rainha. Não sabemos nada sobre elas, a não ser seus nomes, datas de casamento e o número de filhos que tiveram”³¹⁹.

Foi na Segunda Guerra que as mulheres se inseriram na cobertura de conflitos³²⁰. Naquela época, conforme a jornalista e escritora Paula Fontenelle, “dezenas de mulheres lutaram pelo direito de participar da cobertura. No final do conflito, pelo menos 127 americanas haviam adquirido a credencial de correspondente de guerra, algumas inclusive no *front*”³²¹. No entanto, as regras eram diferentes para as jornalistas mulheres. “O acesso a alguns lugares era privilégio dos homens e, em várias ocasiões, os militares não concediam às mulheres credenciais para permitir a entrada em outros países”³²².

A jornalista espanhola Beatriz Lecumberri, repórter da agência de notícias francesa *AFP*, cobriu a recente invasão dos Estados Unidos no Iraque, os conflitos nos Territórios Palestinos e os atentados da Al-Qaeda em Istambul, em novembro de 2003, e em Madri, em março de 2004. Para ela, a cobertura de conflitos mudou desde que o olhar da

³¹⁷ Palestra proferida na XVIII Semana de Comunicação da Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus Pedra Branca, em 26 de setembro de 2008.

³¹⁸ WOOLF, Virginia. In: CAMERON, Deborah (org). *The feminist critique of language*. New York: Routledge, 1990, p. 33.

³¹⁹ *Ibidem*, p. 34.

³²⁰ _____. A última guerra com um front tradicional foi a Segunda Guerra Mundial. *Associação Brasileira de Imprensa*. Disponível em: www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=161. Acesso em: 29 de agosto de 2008.

³²¹ FONTENELLE, Paula. In: A última guerra com um front tradicional foi a Segunda Guerra Mundial. *Associação Brasileira de Imprensa*. Op. cit. 2008.

³²² FONTENELLE, Paula. In: A última guerra com um front tradicional foi a Segunda Guerra Mundial. *Associação Brasileira de Imprensa*. Op. cit. 2008.

mulher está presente. “Houve uma reviravolta na informação, pois a mulher conta coisas que talvez um homem não contaria. A mulher que cobre uma guerra se adapta às circunstâncias com a mesma facilidade que o homem ou até com mais paciência em determinadas ocasiões”³²³.

Amira é a única jornalista israelense a viver nos territórios palestinos, como já falei anteriormente. “Também tenho colegas que não vivem nos territórios ocupados, mas escrevem sobre o assunto. Eles vêm uma vez por semana, fazem ligações, também têm boas informações e são muito críticos com o governo”, contou-me. Provavelmente, o jornalista mais famoso internacionalmente como especialista em *Palestinian affairs* é um homem israelense que mora em Tel Aviv, Gideon Levy. Ao contrário de Amira, Levy, nascido em 1953, veio de uma família da elite israelense e é entrevistado com frequência em programas de televisão. Sua posição também é bastante crítica com relação a Israel, principalmente com relação aos assentamentos em territórios palestinos, aos ataques de Israel a Gaza, à política de desumanização dos palestinos pelos meios de comunicação israelenses e à complacência do polvo israelense diante da injustiça³²⁴.

Outra coisa que une Levy e Amira é o veículo para o qual escrevem, o *Ha'aretz*. Conforme aponta Dan Caspi, o *Ha'aretz* é, historicamente, o jornal das classes urbanas e abastadas de Israel. Apesar de ter permanecido “independente nas questões políticas, [o *Ha'aretz*] é conhecido por manter uma linha liberal em relação à economia e às finanças, e por ter por ter posições conciliatórias nas questões exteriores e de segurança, principalmente relacionado à disputa árabe-israelense”³²⁵. O *Ha'aretz* tem uma circulação considerada baixa, com tiragem que gira em torno das 70.000 cópias por dia. O popular Israel Hayom, distribuído gratuitamente, circula com 300.000 cópias diariamente³²⁶.

³²³ LECUMBERRI, Beatriz. In: A última guerra com um front tradicional foi a Segunda Guerra Mundial. *Associação Brasileira de Imprensa*. Op. cit. 2008.

³²⁴ REMNICK, David. Op. cit., 2011.

³²⁵ CASPI, Dan. *Media decentralization: the case of Israel's local newspapers*. New Brunswick: Transaction Books, 1986. p. 16.

³²⁶ Informação publicada nos *sites* dos jornais.

Em reportagem publicada na revista *The New Yorker*³²⁷, em 28 de fevereiro de 2011, o prestigiado jornalista David Remnick³²⁸ escreveu que o *Ha'aretz* “é a mais importante instituição liberal em Israel”, em um país que tomou os rumos da direita na última década. O jornal, que pertence à família Schocken desde 1935, tem uma ideologia inclinada à esquerda e um caráter “insistentemente opositor”³²⁹. Há muitas vozes no *Ha'aretz* que confrontam a ocupação, e cada cenário de uma possível resolução do problema já foi pesquisado e discutido milhares de vezes. Sua sede, que parece o galpão de uma fábrica, fica ao sul de Tel Aviv. “O que é mais incomum nas salas do *Ha'aretz* são as obras de arte. Amos Schocken é um dos maiores colecionadores de arte de Israel, com algumas obras espetaculares, outras politicamente subversivas”³³⁰.

Com exceção daqueles que vivem em assentamentos, israelenses raramente vão aos territórios palestinos. “A não ser que tenham obrigações como soldado ou jornalista”, observou Remnick. Ele perguntou a Amos Schocken, o editor-chefe do *Ha'aretz*, quando foi a última vez que ele foi a Ramallah, que fica a apenas 15 minutos, de carro, de Jerusalém. “Nunca estive lá. Eu leio sobre isso no *Ha'aretz*”³³¹, respondeu.

Amira me contou que, há alguns anos, em agosto de 2007, quase foi demitida do jornal. As coisas ficaram tão difíceis que ela pediu um ano sabático, sem remuneração.

Quase fui demitida do jornal. Porque eu tive alguns editores... que eram covardes! Um era de direita, os outros eram covardes, e eles não publicavam meus textos. Eu queria publicar artigos mas eles não queriam. E sempre encontravam desculpas: não tem espaço, não tem aquilo... sempre mentindo para mim. Então, há

³²⁷ “A *New Yorker* talvez seja a revista semanal mais admirada do mundo. Se hesito em afirmar peremptoriamente que sim, é porque existe a *The Economist*, a única que lhe faz concorrência em prestígio. (...) Pode-se dizer que a *Economist* é mais útil, enquanto a *New Yorker* é mais sábia”. SALLES, João Moreira. Ouvido, instinto e paciência. In: REMNICK, David. *Dentro da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.568.

³²⁸ David Remnick é também o editor-chefe da badalada revista *The New Yorker*. No Brasil, a companhia das letras publicou o seu livro *Dentro da Floresta*, com 23 perfis que ele produziu para a revista, e *O rei do mundo*, biografia de Muhammad Ali. Ele escreveu de uma detalhada biografia de Barack Obama.

³²⁹ REMNICK, David. Op. cit, 2011.

³³⁰ Idem.

³³¹ SCHOCKEN apud REMNICK. Op. cit., 2011.

três anos, eu estava tão cansada de brigar por qualquer coisa.... E o *publisher* e dono do jornal [Amos Schocken], que sempre me apoiou politicamente, estava com raiva, ele teve alguns problemas financeiros, e queria me demitir. Ele não acreditou que os editores não queriam me publicar. Foi um grande choque. Ele me disse: 'todas essas viagens e prêmios são mais importantes para você'. Foi muito doloroso, muito doloroso³³².

A versão dos editores, conforme apurou David Remnick, é que Amira estava escrevendo com menor frequência, e que seus textos estavam com menos “fatos” e mais carregados de opinião, “que não é o seu forte”³³³. Depois de alguns protestos, Schocken não a demitiu, mas propôs uma mudança no contrato. Amira contou-me que teve que ir de editor em editor “implorar” para que seus textos fossem publicados:

Isso foi muito humilhante, sem contar que meu salário seria [daquele momento em diante] muito baixo. Então decidi tirar um ano de folga. Para congelar tudo. Há uma piada judia sobre uma figura quase mitológica, Hershele, que é da Europa oriental. Ele era um homem muito pobre e muito esperto. (...) Ele estava indo para casa, sem comida, sem dinheiro. Sua mulher, braba, o esperava. 'OK, eu vou encontrar a solução'. Ele vai ao senhorio da vila, que era rico e não era judeu, era rico e estúpido (estúpido porque era rico), e diz: 'Eu posso ensinar o seu cachorro a ler e escrever, e todo o mundo vai falar sobre você'. O homem aceita e pergunta o que Hershele precisaria para fazer isso. 'Preciso de comida, porque o cachorro precisa comer comida boa, preciso de dinheiro, isso, aquilo...'. 'OK, tudo bem'. Hershele volta para casa e dá a comida e o dinheiro para a mulher, que fica contente. E depois ela pergunta: 'Como você conseguiu isso?', e ele contou que, em um ano, precisa ensinar o

³³² Parte da entrevista que fiz com Amira Hass em Ferrara, já citada.

³³³ REMNICK, David. *The dissenters*. Op. cit.

cachorro a ler e escrever. 'E o que você vai fazer depois de um ano? Nenhum cachorro vai saber ler e escrever em um ano, nem em 20 anos'. E ele respondeu: 'Daqui a um ano... quem sabe? Talvez o senhorio morra, talvez o cachorro morra, ou eu morra'. Então eu tirei um ano de folga. (...) Eu tinha certeza de que teria que sair do *Ha'aretz* depois de um ano. Eu saí por um ano e aí o senhorio morreu. Eles mudaram de editor (*risos*).

Amira “entrou em férias” em março de 2008. E teria um ano sem salário até março 2009. Nesse período, continuou escrevendo apenas para a *Internazionale*. Proferiu palestras nos Estados Unidos, fez aulas de ioga e descansou, depois de quase 20 anos sem pausas. Alguns meses depois, em novembro de 2008, soube de um barco que iria clandestinamente para Gaza. Naquele momento, o *Ha'aretz* já tinha um novo editor. “Escrevi para ele e perguntei: 'você quer publicar os meus textos sobre Gaza?'. Ele se interessou e voltei a trabalhar *full time*, mais do que *full time*, e desde então estou trabalhando com um editor que aprecia o meu trabalho, como ninguém fez no passado. Esse é o grande milagre”³³⁴.

Voltando à relação de Amira com os leitores, ela diz que já recebeu muitos e-mails ofensivos, principalmente no início da segunda *intifada*. “Diziam que sou *kapo*, que sou Hitler, coisas desse tipo. A maior parte das mensagens são enviadas por judeus americanos loucos”, contou-me. Ironicamente, Hass, em alemão, significa “ódio”. Mas o número de e-mails caiu consideravelmente nos últimos tempos. O *Ha'aretz* criou um *talk-back* no seu *site*, onde os leitores podem comentar os artigos e reportagens. “Agora, as pessoas destinam veneno lá. E não leio nada, estou livre disso”.

Desde o início da segunda *intifada*, que começou em setembro de 2000, após o primeiro-ministro israelense Ariel Sharon caminhar pelo Monte do Templo, em Jerusalém, área sagrada para muçulmanos e judeus, Amira tornou-se uma figura *cult* no cenário palestino-israelense, conforme aponta Rachel Leah Jones no prefácio de *Reporting from Ramallah*. Vivendo na Cisjordânia, Amira percorre o território atrás de histórias, e muitas histórias também vêm até ela, principalmente através de organizações ligadas aos Direitos Humanos. “Eu vivo em meio ao povo, então escuto muito sobre os problemas das pessoas. Eu sou uma

³³⁴ HASS apud REMNICK, David. Op. cit., 2011.

'caçadora de problemas'. Estou sempre caçando problemas, essa é a minha profissão”.

3.3 Criminosos em potencial

Em um texto publicado no *Ha'aretz* em 20 de abril de 1997, e republicado em *Reporting from Ramallah*, Amira escreveu sobre os 14 jovens palestinos da Cisjordânia e de Gaza que tentaram suicídio em março daquele ano. Mais da metade eram mulheres, com idades entre 17 e 20 anos. Em um primeiro momento, a autora afirma que essa maioria feminina pode ser explicada pela forma como a sociedade patriarcal trata essas mulheres, negando-lhes o desenvolvimento. Mas ela acredita não ser apenas isso. É preciso pensar no conflito que envolve as vidas dessas garotas. A minoria dessas pessoas que ferem a si mesmas, assim como a maioria que não o faz, “são vítimas de uma violência muitas vezes esquecida pelo Primeiro Mundo, a menos que a reação bata em seu rosto (seja sob a forma de protesto político organizado, sequestros, roubos ou atos de terror)”³³⁵.

Centenas de milhares de palestinos são “criminosos ou criminosos em potencial”, escreveu Amira alguns meses depois, em 6 de janeiro de 1999. Essas pessoas estão habituadas a “infringir a lei”, ou seja, a não cumprir as regras militares israelenses. Os “crimes” que cometem são, por exemplo, construir mais um pavimento em suas casas sem permissão, atravessar a “linha verde” que separa a Cisjordânia do território israelense para poder trabalhar, ir para Jerusalém em busca de tratamento médico. Um grande aparato de policiais, soldados, administradores e inspetores de Israel é encarregado a investigar, prender, julgar e multar os criminosos palestinos. “Um sistema de leis discriminatório e cruel está sendo rigidamente aplicado por milhares de israelenses que nunca pensaram o que eles fariam se estivessem do outro lado. Eles preferem ver os palestinos como foras-da-lei que devem ser punidos”³³⁶.

O jornalista maltês Joe Sacco, que esteve na região entre 1991 e

³³⁵ HASS, Amira. Op. Cit., 2003, p. 16. Texto original: “[They] are victims of a violence often overlooked in the First World, unless its backlash hits them in the face (be in the form of organized political protest, abductions, theft, or acts of terror)”.

³³⁶ HASS, Amira. Op. Cit., 2003, p. 26. Texto original: “A discriminatory and cruel system of laws is being rigidly enforced by thousands of Israelis who have never taken the time to consider what they would do were they on the other side. They prefer to the the Palestinians as a society of outlaws who must be punished”.

1992, e produziu *Palestina*, um longo projeto de jornalismo em quadrinhos, escreveu (e desenhou) sobre as “feridas públicas e privadas” da Cisjordânia. “Sob a franja, uma cicatriz, por exemplo. Uma bala de borracha [de um soldado israelense]”. “Outra pessoa levanta a manga. Está vendo isso? Munição de verdade”³³⁷.

Ele manda um amigo mostrar seu cartão – ele entrega, meio envergonhado, um cartão laranja, a cor normal das identidades dos residentes da Cisjordânia. 'Cartão verde: intifada!', diz o meu novo amigo, balançando o documento. 'Cartão laranja: sem intifada', explica, segurando no alto o cartão do amigo... o cara do cartão laranja encolhe-se, com o rosto corado, enquanto o cara do cartão verde me faz um sinal, orgulhoso³³⁸.

Durante dois anos, de 1999 a 2001, a cineasta Yifat Kedar encontrou-se com Amira nos territórios ocupados³³⁹. O resultado foi apresentado no documentário *Between the lines*, de 58 minutos, lançado em 2001. Kedar capturou fragmentos do dia-a-dia de Amira nas vésperas da segunda *intifada*, e os primeiros dias da nova revolta. Em determinado momento do vídeo, Amira está em casa e fala: “Meia-noite. Acordei com o tiroteio lá fora. Inacreditável. Preciso dormir um pouco”. Em outro, enquanto aparecem imagens de Amira em Dura el Kara, nos arredores de Ramallah, em uma área próxima a um assentamento israelense, a diretora fala (em *voice over*) que na última vez que esteve naquele mesmo local com Amira, os colonos israelenses começaram a atirar do alto da colina. Depois se aproximaram, levaram a câmera de vídeo e destruíram a fita que havia sido gravada por Kedar. A polícia encerrou o caso por falta de provas.

³³⁷ SACCO, Joe. *Palestina: uma nação ocupada*. São Paulo: Conrad, 2004. p. 30.

³³⁸ Ibidem, p. 43. Esses documentos de identidade, de cores diferentes, marcam e identificam os palestinos de Gaza e da Cisjordânia. Quem já esteve preso tem uma cor, os sem “antecedentes” têm outra. Palestinos nascidos em Jerusalém, que podem circular em Israel, mas nas podem acessar determinados territórios palestinos, têm documentos com cor diversa.

³³⁹ Amira resistiu, não queria que Kedar fizesse um documentário sobre ela, mas depois acabou aceitando. O vídeo foi exibido, inicialmente, na TV israelense e depois reapresentado por tevê na Europa, Estados Unidos e pela rede de TV *AlJazeera*, do Qatar. Infelizmente, o vídeo não está disponível na internet. Mas cópias em dvd podem ser adquiridas através do site <http://highlight.co.il/pages/Between%20the%20Lines/>

Nesse documentário é possível observar as restrições de movimento e desenvolvimento aos palestinos, tema extensamente explorado por Amira em seus textos. “*Between the Lines* escancara o modo confuso, muitas vezes arbitrário e absurdo, de limites e regras [de Israel]. Durante todo o vídeo, Hass desafia constantemente de que forma as decisões são feitas envolvendo quem possui o que ou quem pode passar onde”³⁴⁰.

Em uma cena, talvez a mais perturbadora do vídeo, Hass viaja para Hebron, cidade da Cisjordânia onde vivem árabes e judeus. No entanto, neste dia, o mercado árabe foi fechado e um toque de recolher foi imposto para todos os residentes árabes devido à tensão com os colonos israelenses. Porque a situação está tão tensa, a empresa de seguros não cobriria a equipe de filmagem de Kedar, e Hass precisa gravar as cenas sozinha. Amira está acompanhada de uma ativista dos direitos civis palestinos que recebeu uma autorização especial do Exército israelense para se juntar a ela. 'Hebron está sob toque de recolher', afirma ela, 'os judeus vagueam livremente enquanto os palestinos estão trancados em suas casas'. Como eles percorrem as ruas vazias e fechadas da seção árabe, um soldado israelense aproxima-se e pergunta: 'Você é israelense?'. Hass retruca: 'estaríamos aqui se já não tivéssemos respondido isso dez vezes'. O soldado ri. Mais tarde, um outro soldado pede a identificação do amigo de Amira. É tão estranho, até mesmo surreal, ver como funciona o sistema de 'identificação' nesse conflito particular. Na verdade muitos israelenses e palestinos são tão parecidos que a identificação pode ocorrer, muitas vezes, apenas por meio de sinais externos como placas e carteiras de identidade³⁴¹.

Ainda em determinado momento do vídeo, Amira diz que

³⁴⁰ WASSERMAN, Tina. Reviews the short film "Between the Lines," directed by Yifat Kedar, starring Amira Hass. *Afterimage*. Jul/Aug2004, Vol. 32. Issue 1, p. 14.

³⁴¹ Idem.

“também se sente uma refugiada, em certa medida” e assim que se mudou para Gaza, identificou-se com o que chama de “permanente provisoriedade” (*permanent temporariness*), fazendo referência às memórias de seus pais. Amira disse que não há nem mesmo um dia em sua vida que não pense no Holocausto. “Mas o Holocausto é explorado para justificar ações, ou conectar coisas desconexas... para muitos israelenses, o Holocausto é uma desculpa para justificar tudo que foi ou está sendo feito. Isso justifica a negação dos palestinos. E, para muitos palestinos, ser negado/expulso pelos israelenses justifica negar o Holocausto”.

A ligação entre Amira e sua mãe fica bastante evidente no vídeo. Hanna, que morreria meses depois, em 2001, falou à Kedar: “Não só eu estava em um campo de concentração, mas toda a minha família foi exterminada. Por isso não tenho nem casa, nem família. Eu tenho uma filha. Ela sente como só tivesse a mim, e eu só tenho ela”.

Em meio às andanças de Amira pelos territórios palestinos, documentadas por Kedar, outras duas cenas chamam a atenção. Em um delas, Amira liga para a cineasta e elas combinam um encontro no meio do caminho entre Ramallah e Tel Aviv. O carro de Amira aparece com o vidro traseiro quebrado. Ela dirigia pela campo de refugiados de Qalandia quando uma pedra, do tamanho de um tijolo, atravessou o vidro. “Preciso dizer que estive em perigo mais vezes por causa dos israelenses do que por causa dos palestinos”, disse à rede de televisão *AlJazeera* quando as imagens foram exibidas.

Em outra cena, um homem palestino questiona: “Você é casada?”. Ela responde que não. “Então vamos encontrar alguém para ela”, o homem diz a um outro. Em meio a uma forte sociedade patriarcal palestina, as escolhas de Amira, muitas vezes, não são aceitas e/ou bem vistas. De acordo com Simona Sharoni, é inegável que, principalmente em áreas fora de um contexto de conforto, o “político” se sobressai ao “pessoal” para muitas mulheres. E, de certa forma, a *intifada* foi responsável por uma virada para o ativismo político das mulheres tanto em Israel quanto nos territórios palestinos. Devido à centralidade do conflito palestino-israelense nas vidas das pessoas daquela região, não é surpreendente que as histórias de vida de mulheres palestinas³⁴² e judias-

³⁴² Apesar de existirem muitos movimentos de resistência de mulheres palestinas, contra a ocupação israelense e contra a sociedade patriarcal, não entrarei nessa questão. É preciso levar em conta, conforme aponta Simona Sharoni, que as mulheres palestinas, assim como mulheres em outras partes do Oriente Médio, são estereotipicamente retratadas como passivas, vítimas subservientes, e confinadas aos ambiente doméstico. Essa imagem “orientalizada” não combina com as muitas realidades do movimentos feministas e

israelenses tenham sido moldadas com relação direta ao conflito³⁴³, argumenta Sharoni.

3.4 Checkpoints

Em Ferrara, Amira contou-me sobre a sua ligação com o grupo de mulheres israelenses *Machsom Watch*. Em português, significa algo como “observadoras dos postos de controle”, “observadoras dos checkpoints”, que controlam o movimento dos palestinos da Cisjordânia e Gaza para Israel. “Você pode escrever.... foi minha ideia [a criação do grupo], (...) Tenho muito orgulho disso”. No início da segunda intifada, em 2001, um grupo de quatro mulheres femininas a procurou. “O que podemos fazer além de manifestações [contra o bloqueio israelense aos palestinos]”, elas me perguntaram. Eu disse que os checkpoints iam aumentar, já que é a maior 'ferramenta' de Israel, o que realmente aconteceu. E elas se organizaram”.

O grupo, que começou com quatro mulheres, hoje conta mais de 400 inscritas. Entre elas, Dana Olmert, filha do ex-primeiro-ministro israelense Ehud Olmert. Entre outras atividades, o grupo realiza observações diárias nos checkpoints da IDF (Forças de Defesa de Israel) na Cisjordânia, ao longo do muro de separação e à Linha de Separação, nas estradas principais e secundárias, bem como nos escritórios da Administração Civil e em tribunais militares. As mulheres regularmente documentam o que vêem e ouvem e publicam relatórios no site do *Machsom Watch*. Cópias também são enviadas a governantes e instituições públicas. “Por meio dessa documentação que revela a natureza da realidade cotidiana, tentamos influenciar a opinião pública em Israel e no mundo para por fim à ocupação destrutiva, que causa danos à sociedade israelense e para a sociedade palestina”, explica o site da organização³⁴⁴.

O *Machsom Watch* é formado somente por mulheres, de todos os setores da sociedade israelense, que se opõem à ocupação israelense nos

comitês de mulheres palestinas. “Uma das conclusões que [o movimento de mulheres palestinas] chegou é que a luta nacional não garante, necessariamente, uma melhoria dos direitos das mulheres e de suas condições sociais”. SHARONI, Simona. *Gender and the Israeli-Palestinian Conflict*. Syracuse: Syracuse University Press, 1995. p. 57 / 75.

³⁴³ SHARONI, Simona. *Gender and the Israeli-Palestinian Conflict*. Syracuse: Syracuse University Press, 1995. p. 53.

³⁴⁴ Machsom Watch. About Us. Disponível em <http://www.machsomwatch.org/> (em inglês e hebraico). Acesso em 4 de outubro de 2010.

territórios ocupados e à falta de Direitos Humanos e liberdade de movimento para os palestinos. A forte ligação do grupo com o feminismo também é evidente, através do movimento por Direitos Humanos e também pela especial atenção dessas mulheres israelenses com as palestinas sob ocupação.

Um outro exemplo de atividade promovida pelo grupo, realizada em agosto de 2010, foi um ato de desobediência civil, em que mulheres da organização “contrabandearam” mulheres palestinas para passear em Tel Aviv. “Quando uma lei é desumana e racista, desobedecer torna-se uma obrigação moral³⁴⁵”, disse Daphne Banai, do *Machsom Watch*, à BBC Brasil. “Enquanto os israelenses, inclusive os colonos, podem circular livremente em toda a região, os palestinos ficam presos em enclaves cercados por muros e pontos de checagem”³⁴⁶, completou.

Se fossem pegas por violar a Lei de Entrada em Israel, elas poderiam ser punidas com dois anos de prisão. Para conseguir passar pelos *checkpoints*, as palestinas se disfarçaram de israelenses, com roupas ocidentais e sem o véu. “Para todas as mulheres envolvidas, tanto as israelenses como as palestinas, nosso passeio foi, antes de tudo, um ato político”³⁴⁷, disse Banai, que considerou o momento mais “forte” do passeio quando as palestinas viram o mar pela primeira vez. “A vida toda elas sofrem restrições à sua liberdade de movimentação, e ver aquela imensidão livre e sem fronteiras que é o mar gerou uma emoção e uma sensação de libertação, que só uma pessoa enclausurada pode sentir”³⁴⁸, concluiu.

Perguntei a Amira se existe algum episódio, depois de quase 20 anos vivendo nos territórios palestinos, que ela escolheria como um exemplo do cerco aos palestinos. Ela citou um ocorrida em Jenin em 2002, durante a operação militar israelense *Escudo Defensivo*³⁴⁹, pouco tempo depois da criação do *Machsom Watch*:

³⁴⁵ _____. Mulheres israelenses 'contrabandeiam' palestinas em ato de desobediência civil. *G1/BBC Brasil*. 13 ago 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/08/mulheres-israelenses-contrabandeiam-palestinas-em-ato-de-desobediencia-civil.html>. Acesso em 1 de setembro de 2010.

³⁴⁶ Idem.

³⁴⁷ Idem.

³⁴⁸ idem.

³⁴⁹ Esta foi a maior operação militar israelense nos territórios palestinos desde a Guerra dos Seis Dias em 1967. Era o início da segunda intifada e muitos ataques suicidas de palestinos estavam ocorrendo em território israelense. A operação ocupou as cidades controladas pela Autoridade Palestina e confinou Yasser Arafat no seu quartel-general.

Eu estava em Jenin, o exército israelense controlava tudo e tínhamos que levar uma criança doente para o hospital. Eles acharam que seria melhor se eu fosse com eles porque havia muitos soldados na estrada... e, você sabe, muitas pessoas haviam sido mortas. (...) E essa a foi a 'meia hora' mais longa de toda a minha vida. Porque eu estava com medo, todos nós estávamos com medo dos soldados que estavam atirando, e de bombas que os palestinianos podiam ter plantado no chão. Você nunca sabe... e lá estava bloqueando as casas destruídas de Jenin. Então isso foi muito assustador, isso eu me lembro... essa meia hora foi muito longa para mim.

Em 22 de novembro de 2002, em texto publicado na revista *Internazionale*, e republicado no livro *Domani andrà peggio*, Amira escreveu sobre outro momento de medo vivido naqueles dias. Doze israelenses, entre soldados, policiais e colonos armados, foram mortos em uma batalha contra um grupo de palestinos, nas proximidades de Hebron no dia 15 de novembro. Três palestinos também morreram. Foi um confronto entre homens armados, não um massacre, aponta Amira. Mas os colonos passaram a divulgar que havia ocorrido um massacre e convocaram um protesto no local da batalha, que ficava em meio ao bairro palestino.

Hebron foi ocupada pelos militares israelenses e os habitantes palestinos ficaram aterrorizados. Enquanto os militares protegiam os manifestantes, alguns jovens palestinos começaram a atirar pedras contra janelas e carros. “Perguntei a um dos policiais por que ele não estava fazendo nada. Um dos colonos ouviu a minha pergunta e começou a gritar: 'Putá, chamaste a polícia, assassina'. Fui cercada por um grupo de 20, 30, 40 pessoas. Gritavam, empurravam, criticavam. Alguém levou o meu computador portátil e outro levou os óculos”³⁵⁰. O computador foi devolvido depois, em segredo, por uma jovem mulher.

³⁵⁰ HASS, AMIRA. *Domani andrà peggio*. Roma: Fusi Orari, 2005. p. 66-67. Texto original: “Ho chiesto a uno dei poliziotti perché non facesse niente. Ha finto di non aver visto il lancio di sassi che avveniva a venti metri di distanza. Uno dei coloni ha sentito la mia domanda e ha cominciato a gridare: 'Troia, hai chiamato la polizia, assassina'. Sono stata circondata da una folla di venti, trenta, quaranta persone. Urlavano, spingevano, inveivano. Qualcuno ha afferrato il mio computer portatile (...). Qualcuno mi ha tolto gli occhiali”.

Os óculos, quebrados, foram entregues por um policial.

6 de setembro de 2002. Amira está em território israelense fazendo entrevistas. Às 10h da manhã, o celular toca. Um homem, que fala em inglês, faz uma ameaça: “Isto é um aviso, não fique na terra de Israel”. Amira desliga. O homem insiste e ela não atende novamente. Depois encontra uma mensagem, em hebraico, na secretária eletrônica: “Amira, não fique em Israel. Se ficar, será somente debaixo da terra. Está avisada. Estou falando seriamente. Há um grupo de pessoas que decidiu isso. Volte para Ramallah. Fique lá. Ouviu? Puta!”³⁵¹. Amira foi ameaçada por um judeu israelense, que não a considerava digna de permanecer na “Terra de Israel”.

Em outro momento da entrevista em Ferrara, Amira citou um momento de apreensão vivido em Ramallah. Seu apartamento estava sob fogo cruzado, com tanques israelenses de um lado, grupos palestinos armados de outro. “Perguntei-me o que eu tinha ali que não suportaria perder, e as únicas coisas eram as fotos da minha família, dos meus pais. Seria irônico se as fotos que foram salvas do Holocausto fossem destruídas por uma operação israelense. Então eu as levei para a casa de amigos em Jerusalém”.

Os contrastes entre Israel e territórios palestinos estão presentes nos textos de Amira. Em março de 2001, escreveu que, apesar da situação de caos vivida em grande parte dos territórios palestinos naquele momento, Israel vivia uma vida “normalíssima”. Escolas, cinemas, teatros e restaurantes estavam abertos, e as pessoas enchiam bares e restaurantes. Os jornais impressos e na televisão falavam de um estado de guerra e de uma emergência, “por causa das agressões palestinas”, principalmente os ataques de homens-bomba. Mas Amira descreve uma sensação de que ninguém sabe, ou quer saber, em Israel, dos ataques diários dos soldados israelenses contra as casas palestinas. “É mais fácil sentir-se uma vítima se não se sabe dos mortos e dos feridos da outra parte da barricada”³⁵².

Amira se posicionou, desde o princípio, contra os ataques perpetrados pelos suicidas palestinos. Ao mesmo tempo, enfatiza em seus artigos que o “terror” para os palestinos também pode chegar a qualquer momento, principalmente através de mísseis lançados de helicópteros, que sobrevoam constantemente o território palestino.

³⁵¹ HASS, Amira. Op. cit. 2005. p. 57. Texto original: “Amira, non restare in Israele. Se lo fai sarà solo sottoterra. Ti ho avvisata. Faccio sul serio. C'è un gruppo di persone che ha deciso così. vai a Ramallah. Restaci. Hai sentito? Puttana!”.

³⁵² Ibidem, p. 15.

Sinto uma grande ansiedade quando os palestinos desejam abertamente que outros atentados suicidas ocorram em Israel (...). É perturbador ouvir os palestinos compararem a ocupação israelense ao regime nazista e, ao mesmo tempo, dizer que aquilo que os judeus (e outros, claro) dizem do genocídio dos judeus pelos alemães é falso. Sou testemunha de reações desse tipo quase todos os dias, sobretudo agora que três milhões de palestinos são praticamente prisioneiros em suas cidades e vítimas de frequentes ataques aéreos e disparos de artilharia³⁵³.

Amira fez um balanço das “regras da guerra” vividas entre os anos 2000 e 2002: um palestino é um terrorista quando ataca civis israelense em ambos os lados da “linha verde”, ou seja, em Israel e nos territórios, e quando ataca soldados israelenses na entrada de cidades palestinianas. Um palestino também é um terrorista, argumenta, quando atira contra um carro israelense armado ou helicóptero que invade o seu bairro. É um terrorista matando civis ou militares. Já um soldado israelense é um “lutador” quando dispara um míssil de um helicóptero ou um projétil de um tanque em um grupo de pessoas em Khan Yunis, em Gaza. Também quando atira contra casas, destrói prédios, matando comandantes de células terroristas e crianças na primeira infância³⁵⁴.

3.5 Solidariedade feminista

Em 20 de dezembro de 2002, Amira escreveu sobre um grande progresso para os palestinos: a autoridade militar israelense havia permitido que ônibus pudessem chegar até a entrada das cidades

³⁵³ Ibidem, p. 31. Texto original: *Provo molta angoscia quando i palestinesi si augurano apertamente altri attentati suicidi in Israele (...). È inquietante sentire i palestinesi paragonare l'occupazione israeliana al regime nazista e allo stesso tempo affermare che quello che gli ebrei (e altri, naturalmente) dicono del genocidio ebraico da parte dei tedeschi è falso. Assisto a reazioni del genere quasi ogni giorno, soprattutto ora che tre milioni di palestinesi sono praticamente prigionieri nelle loro città e vittime di frequenti bombardamenti aerei e lanci di artiglieria.*

³⁵⁴ HASS, Amira. Op. cit. 2003. p. 197.

palestinas, levando passageiros de uma localidade à outra. Uma vizinha de Amira em Ramallah, identificada como “F.”, comemorou a notícia. Finalmente poderia visitar sua família em Qalqilya. Kh., o marido de F., trabalhava como advogado, empenhado na defesa dos Direitos Humanos. Segundo Amira, “é um dos homens mais gentis que já conheceu”. Ao ouvir os desejos da esposa de visitar os parentes, disse: “Vai por dois dias. Se, ao terceiro dia, não retornares, eu me caso com outra mulher”, como é permitido pela lei islâmica³⁵⁵.

A “ameaça” era uma brincadeira, afirma Amira, mas revela uma atitude cultural enraizada que oprime as mulheres, com suas “obrigações” e seu papel subordinado na família. “Você ouviu isso”, retrucou F., contando com a minha solidariedade feminista. ‘E olha que ele é advogado de direitos civis,’ eu adicionei. Rimos todos. O que também revela as profundas mudanças sociais que me permitem, uma mulher israelense, apoiar uma mulher palestina e provocar o homem por suas atitudes tradicionalistas e reacionárias”³⁵⁶.

Se, em nenhum outro texto que tive acesso, e nem na entrevista realizada na Itália, Amira se posiciona como “feminista”, essa declaração está presente no texto acima. E a vizinha F., do andar de baixo, que provoca a “solidariedade feminista”, está presente em muitos outros escritos da jornalista. Em 21 de março de 2003, por exemplo, narrou um pesadelo que F. teve por três semanas consecutivas. No seu sonho, ela, sua família e muitos outros eram expulsos de casa. F. não conseguia encontrar seu marido e filhos. Amira tentou tranquilizá-la, dizendo que, às vésperas da invasão americana no Iraque, os Estados Unidos advertiram Israel para não aumentar ainda mais a tensão no Oriente Médio. Mas F. continuou tendo pesadelos.

Amira fazia caminhadas com F., todos as manhãs bem cedo, antes dos filhos da amiga acordarem. Como moram ligeiramente afastadas do centro de Ramallah, em poucos minutos chegavam aos caminhos de uma montanha, às oliveiras e retornavam. Amira tinha medo de pisar em algum explosivo deixado pelos soldados israelenses em uma de suas incursões e F. temia “encontros inesperados” com militares, por isso nunca saíam para caminhar sozinhas³⁵⁷. Em outubro do mesmo ano,

³⁵⁵ HASS, Amira. Op. cit. 2005. p. 69-70.

³⁵⁶ Ibidem, p. 70. Texto original: “*Hai sentito?*”, *ha ribattuto F., contando sulla mia solidarietà femminista. 'E fa pure l'avvocato dei diritti civili', ho aggiunto io. Abbiamo riso tutti quanti. Il che rivela anche i profondi cambiamenti sociali che permettono a me, una donna israeliana, di spaleggiare una donna palestinese e puzecchiare l'uomo per i suoi atteggiamenti tradizionalisti e retrogradi*”.

³⁵⁷ HASS, Amira. Op. cit. 2005. p. 103-104.

Amira relatou o aniversário de Y., filho de F. e Kh. No dia em que completou 11 anos, recebeu de seus amigos os seguintes presentes: um punhal de plástico, uma pistola de brinquedo, um helicóptero e soldadinhos de chumbo. “Os pais não podem impedir que as crianças brinquem de guerra”, observa Amira. “Depois de tudo, esse é o seu habitat natural”. O irmão mais novo de Y., com quatro anos, pegou um dos bonecos e disse que o “judeu”, o soldado, usou o punhal para massacrar as crianças. Os pais entrevistaram, disseram ao filho que o soldado era palestino, e usou o punhal nas montanhas para abrir a vegetação fechada. Mas o pequeno insistiu: o soldado de chumbo é judeu e precisa do punhal para matar crianças. “Mas Amira é judia”, retrucaram os pais. “Nem todos os judeus são soldados, nem todos os soldados são judeus”. O menino, mesmo assim, não acreditou³⁵⁸.

Em Israel, muitos usariam tal situação para demonstrar que as escolas e os jornais palestinos fazem lavagem cerebral com os cérebros das pessoas. Onde mais, se não em casa, a criança poderia ter aprendido aquelas coisas? Para Amira, a explicação é outra, muito mais simples: o menino disse aquelas coisas por estar rodeado de carros armados e outros “monstros metálicos” israelenses, por estar cercado de violência³⁵⁹.

Em 30 de abril de 2004, Amira escreveu sobre outra mulher, S., originária de um campo de refugiados de Gaza. S. vive em Ramallah há 20 anos, onde estudou, casou-se e teve dois filhos. O marido, militante da OLP, estava preso havia dois anos, sem processo, por ordem de um oficial israelense. Ela não o via desde o dia da prisão porque não recebia autorização, “por razões de segurança”. Pelo mesmo motivo, não podia visitar a família em Gaza. No mesmo texto, fala de uma outra mulher, não identificada, que é prima de S. Essa perdeu o marido em um confronto contra os soldados israelenses e se veste integralmente de preto, deixando somente os olhos à mostra, apesar de odiar aquela roupa. Viúva, deverá casar-se com um dos irmãos do marido, que também já tem outra esposa, pois se casasse com um outro homem, perderia a guarda dos filhos e deveria voltar à sua família de origem, o que não é mais possível. “Todos odeiam esse estado das coisas, mas assim é a tradição”³⁶⁰, escreveu Amira.

Ashtar, um grupo de teatro de Ramallah, apresentou, em junho de 2004, um espetáculo interpretado por alunas secundaristas. A peça era

³⁵⁸ HASS, Amira. Op. cit. 2005. p. 113.

³⁵⁹ Ibidem, p. 113-114.

³⁶⁰ Ibidem, p. 130-131.

composta por três cenas: um professor que assediava uma aluna; uma estudante molestada por dois jovens; o tio que criticava uma garota em frente aos seus pais por ter sido vista falando com homens desconhecidos. Ao fim do espetáculo, conforme escreveu Amira, foi estimulado que os espectadores exprimissem as suas opiniões. Alguns disseram que, na realidade, as moléstias eram piores, outros contra-argumentaram e outros ainda pensavam que a garota deveria ter se imposto com relação ao professor e se opor às acusações do tio.

Para a jornalista, a encenação refletiu a crescente preocupação pelos abusos sexuais e violência na sociedade palestina, mas ainda há muitos que não querem discutir isso em público. “Entre os muçulmanos, não existe violência doméstica”, ouviu de uma professora da Universidade Islâmica de Gaza. Outra coisa que chamou a atenção de Amira foi o fato da ocupação israelense não ser citada no espetáculo. Em contraste com o discurso oficial, que atribui quase todos os problemas sociais à ocupação, cresce a vontade de algumas pessoas de afrontar esses fenômenos independentemente da presença israelense³⁶¹.

3.6 Não é filme

Em 19 de novembro de 2004, Amira começou a escrever sobre uma história de amor que lembra os conhecidos romances da literatura e do cinema. Os protagonistas são M., uma enfermeira palestina nascida em Jerusalém, com carteira de identidade israelense, e T., um aspirante a médico palestino nascido em uma vila no norte da Cisjordânia. Ambos tinham trinta anos e se encontraram, pela primeira vez, em 2002. Ela não se importou com a pobreza dele, e ele não via problemas por ela ser divorciada e “velha”, segundo os “padrões tradicionais palestinos”. Até aquele momento, M. e T. estavam mantendo a relação em segredo, comunicando-se, basicamente, por e-mail.

Depois do encontro dois anos antes, nunca mais puderam estar juntos pessoalmente. Apesar da família de M. ser consideravelmente “aberta”, ela temia que o romance não fosse aprovado. Amira enfatiza que a política israelense de fragmentação do território palestino, separando Jerusalém do resto da Cisjordânia, tornou praticamente impossível os contatos familiares através da região.

T. não poderia ir para Jerusalém e, se M. fosse para a Cisjordânia, poderia perder a documentação israelense. Além desse obstáculo, há

³⁶¹ HASS, Amira. Op. cit. 2005, p. 145-146.

também a questão da tradição: M. e T. não poderiam se encontrar a sós e nem serem vistos juntos em público. “As más línguas poderiam chamar M. de desavergonhada”. Os dois, primeiro, deveriam anunciar o namoro. Mas, para isso, deveriam se encontrar primeiro e debater os problemas, antes de afrontarem os obstáculos familiares. A solução imediata foi passarem dois dias juntos em Ramallah, na casa de Amira. Foram cinco horas até superar todos os checkpoints militares israelenses. E M. teve que contar alguma mentira à família³⁶².

No mês seguinte, Amira retomou o assunto. Houve um segundo encontro secreto em sua casa e o casal decidiu que T. contaria aos seus pais que amava M. e que gostaria de se casar com ela. Uma semana depois, M. ligou para Amira aos prantos, contando o que já era previsto: os pais de T. se opuseram, com veemência, ao casamento. Sem contar que T. não tinha dinheiro para mantê-los, para a cerimônia, para comprar uma casa, e a “noiva” era divorciada. Nesse meio tempo, a família de M. fez pressão para que ela se casasse com um primo distante. Quando recusou, os pais concluíram que “havia um outro homem em sua vida”. Dois dias depois, o pai de T., de 63 anos, fumante inveterado e único provedor da família, morreu dormindo. M. não pode ir ao encontro de T., já que Israel não permite aos habitantes de Jerusalém ir ao norte da Cisjordânia.

Amira observa que a morte do pai poderia liberar T. do compromisso familiar: se, desde então ele passou a ser o responsável pelo sustento da casa, ninguém poderia intervir na decisão sobre o seu casamento. Mas ele ainda precisava conseguir dinheiro para isso. Do outro lado, M. decidiu procurar o seu irmão mais velho, prisioneiro político, que a apoiou: “se esse homem te ama de verdade, segue a tua estrada, porque não importa o ouro e a cerimônia nupcial”.

Em novo artigo, de 23 de dezembro de 2004, Amira questiona como é possível que sejam justamente as mulheres da família de M. as pessoas que mais se opuseram. Segundo a mãe de M., o rapaz deve ter “alguma coisa errada”, para escolher se casar com uma moça divorciada, sem contar um pouco mais velha do que ele. Um tio, que apoiou M., tentou argumentar: “Veja bem em que tipo de sociedade vivemos. Se um viúvo de 60 anos, pai de oito filhos, cego do olho esquerdo e surdo do ouvido direito, houvesse pedido a mão dela em casamento, ninguém teria nada para dizer”.

A mãe de M., viúva, sofreu nas mãos de um marido velho e violento. Era de se esperar que fosse um pouco mais compreensiva com

³⁶² HASS, Amira. Op. cit. 2005. p. 161-162.

a filha. “Pelo contrário, parece ter interiorizado as concepções mais retrógradas sobre as mulheres, de que são seres inferiores e simplesmente 'bens' a serem possuídos”³⁶³, observou Amira. A jornalista, em busca de outras explicações, conversou com uma ativista pelos direitos das mulheres, que apresentou uma hipótese para a insistência da mãe em casar a filha com um parente: ela deve ter uma grande desconfiança da sociedade, e particularmente dos homens. Acredita estar trabalhando em prol dos interesses da filha, não o contrário: conhece o parente e, portanto, confia nele. Ele tomaria conta dela, sem surpresas nem decepções.

Em meio ao “conflito”, os tios sugeriram que T. e M. deveriam ficar sem se ver por um tempo, até o momento em que a família de T. falasse oficialmente em matrimônio. Se o rapaz não se apressasse, e não fizesse o pedido em um mês, no máximo, sua sinceridade seria colocada em xeque. Esse é o penúltimo texto de *Domani andrà peggio*. A vida, como a história, não tem fim. Mas em 15 de abril de 2005, na 586ª edição da revista Internazionale, Amira retomou o assunto.

³⁶³ HASS, Amira. Op. cit. 2005, p. 165.

Imagem 9

Medio Oriente

IL DIARIO AMIRA HASS Giornalista di Ha'aretz

Fine di un amore



Cattive notizie: T. e M. hanno deciso di lasciarsi. O meglio, sono arrivati alla conclusione che non hanno alcuna possibilità di sottrarsi alle convenzioni e all'opposizione delle reciproche famiglie e tantomeno di sfuggire alle restrizioni imposte dall'occupazione. Il matrimonio di un aspirante medico di un villaggio della Cisgiordania con una povera infermiera di Gerusalemme Est, divorziata e di pochi mesi più anziana di lui, è impossibile.

O, almeno, questo è ciò di cui M. vuole convincersi, perché, dopotutto, la decisione è stata di T. Lui è povero – M. ne spiega così la decisione – e Dio solo sa quando comincerà a guadagnarsi da vivere come medico; è orgoglioso e non vuole essere mantenuto dalla moglie (il cui stipendio, peraltro, è alquanto modesto); è rimasto turbato dall'arretratezza del suo villaggio e si è quasi deciso a lasciare il paese per emigrare in Canada, rinunciando al suo internato. Ha attraversato un periodo di depressione, del quale era ben consapevole.

"Non voglio pesare su di te", le ha detto. Si sono incontrati un'ultima volta a casa mia, lei ha portato tutti gli ingredienti per una torta e ha preparato alcuni piatti alla buona. Non hanno quasi toccato cibo e io mi sono ritrovata con un mucchio di avanzi. M. si confida solo con me, la sua famiglia non sa i dettagli. Presto dovrebbe decidersi a spiegare ai suoi la decisione di T., imputandola al rifiuto dei parenti oppure agli ostacoli obiettivi posti dagli israeliani alla libertà di spostarsi e di risiedere dove si vuole. M. è convinta che non troverà mai più uno come T. "Era la storia della mia vita", ha detto l'altro giorno con un sorriso amaro. "A me va sempre male". ■ nm

SCOTT MENCHIN

“Más notícias: T. e M. decidiram terminar”, Amira escreveu no início de seu texto. T. e M. chegaram à conclusão de que não têm nenhuma possibilidade de ultrapassar as convenções e imposições das duas famílias. E, menos ainda, de escapar das restrições impostas pela ocupação israelense. “O casamento entre um aspirante a médico de uma vila da Cisjordânia com uma enfermeira de Jerusalém Oriental, divorciada e alguns meses mais velha do que ele, é impossível”³⁶⁴.

3.7 Como em um sonho

Depois de anos de trabalho nos territórios palestinos, Amira está cansada em sem esperanças. “Israel não quer a paz, a sociedade israelense não quer. Eles estão muito confortáveis do jeito que estão”. O fato de não acreditar em uma solução não quer dizer que esse seja o seu desejo. Seu argumento é que uma real mudança demandaria uma grande transformação na sociedade israelense, na luta dos palestinos contra a ocupação, e na relação do mundo com a região, “três condições que não acontecem”. Perguntei se Israel não trocaria terra por paz e sua resposta foi “não, pois o povo sente que perderia muitos privilégios. Nós não dividimos igualmente nem a água que é consumida, os palestinos recebem apenas 20% da água da Cisjordânia, os outros 80% vão para Israel”. Em sua opinião, as pessoas em Israel cresceram aceitando a situação conflituosa como normal e benéfica.

A longo prazo, Amira também não é otimista. “Não penso que o mundo, o mundo árabe, o mundo muçulmano, vá aceitar isso por muitos anos. Vai haver uma explosão. (...) Os israelenses não pensam nos seus netos? A longo prazo, vai haver retaliações contra Israel, mas eles não vêem isso. É a cegueira de uma sociedade colonialista”.

Em meio ao pessimismo, suas leituras, por prazer, são de livros de ficção, principalmente Proust, “para esquecer o mundo”. Quando tem tempo para ver um filme, aquelas que retratam Israel e territórios palestinos não entram na sua escolha. Perguntei se sentia falta de uma vida tranquila, e ela disse que esse não era o ponto, mas que sentia falta de beleza, de cultura. Em Israel tem muita dificuldade, por exemplo, de assistir a um concerto, apesar da sua paixão pela música. “Não posso desfrutar de um concerto, com outros 500 israelenses, que não ligam para a ocupação. Não posso ir a exposições... eu sinto que alguma coisa

³⁶⁴ HASS, Amira. Fine di un amore. *Internazionale*. Edição 586. 15 abril 2005. p.8.

está errada”.

Então, quando Amira vai para a Europa, aproveita para visitar museus, estar junto a natureza, ouvir música e também comprar coisas essenciais, que não consegue ter acesso em Ramallah. Recentemente, em uma dessas viagens, Amira descobriu uma nova paixão: uma pequena ilha ao sul de Istambul, na Turquia. A sua “ilha encantada”.

Em 2009, Amira foi a primeira ganhadora do prêmio *Hrant Dink Memorial Award*³⁶⁵. A matemática Betul Tanbay a convenceu a receber o prêmio em Istambul. Tanbay disse que, assim como Hrant, que era um crítico da sociedade turca, Amira enfrentava dificuldades em meio às sociedades israelense e palestina, mas que tinha muitos apoiadores e admiradores em Istambul.

Amira ficou feliz com a recepção e elas se tornaram amigas. Depois das atividades ligadas ao prêmio, foi levada para a ilha. “O marido dessa minha amiga tinha um parente que era adorado pelo sultão, no século XIX. E ele recebeu a ilha de presente. (...) As praias são lindas, não há carros. É como um sonho”.

Entre as casas construídas na pequena ilha, Amira recebeu uma para poder ir quando quiser. Quando nos encontramos em Ferrara, ela tinha acabado de voltar de lá. E retornaria depois dos seus compromissos na Itália, por isso não nos encontramos nos territórios palestinos.

3.8 Viagem

Antes de viajar para Israel e para os territórios palestinos, havia tentado estabelecer alguns contatos na região, mas não tive sucesso. O historiador americano James Green, professor da Brown University, havia me indicado alguns nomes, mas as pessoas não responderam aos meus e-mails. O mesmo aconteceu com as ONGs Peace Now, B'tselem, Palestinian American Research Center e Oxfam: nunca obtive resposta. Falei sobre isso com Amira, em Ferrara, e ela me disse que poderia fazer alguns contatos se eu precisasse. Acabei indo sem contatos. Eu não falo árabe, mas alguém por lá falaria inglês, e acreditei que seria interessante ver as coisas com os meus olhos, deixando também um pouco do “acaso” guiar parte da viagem.

³⁶⁵ Dink era um jornalista turco de origem armênia, assassinado em Istambul por um nacionalista turco em 2007. Ele era um grande defensor da reconciliação entre turcos e armênios e também um ativista pelos direitos das minorias na Turquia.

Dois dias depois do último encontro com Amira, fui de Milão a Tel Aviv, em 5 de outubro de 2010. Cheguei já depois da meia noite e peguei um taxi para o Hotel Galileu, a pouco metros da orla. O hotel fica próximo a uma rua movimentada, com muitos bares, cafês. Às 3h da manhã, ainda havia muita gente pelas ruas. Garotas usando saias curtas, garotos de sandália havaiana. Aquele poderia ser um balneário brasileiro ou grego, apesar das numerosas bandeiras de Israel espalhadas pela cidade.

No dia seguinte, um grande mercado foi montado nas redondezas. Comerciantes judeus vendiam tecidos, camisetas estampadas com o rosto de Golda Meir, Coca-cola com a marca escrita em hebraico, frutas, muitas frutas, principalmente romã. Um cenário que me pareceu “moderno”, cosmopolita. Bastante diferente do clima de Jerusalém, que iria conhecer algumas horas mais tarde.

A cidade antiga de Jerusalém está dividida em quatro bairros: judeu, cristão, armênio e muçulmano. Homens israelenses, em trajes civis, andavam com metralhadoras à tira-colo. Grupos de crianças eram sempre guiados por um professor armado. Grupos de soldados, muitas vezes compostos por garotas na faixa dos 18 anos, estavam por toda a parte. A primeira vez que fui comprar um hambúrguer *kosher*³⁶⁶, percebi a mira de um fuzil sobre uma das mesas.

Instalei-me, por dez dias, no hotel Hashimi, no coração do bairro muçulmano, na Jerusalém antiga murada. De lá, parti diariamente para os territórios ocupados, passando pelos *checkpoints* israelenses: Qalandia, Ramallah, Belém, Jericó. O motorista M. S., que já citei anteriormente, palestino com carteira de identidade israelense, que falava inglês, foi o responsável por grande parte dos deslocamentos.

M. S. não media palavras para falar dos “judeus”. “Israel é como um ônibus ou um trem: vem e pára por 20, 30, 100 anos, e depois vai. Não vai permanecer”, assegurou. “Israel é como uma maçã envenenada: por fora, é vermelha e bonita, mas, por dentro, é completamente podre”. O racismo era evidente em sua fala.

A poucos quilômetros de Israel, entrando em território palestino, a paisagem mudava por completo. Atrás do muro de mais de 12 metros, muita sujeira, táxis amarelos, diferentemente dos brancos israelenses,

³⁶⁶ *Kosher* é a comida “própria” para consumo dos judeus, de acordo com a Lei Judaica. O hambúrguer *kosher*, por exemplo, não tem queijo, já que não se pode misturar carne e produtos derivados do leite em uma mesma refeição. Também são comidas não-*kosher*: carne de porco, frutos do mar, peixes sem escamas etc.

barulho, buzina. Em Ramallah, conheci um comerciante brasileiro, de Uruguaiana (RS), que me apresentou Adeeb Musa Al Bakri, “um dos homens mais ricos da Palestina”, dono de dezenas de lojas e de 17 estações de rádio. Bakri é palestino mas viveu 30 anos em Porto Alegre, e disse conhecer mais de 2 mil brasileiros vivendo na região de Ramallah. Perguntei se os seus negócios eram prejudicados pela ocupação, mas ele logo tirou da carteira a sua *businessman id*. “Cerca de mil homens de negócios na Palestina têm esse cartão. Não tenho problemas para entrar ou sair”.

O motorista de Bakri levou-me ao campo de refugiados de Al Manari, onde pude ver cartazes de “mártires palestinos” em frente às casas, homens mortos por Israel ou presos em cadeias israelenses. Também levou-me à casa da família M. Através do convívio com a família, senti mais próximas algumas questões do conflito diário e das questões de gênero abordadas por Amira. Pude conversar longas horas com C. e A., mãe e filha.

Em minha primeira visita, C. – que citei anteriormente, sobre a questão do uso da *hijab* – me recebeu na sala, com chá preto e hortelã. O marido I. também estava presente, mas saiu no meio da tarde para fazer suas orações na mesquita. A televisão estava ligada em um canal local, que exibia incessantemente as imagens do último ataque israelense a Gaza. C. mostrou-me a casa de três andares, transformada em apartamentos para alugar. Perguntei se haviam tido problema, algumas vez, com o exército israelense. Em poucos minutos, contou uma dezena de histórias. Certa vez, em uma noite fria de inverno no início da segunda *Intifada*, soldados bateram à porta. Fortemente armados, conduziram às mulheres para um dos quartos. Enquanto isso, todos os homens, da família M. e também inquilinos foram colocados nus, durante horas, na rua. “A desculpa”, conta C., “é que eles estavam buscando algo no prédio. Mas os homens ficaram sem roupa, por horas no frio, para serem humilhados”. Os soldados foram embora ao amanhecer sem levar nada ou prender ninguém. Ela também me mostrou um chaveiro com a foto do sobrinho, morto pelas Forças de Defesa de Israel. Não entrou em detalhes, mas insinuou que ele participava da resistência. Seu carro foi atingido por um míssil guiado.

A primeira visita foi, apesar da receptividade calorosa e desses relatos, mais formal. A segunda foi mais próxima, como se eu já fosse alguém da família. Após a chegada, os homens foram conduzidos para a sala. Eu, com as mulheres, fui para a cozinha. Ajudei a preparar o *Musakhkhan* (ou *Musakhan*), um dos pratos mais tradicionais da

culinária palestina, que é basicamente frango assado com pão sírio, cebola e zumaque, um tempero roxo. C. mostrou-me, da janela da cozinha, a rua onde podia ver os tanques israelenses passar, em tempos de cidade ocupada. Perguntei se não tinha medo, se não pensava em voltar ao Brasil. “Aqui, sei quem é o inimigo. No Brasil, com a violência de hoje, teria mais medo”.

A., filha adotiva de C. e I., nasceu em Ramallah em 1987. Ela trabalha em um projeto de uma organização internacional e estuda na Al-Quds Open University. Esteve no Brasil apenas uma vez, mas entende bem o português. Comigo, preferiu falar em inglês, talvez porque fosse melhor que sua mãe não compreendesse as respostas. Enquanto C. preparava os ingredientes do jantar, A. mostrou-me como colocava o véu, preso cuidadosamente por um alfinete. Entre dicas de culinária, confessou-me que havia sido noiva. Eram apaixonados um pelo outro. O noivo e o pai vieram à sua casa propor o casamento e todos aceitaram, mas a história teve fim um mês depois. “O pai dele descobriu que sou diabética, e isso é um defeito não aceitável para uma noiva”. C. chegou com os pães e A. tentou disfarçar as lágrimas.

Fui embora tarde da noite, a cidade já estava em silêncio. Do taxi, pude ver as luzes do assentamento de judeus israelenses que fica nas colinas de Ramallah.

Considerações finais

Uma das últimas vezes que me comuniquei com Amira ela estava no Egito, acompanhando as manifestações que levaram à queda de Osny Mubarak. Em Ferrara, eu havia dito, em meio a uma brincadeira, que por ela demorar tanto a responder meus e-mails, muitas vezes precisei fazer promessas à Nossa Senhora. Amira riu, disse que “deveria ter boas conexões com a Virgem”. Em fevereiro de 2011, depois de mandar algumas mensagens com a transcrição da entrevista para aprovação, ela respondeu: “Fique tranquila, a santa me encontrou no Cairo”.

Pouco depois, em 28 de fevereiro de 2011, David Remnick publicou na revista *The New Yorker* longa reportagem sobre o *Ha'aretz* e sobre Amira. Perguntei se ela havia lido. “É claro que não li, você sabe que não leio os artigos – ou vejo os filmes – sobre mim”. Ao mesmo tempo, escreveu que esperava que eu melhorasse o texto de nossa entrevista quando eu traduzisse o material para o português, porque “quando eu falo inglês, soa meio infantil, e não posso queimar a minha reputação”, disse brincando.

Com esse mergulho no dia-a-dia de Amira Hass e sua obra, pude observar o cotidiano de mulheres e homens palestinos em meio ao conflito com Israel. Um conflito que os palestinos não buscaram, mas chegou até suas portas. E Amira incomoda aqueles que acreditam no conflito armado como única solução porque, através de seus relatos, através das memórias da vida ordinária transcritas no papel, humaniza o “inimigo”. Além disso, ela não é uma militante de Direitos Humanos ou militante pró-Palestinos: é uma judia israelense, filha de sobreviventes do Holocausto, que tomou a decisão radical de não ser mera observadora, de viver junto aos palestinos e compartilhar com a sociedade israelense aquilo que ela vê e aquilo que ela sente.

A jornalista norte-americana Marta Gellorn (1908-1998), correspondente de guerra por 60 anos, dizia que a guerra é uma terrível repetição. “Qualquer um que tenha visto parte de uma guerra pode imaginar qualquer guerra; geografia, técnicas e ideologias podem variar, mas o denominador comum, o sofrimento, não muda. A guerra acontece com as pessoas, uma por uma”³⁶⁷. Amira, no seu dia-a-dia e o histórico de resistência às injustiças de seus pais, não podia suportar uma guerra, feita em seu nome, acontecendo debaixo de seus olhos sem fazer nada.

³⁶⁷ GELLORN, Martha. *The Face of War*. Londres: Granta Books, 1993. p. 378.

Durante a trajetória do mestrado, li muitas vezes que a história não é definitiva, é fruto do momento em que foi escrita. *A história se faz presente*. Ao final desta pesquisa, constato que as memórias de Amira e os seus apontamentos com relação ao cotidiano do conflito nos anos 1990 e 2000 ainda estão muito presentes. Nesse contexto, minha maior dificuldade foi separar o que era jornalismo e o que é história: onde termina um e começa o outro? Qual o limite entre história do tempo presente e reportagem? Nos momentos de dúvida, busquei tratamento mais cuidadoso com a fonte, o diálogo com a literatura e historiografia, a análise contextual, sem perder de vista a narrativa fluída do jornalismo.

Possivelmente, essa pesquisa poderia ter sido feita somente com as fontes escritas. “Três livros de Amira Hass são fontes suficientes para uma dissertação de mestrado”, alguém poderia argumentar. Mas a entrevista com Amira na Itália ajudou-me a ler seus artigos e observar a ironia de seus textos de outra forma. A entrevista também trouxe informações fundamentais sobre a vivência da repórter e, principalmente, os seus silêncios.

Então por que ir aos territórios palestinos? Para o repórter, como diria Ricardo Kotscho, “sujar os sapatos” é fundamental. Assim como Amira humaniza os palestinos, com seus problemas agravados pelo conflito com Israel, revolvi também dar vida aos textos que lia. Com a minha viagem à Cisjordânia e Israel, os textos de Amira passaram a ter cheiro, imagem, sensações. Os números passaram a ter rostos. Como falar de “família palestina” sem pensar na família M.? Uma coisa é ouvir “milhares de palestinos perderam suas casas”, outra é imaginar os seus amigos na rua. A família M. passou a ser, para mim, um microcosmo, à imagem do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg.

Ao iniciar a pesquisa, procurei ter o gênero como categoria central na dissertação. O fato é que, como me propus a permear os relatos de Amira com sua trajetória pessoal com o contexto histórico do conflito-palestino israelense, o gênero acabou “diluído” em meio ao contexto e outras questões referentes ao cotidiano. Acabou sendo uma categoria importante, mas, de certa, forma, secundária. Até porque o gênero não é fundamental para Amira. Ele é importante, sim, como mostram muitos de seus textos, mas a questão central é outra: a ocupação israelense nos territórios palestinos. O conflito influencia no gênero e transforma a vida de milhões de palestinos em um pesadelo. Por isso, minha questão central passou a ser a vida ordinária em meio ao conflito. As histórias de Lulu, F., Kh., Z. e tantos outros.

Amira disse que o seu desejo de viver no territórios palestinos nasceu do pavor de se tornar mera observadora e da necessidade de compreender a contradição básica do Estado de Israel: democracia para uns, desapropriação para outros. Hoje, quase vinte anos depois, está imersa nessa realidade e vive uma vida extremamente solitária. “Algumas vezes, você está ocupado demais para perceber o quão sozinho você está”³⁶⁸, ela disse a David Remnick. E Amira está cansada. Pela falta de perspectiva de um possível fim da ocupação israelense, por não se sentir totalmente “em casa” em Ramallah, por não se sentir à vontade em Tel Aviv, por ter que brigar para ser publicada, por ter que brigar para ser lida. Amira disse-me que o mais difícil no seu trabalho é ver que as pessoas não querem ler os seus textos, não querem saber da “realidade”, o mesmo sentimento de Hanna ao publicar o seu diário escrito em Belsen.

Assim como Hanna observou que “haveria muitas verdades” para aqueles que sofreram os horrores do campo de concentração, provavelmente haverá muitas verdades para os palestinos sob ocupação. Um exemplo é o caso do empresário Bakri, que conheci em Ramallah, que tem regalias e maior liberdade de movimento entre os territórios por ser um “homem de negócios”.

O jornal inglês *The Guardian* reservou o seu editorial do dia 24 de outubro de 2009 para falar sobre Amira Hass. “A âncora moral de Amira está firmemente enraizada em dolorosas memórias coletivas, através da trajetória de vida dos seus pais”, afirma o texto. E somente uma judia (ou um judeu) pode inverter a lógica do “nunca mais” do Holocausto, que é usada para justificar ações menos justificáveis de Israel. É essa experiência que deve ensinar Israel a se comportar de maneira diferente³⁶⁹.

Ao final da nossa entrevista, quando agradei pela oportunidade de estarmos juntas, Amira sorriu, e disse que isso era bom, pois eu podia ter me decepcionado. Não me decepcionei. Os fragmentos de histórias cotidianas, contadas por Amira, fragmentos de um conflito, ajudam a compreender a ocupação israelense nos territórios palestinos. Ajudam a

³⁶⁸ REMICK, David. Op. Cit., 2011.

³⁶⁹ _____. In praise of Amira Hass. The guardian. Disponível em:

<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2009/oct/24/in-praise-of-amira-hass> . Acesso em 5 de julho de 2010.

compreender os sofrimentos privados e coletivos, as relações de poder opressivas dentro das famílias e também nas comunidades. São fragmentos como as peças de um mosaico incompleto, mas que ajudam a ver o todo, a História.

Fontes

Entrevistas:

HASS, Amira. Entrevista concedida a Juliana Kroeger e Fernando Evangelista. Ferrara, Itália, 1/10/2010 e 3/10/2001. Acervo do LEGH/UFSC.

GOODMAN, Amy. "Diary of Bergen-Belsen, 1944-1945": Amira Hass Discusses Her Mother's Concentration Camp Diary. *Democracy Now*. 8 de junho de 2009. Disponível em:

www.democracynow.org/2009/6/8/diary_of_bergen_belson_1944_1945
Acesso em 20 de julho de 2010.

KREISLER, Harry. Occupation and Terrorism: *Conversation with Amira Hass*. Série de entrevistas Conversation with History. Institute of International Studies, UC Berkeley. 2003. Disponível em <http://globetrotter.berkeley.edu/people3/Hass/hass-con0.html>

Palestras:

HASS, Amira. *Potere, rabbia e mezzi d'informazione*. 1 a 3 de outubro de 2010. Workshop no Festival Internazionale a Ferrara. Ferrara: Internazionale a Ferrara, 2010.

HASS, Amira. *The Lost Worlds of Hanna Levy Hass*. 3 de novembro de 2009. Palestra na University of California (UCLA). Los Angeles: UCLA, 2009. Podcast disponível em: <http://www.international.ucla.edu/cnes/podcasts/article.asp?parentid=113224>

Publicações:

HASS, Amira. *Beber o mar em Gaza*. Lisboa, Editorial Caminho, 2005. Prefácio à edição portuguesa. Disponível em: http://resistir.info/palestina/beber_o_mar_extracto.html. Acesso em: 28 de setembro de 2008.

HASS, Amira. *Drinking the sea at Gaza: days and nights in a land under siege*. Nova York: Holt, 1999.

HASS, Amira. *Domani andrà peggio: lettere da Palestina e Israele, 2001-2005*. Roma: Fusi orari, 2005.

HASS, Amira. Notes on my mother. In: LÉVY-HASS, Hanna. *Diary of Bergen-Belsen (1944-1945)*. Chicago: Haymarket Books, 2009.

HASS, Amira. Fine di un amore. *Internazionale*. Edição 586. 15 abril 2005. p.8.

HASS, Amira. On my parents. In: LÉVY-HASS, Hanna. *Diary of Bergen-Belsen (1944-1945)*. Chicago: Haymarket Books, 2009.

HASS, Amira. *Reporting from Ramallah: An Israeli Journalist in an Occupied Land*. New York: Semiotext(e), 2003.

LÉVY-HASS, Hanna. *Diary of Bergen-Belsen (1944-1945)*. Chicago: Haymarket Books, 2009.

SIMPSON, Peggy. Amira Hass' Coverage Defies Gender, Ethnicity Boundaries. International Women's Media Foundation. Disp. em: <http://www.iwmf.org/article.aspx?id=1067&c=articles>. Acesso em 5 de julho de 2010.

Vídeo:

KEDAR, Yiafit. *Between the lines*. Documentário, 52. Israel, 2001.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Perseu. *Padrões de Manipulação da Grande Imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ADELFGANG, Osie Gabriel (org.) *Shifting sands: Jewish women confront the Israeli occupation*. Bellevue: Whole World Press, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo editorial, 2008.

AHMED-GHOSH, Huma. Dilemmas of Islamic and Secular Feminists and Feminisms. *Journal of International Women's Studies*. Vol. 9, n.3. Maio 2008. p. 99-116.

ALBERTI, Verena. Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral. In: *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. *Anos 90*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História, v. 11, n.19/20, jan/dez2004, p. 79-100.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALKARAM, Amin. Entrevista a Juliana Kroeger. Florianópolis, 7 de novembro de 2008.

AMIRY, Suad. *Niente sesso in città*. Milão: Feltrinelli, 2007.

BACCHETTA, Paola; CAMPT, Tina; GREWAL, Inderpal; KAPLAN, Caren; MOALLEM, Minoo; TERRY, Jennifer. "Por uma prática feminista transnacional contra a guerra". *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 353-359, 2001.

BISHARA, Marwan. *A paz ou Apartheid*. Paz e Terra, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BONETTI, Aline de Lima. Etnografia, gênero e poder: antropologia feminista em ação. *Mediações*. V. 14, n.2. Londrina: Jul/Dez. 2009. p. 105-122.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BROWN, Jonathan. Holy rock star. *The Independent*. 3 de outubro de 2007. Disponível em:
<http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/music/features/holy-rock-star-the-voice-of-islam-395808.html>

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CAMARGO, Cláudio. Guerras árabe-israelenses. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.

CAPDEVILA, LUC; ROUQUET, François; VIRGILI, Fabrice; VOLDMAN, Danièle. *Hommes et femmes dans la France en guerre 1914-1945*. Paris: Editions Payot et Rivages, 2003.

CASPI, Dan. *Media decentralization: the case of Israel's local newspapers*. New Brunswick: Transaction Books, 1986. p. 16.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*; conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

CHOMSKY, Noam. *Poder e Terrorismo – entrevistas e conferências pós – 11 de setembro*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas Margens. Três Mulheres do Século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DERRIDA, Jacques et alli. *Viagem à palestina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

DIMBLEBY, Jonathan. “Meu pai ajudou a tornar o Holocausto imperdoável – e impossível de ser esquecido”. *BBC História Revista*. Ano 1, edição 1. 2009. p. 77.

EDEMARIAN, Aida. Muslim superstar. *The Guardian*. 5 de novembro de 2007. Disponível em:
<http://www.guardian.co.uk/world/2007/nov/05/religion.pop>

EVANGELISTA, Fernando; KROEGER, Juliana. Curdos: a guerra silenciosa. *Revista Caros Amigos*. Edição 122, maio de 2007. p. 12-14.

EVANGELISTA, Fernando. Histórias que não se contam: Padrões de Manipulação da Notícia na Questão Palestina e nas Guerras no Iraque. *Dissertação de Mestrado*. Universidade de Coimbra. Abril de 2006.

FINE, Doreen. *O que sabemos sobre o judaísmo?* São Paulo: Callis, 1998.

FISK, Robert. *A grande guerra pela civilização: A conquista do Oriente Médio*. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta, 2007.

FALLACI, Oriana. *Niente e così sia*. Milão: Rizzoli, 1971.

FALLACI, Oriana. *Os antipáticos*. Rio de Janeiro: Sucessos internacionais.

FAUSTO, Boris. *Memórias de um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FISK, Robert. Uomini che uccidono le donne. *Internazionale*. N. 867, ano 17. 8/14 outubro de 2010.

FRIEDMAN, Thomas L. *De Beirute a Jerusalém*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.

FRIEDMAN, Thomas L. Massacre durou 36 horas e Israel não impediu. In: FUSER, Igor. *A arte da reportagem*. São Paulo: Scritta, 1996.

GELLORN, Martha. *The Face of War*. Londres: Granta Books, 1993.

GENTILE, Cecilia. *Segui le donne: da Beirut alla Palestina pedalando per la pace*. Portogruaro: Ediciclo, 2009.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HIRST, David. *Senza pace: un secolo di conflitti in medio oriente*. Bologna: Nuovi Mondi Media, 2003.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno de Argentina Editores, 2001.

JONES, Rachel Leah. Foreword. In: HASS, Amira. *Reporting from Ramallah: An Israeli Journalist in an Occupied Land*. New York: Semiotext(e), 2003.

KANAANEH, Rhoda Ann. *Birthing the nation: strategies of Palestinian women in Israel*. Los Angeles: University of California Press, 2002.

KLEIN, Claude. *Israele, Lo Stato degli Ebrei*. Florença: Giunti Gruppo Editoriale, 2000.

LACHOVER, Einat. *Have women journalists in Israel really integrated into the profession?* Comunicação oral apresentada no encontro anual da

International Communication Association (ICA). Califórnia, 2003. Disponível em: www.allacademic.com/pages/p111975-1.php . Acesso em 26 de abril de 2011.

LEWIS, Bernard. *A Crise do Islã, Guerra Santa e Terror Profano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-151.

MAFFEO, Stefania. Storie delle donne partigiane: fu una resistenza taciuta. *Storia in Network*. Março de 2004, edição n. 89. Disponível em: <http://www.storiain.net/arret/num89/artic3.asp>

MALUF, Marina. *Ruidos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

NINIO, Marcelo. Israel veta entrada de chanceler Celso Amorim na faixa de Gaza. *Folha de São Paulo*. 29/07/2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/774430-israel-veta-etnada-de-chanceler-celso-amorim-na-faixa-de-gaza.shtml> .

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

OZ, Amos. *Contro il fanatismo*. Milano: Feltrinelli, 2007.

OZ, Amos. *Una terra due stati*. Roma: I rubini/Datanews, 2010.

PARENTE, Eriza de Oliveira; NASCIMENTO, Rosana Oliveira do e VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza. Enfrentamento da violência doméstica por um grupo de mulheres após a denúncia. *Revista Estudos Feministas*. 2009, vol. 17, n.2, p. 445-465.

PARRY, Willian. *Contro il muro: L'arte della resistenza in Palestina*. Milano: ISBN Edizioni, 2010.

PEDRO, Joana Maria. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila. *Revista Estudos Feministas*, Abril de 2005, vol.13, no.1. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a06v13n1.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2008.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. 2005, vol. 24, no.1, p. 77-98. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2008.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina; In: *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.

PETEET, Julie M. *Gender in crisis: Women and the Palestinian Resistance Movement*. New York: Columbia University Press, 1991.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História* (PUC-SP), n.º 14. São Paulo: EDUC, 1997. p. 25-39.

PUREZA, José Manuel (org.). *Fogo sobre os mediaCoimbra: Quarteto*, 2003.

QUÉTEL, Claude. *As mulheres na guerra*. Volume 1 (1939-1945). São Paulo: Larousse, 2009.

RAMONET, Ignacio. *As guerras do Século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2003.

REMICK, David. *Dentro da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REMICK, David. The dissenters. *The New Yorker*. 28 de fevereiro de 2011. Disponível em http://www.newyorker.com/reporting/2011/02/28/110228fa_fact_remnick. Acesso em 28 de fevereiro de 2011.

REMONDINO, Ennio. *La televisione va alla guerra*. Milano: Sperling & Kupfer Editori, 2002.

RIOUX, Jean Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAVENEAU, A.; TÉTARD, Ph. (org.) *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.

ROTHENBERG, Celia E. *Spirits of Palestine: gender, society and stories of the Jinn*. Oxford: Lexington Books, 2004.

ROUSSO, Henry. A história do tempo presente, vinte anos depois. In: PORTO Jr., Gilson (org.). *Tempo presente – conceitos e temas*. Bauru: Edusc, 2007.

SACCO, Joe. *Palestina: uma nação ocupada*. São Paulo: Conrad, 2004/

SAID, Edward W. *Cultura e resistência*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAIDEL, Rochelle G. *The Jewish women of Ravensbrück concentration camp*. Milwaukee: The University of Wisconsin Press, 2004.

SALERNO, Eric. *Israele: la guerra della finestra*. Roma: Riuniti, 2002.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. *História & Documento e metodologia de pesquisa*. São Paulo: Autêntica, 2007.

SARLO, Beatriz. *Mulheres, história e ideologia*. São Paulo: USP, 1997.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: UFMG/Companhia das Letras, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*. 1997. v.19.

SCLIAR, Moacyr. *Judaísmo: dispersão e unidade*. São Paulo: Ática, 1994.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Falas de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, jul. a dez. 1990.

SHARONI, Simona. *Gender and the Israeli-Palestinian Conflict*. Syracuse: Syracuse University Press, 1995.

STEEDMAN, Carolyn. *Dust*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2001.

STEEDMAN, Carolyn. *Landscape for a Good Woman*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1986. p. 6

STEEDMAN, Carolyn. *Past Tenses: Essays on writing, autobiography and history*. Rivers Oram Press, 1992.

SUAZA, Luz Marina. *La prensa y la vida*. V Encontro Internacional de Investigadores da Rede “Educação, Cultura e Política na América Latina”. Anais. Ouro Preto: 24 a 26 de outubro de 2007.

TRAQUINA, Nelson. *O que é jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002.

VIDAL, Dominique. *Il peccato originale di Israele: L'espulsione dei Palestinesi rivisitata dai “nuovi storici” israeliani*. San Domenico di Fiesole: Edizioni cultura della pace, 1999.

VOLKOV, Shulamit. Anti-semitism as explanation: for and against. In: POSTONE, Moishe; SANTNER, Eric. *Catastrophe and Meaning: The Holocaust and the Twentieth Century*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

WASSERMAN, Tina. Reviews the short film "Between the Lines," directed by Yifat Kedar, starring Amira Hass. *Afterimage*. Jul/Aug2004, Vol. 32. Issue 1.

WERNECK, Humberto. A arte de sujar os sapatos. In: TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone sul. (1968-1985). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 54, 2007. p. 19-38.

_____. El muro. *Amnistía Internacional*. 2007. Disponível em: <http://web.es.amnesty.org/muro-de-israel/muro.php?opcion=muro>. Acesso em 2 de agosto de 2010.

_____. Mulheres israelenses 'contrabandeiam' palestinas em ato de desobediência civil. G1/BBC Brasil. 13 ago 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/08/mulheres-israelenses-contrabandeiam-palestinas-em-ato-de-desobediencia-civil.html>

_____. United States Holocaust Memorial Museum. *Bergen-Belsen*. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005224>. Acesso em: 12 de julho de 2010.

ANEXO

Entrevista com Amira Hass (em inglês)

Transcrição: Juliana Kroeger

Revisão: Ramin Akbarnia

• Day nº 1

Interviewers: Juliana Kroeger and Fernando Evangelista

Date: October 1, 2010

Ferrara, Italy (during the festival *Internazionale a Ferrara*, a weekend with journalists from all over the world)

First part: Cinema Apollo, 19:00

Amira: Can you wait a bit? I just need to get my e-mails... They've been downloading for the last 3 hours.

Juliana: Of course...

Amira: It was very slow in the beginning but now it's picking up. It's halfway done and I'll probably need at least half an hour to finish it, and then we can start.

Juliana: OK Amira, and what about recording with the video camera...

Amira: I prefer not to right now... give me time to think about it.

(...)

Juliana: Is it very difficult now to pass through checkpoints?

Amira: For me it's easy. As I've said, I have some privileges as a journalist and a Jew. So I take advantage of these privileges as a journalist and a Jew. For me it is not a problem. You know, sometimes you wait at the checkpoints, sometimes one checkpoint is closed, but for me they are really just checkpoints - I just check then I pass. For the Palestinians, on the other hand, they're blocks. It is not a checkpoint, it is a block.

Juliana: And if we [Fernando and I] go there?

Amira: It is different because... as journalists, it depends... you come for the research...

Juliana: Yes, we are coming for that. But if we say we are tourists, maybe it's better...

Amira: You never know. What I've discovered is if you lie they might even have more... Sometimes it's better to say the truth and not to lie. Then if you lie they find out and you're doomed. I cannot tell you. Once I said "tell a lie, it is better". But we saw that with some people it didn't work. But you are not connected with any international activity, so they don't have a reason. You can say you are a journalist and you came

to write about beautiful Israel, I don't know. For how long do you plan to be there?

Fernando: Two weeks.

Fernando: You said it's easy to come and go. But is there any censorship on your work?

Amira: Mine? No. As I said today, we don't have any censorship. It is really social censorship. It is not official censorship. It is social - the readers do not want to read; there are some editors that might interpret it and say "maybe it is better that we don't publish her". For certain periods I felt I had editors that either for practical reasons or because they were right wingers, they preferred not to publish. But is not official censorship. It is not that the paper gets a telephone call and direct threats, not at all. That's what I say: Israel for Jews is a democracy.

Juliana: But are you still the only Israeli Jew journalist who lives in the Territories?

Amira: Yes. But I have colleagues who don't live in the occupied territories but write about it. They come once a week, they make telephone calls, and they also have good information and are very critical with the government. So it is not that you need to live there. I mean, to me, for my kind of work, I cannot see myself not living in the occupied territories. But... They have not allowed me, for example, to get to Gaza... it's not only me - it's the case for everybody. And I've entered Gaza three times [since 2008], so I broke the law, and they made some fuzz, but they cannot really... they cannot put me on trial. I was there three times, I published, they knew... Twice I went out [of Gaza] through Israel, from the Erez checkpoint, so I was detained for a couple of hours but nothing serious. They threatened to put me on trial, but they wouldn't dare to because it would be a trial on the freedom of information. When my paper is backing me it is not a problem.

Juliana: And why did you decide to live in Gaza?

Amira: One of my answers is... I keep repeating it: if the paper asks me to be a journalist to cover French affairs, I would not live in Berlin, I would live in Paris. This is an answer which it is not untrue, but it is also not the only one because... personally I felt, for *my* character, that I wanted to experience occupation, really, first hand. So it was still when the Israeli army was in Gaza [in 1993]. And I wanted to feel what it is like to be under curfew, how it is to feel it... to see the soldiers... and to directly experience with people what they experienced. Although it is never the same, the same, the same, but it *is* closer... not to be a visitor, not to be a tourist.

Juliana: In your mother's diary , in the introduction, you said that she always felt like an outsider.

Amira: Yes...

Juliana: Do you also feel like that?

Amira: (Breath)... Yes. I mean, right now I feel... It was not that strong, I guess, 16 years ago when I moved to Gaza, almost 17 years ago. But I've always been... I guess... a bit different because my parents were Holocaust survivors, and because they were leftists... So I was never part of the mainstream Israeli society... but no, I don't think it was as bad as my mother's case. I was born in Israel, this is my land, the colors, the light, everything... I feel very much connected to it.

Fernando: Do you feel at home in Ramallah?

Amira: No. I don't feel at home. I guess... one of my answers is... when a paper asks me why I moved to Gaza, I say: because I am a typical Jew, I want to live in the Diaspora. ****laugh**** Or: I want to be a minority. So like I find my... Then I have another answer, I think we have more answers to one question... Do you know what *shtetl* is?

Juliana: No.

Amira: The word *shtetl* is derived from German, but it is Yiddish. *Stadt* in German is city . But in Yiddish, you know what Yiddish is...

Juliana: Yes...

Amira: In Yiddish it is a diminutive *shtetl*, which means a small city, a small community, which means a Jewish community in Eastern Europe where everybody knows everybody, everybody gossips about everybody... So it is a little community. So when people ask me why I moved to Gaza I say that I am an Eastern European Jew ... and so I was looking, I was finding my *shtetl* in Gaza.

Juliana: What are the biggest difficulties in your job?

Amira: The biggest thing is too see that the readers, and sometimes the editors, do not want to know. This is the most difficult... I see things, I see the reality, and you see that the paper, because of the readers, because of the editors, just is not interested in *conveying* this reality. This is the most difficult thing.

Fernando: You wrote in your book *Domani andrà peggio* that is better for the people [in Israel] to not know what is happening... they prefer to feel like victims.

Amira: Yes, yes.

Juliana: When you have to tell people what the most important thing is to understand the conflict, what do you usually say?

Amira: ****Pause**** That... What Israel is actually doing is continuing 1948. It didn't give a chance for the Palestinians to feel that the *Nakba*, that the 1948 story, is over... that it happened but it is not being repeated. I call it "the chain of dispossession", that gets longer, and longer, and longer. It did not end. I say... It is difficult for people but it is also difficult for me. Because I am one of those who say: Israel is not only a colonialist phenomenon, it is also a result of the Holocaust. You cannot disconnect it. That's why Israel is not like Algeria – the French occupation of Algeria, or the British colonization of Kenya or India. It is different. But then in the way Israel proceeds, it is not different – it has just been continuing the colonization and the dispossession of Palestinians since 1948. And this is the most difficult, this is like... you feel completely cornered, without hope, and the repression is everywhere and in different forms. So you have Palestinians of Gaza in one way, Palestinians in Israel in one way, Palestinians outside, Palestinians in the West Bank... Sometimes there is a bit rest somewhere, but as a whole you see there is an aim to completely eradicate them as a concept of a people. Not physically, it is not that successful, but to separate them, now they're creating a "bantustan [model], this is part of a process. This is really the most difficult thing, for me, to digest. I cannot.

Juliana: But you have said before that there is a difference between what happened in South Africa during the Apartheid years and now what is happening in Israel and Palestinian Territories.

Amira: There are differences and similarities. One thing that is certainly not similar is that the Israeli apartheid... There is an apartheid... is not biological. In South Africa you could not have hospitals for blacks and whites, it was forbidden. A white person could not receive blood from a black person, and vice versa. That doesn't exist in Israel. Sometimes I say that hospitals are the healthiest places in Israel. Because you can have a Palestinian doctor with a Jewish patient, and vice versa, and nurses and everything. I took an old friend of mine to a hospital a few months ago, it was a Saturday, that's Sabbath, so more Arabs were working. And there was one Palestinian nurse, a male nurse, and one Orthodox Jewish patient who did not want to stay in bed. He was trying, all the time, struggling to get out. So you hear this Palestinian nurse telling him like [he was talking to] a little boy - he was not young, telling him as if he was a little boy: "If you don't behave I will tie you to the bed". A Palestinian was talking like that to a Jew and it was not something that he cannot accept. So this is very different, of course.

Fernando: But what about the freedom of movement of the Palestinians?

Amira: Some people say it is now even worse than it was in South Africa. I don't know. I think sometimes people exaggerate... but it is very... ****Pause**** It becomes, you know, the separation of bantustans, the creation of bantustans, and I was one of the first to alert about it - the control over the freedom of movement as a way to separate and as a way... actually it is... in a way it is like in South Africa to have the separate ways of development. So it is a way to uniform the discrimination. So you confine the Palestinians in enclaves where the space for development, the space not only for movement, but for development, construction, and agriculture, is very limited and for the Jews it's almost without limits in comparison... and then there's the access to water, which the Palestinians do not have etc... So this is a form of apartheid that is very very similar. Of course there are differences. But the idea that you have one government and two peoples, one territory, only one people can vote, the other does not vote, but the government decides about the future of the two peoples, this is apartheid for me. And then you have the system with hierarchy, everything that Jews get is better than what Palestinians have: roads, water, infrastructure, education, health, everything. So this is apartheid.

Juliana: In *Domani andrà peggio*, you also wrote about being threatened because of your articles. I think it was in 2002...

Amira: I cannot remember it...

Juliana: They told you to go away... to go back to Israel...

Amira: Oh, it was in the beginning of the Intifada.

Juliana: Is it still happening?

Amira: No, no, no. It happened... It was a very peculiar time, everybody was very nervous.

Fernando: For me this is strange. Because you write things that certainly bothers both sides... the fanatics in Israel and in the Territories...

Amira: Look, the people who told me "Go!" didn't do it because they knew what I was writing. They were suspicious of me because the atmosphere was very tense at the beginning of the Intifada. But it's true, Hamas kicked me out from Gaza. Yasser Arafat tried twice, in the past, to kick me out but didn't succeed... that is when I saw the difference between Fatah and Hamas rule. Fatah is much more flexible; when people intervene and they change. But not Hamas. People intervened but didn't succeed. So I cannot easily meet with the PA [Palestinian

Authority] representatives, they don't like to meet with me. Because they don't like what I write. But I don't receive direct threats from them. Lately I wrote quite a few articles about the Palestinian Intelligence and how they interfere in people's lives unjustly and they didn't send... maybe they didn't read it. If a Palestinian wrote about it in such a way maybe it would be difficult, maybe they would hit him. But somehow I am protected ****Laugh****. They cannot touch me, as an Israeli. This is absurd, but it is like that.

Fernando: In this last almost 20 years [living in the Occupied Territories] is there any story... an event... that you could never forget?

Amira: It is so full of them.

Juliana: I can imagine. But tell us something that could be a real example of the *Siege*.

Amira: What was a great moment for me was when I entered Gaza, after 2 years, with the boat. This was a good moment for me. ****Pause**** But I also think.... I remember when I was in Jenin during the *Defensive Shield* in 2002. I was in Jenin and the army was there and then we had to take a sick child to the hospital. They thought it would be better if I went with them because there were many soldiers on the road... and, you know, people had just been killed... about 50 people were killed in a fight, I don't think it was a massacre, not at all. And this was the longest "half an hour" in my life. Because I was afraid, we were all afraid of soldiers who were shooting, and of bombs that the Palestinians might have planted. So you never know... and there was blocking on the destroyed houses of Jenin. So this was very frightening, this I remember... this half an hour was very long for me.

Juliana: Did you succeed?

Amira: Yes, I mean, I am here. ****Laugh****

Juliana: But I mean about the child... did you reach the hospital?

Amira: Yes, we got there.

Fernando: I was there in 2002.

Amira: Really?

Fernando: I was in Ramallah...

Amira: I think Ramallah was much easier. I was in Ramallah all this time; I worked like crazy 24 hours a day...

Juliana: Amira, I'd like to know more...

Amira: Sorry, I have to see if... ****checks the computer****. It is so slow, I am sorry.

Juliana: It is OK.

(...)

Amira: I am already hungry, we must go to eat. And then we're going to Robert Fisk [’s Conference], right?

Juliana: Alright.

Fernando: Can I take a picture of you?

Amira: Yes, I mean, OK. I still want to understand what kind of research it is... You need a photo?

Juliana: My research... let me tell you. I got your book from Gaza and the one from Ramallah and then your mother's diary. So you are what we call in History “my font”. And through your eyes, through what you have written, I try to “translate”, to bring to Brazil a bit of the Holocaust and a bit of the situation - the daily life in the Palestinian Territories. So that's why I told you before that it was important for me to talk to you, to do this interview...

Amira: Sure, I really appreciate it.

Juliana: That's why I am also curious, asking so many things...

Fernando: Amira, everyday she talks about you...

Juliana: And I confess, I am still a bit nervous. I've been waiting for this moment...

Amira: And then you see I don't eat young journalists for breakfast, right?

Juliana and Amira: **Laugh**

Juliana: Maybe, if we could talk more tomorrow...

Amira: Yes, so let's go now. Bit by bit... ‘cause I talk too much.

Juliana: If I don't bother you...

Amira: You do, but what can I say? **Laugh**

Second part: Walking to “*Osteria del'Ghetto*”, 19:30

Amira: Maybe it would be better for you to do it [the interview] in one time, but this is very tiring... How long are you staying now?

Juliana: We are staying until 4th October, Monday.

Amira: So we can also talk another day...

Juliana: I'll be in your workshop...

Amira: Yes, exactly, we can talk there.

Juliana: Do you live by yourself in Ramallah, alone?

Amira: Yes, yes...

Juliana: Have you been to Brazil?

Amira: No. I haven't been there.

Fernando: Brazil is so dangerous for you. **Laugh**

Amira: That's not the reason. **Laugh**

**At his moment, a guy comes and asks Amira:

- Can I take a picture of you?**

Amira: Does it have to be now? Because we are a bit busy...

- OK, OK...

Juliana: She really doesn't like it. **Laugh**

Amira: So let's go to the "ghetto", that's my private joke **Laugh**.

Juliana: I didn't know you don't like pictures, I don't like pictures of me either.

Amira: I don't like it at all. **Walking**

Juliana: You were here in 2007, right?

Amira: Yes...

Juliana: I saw the video on the Internet, it was very nice. But this year the conference will be a bit different....

Amira: Yes, it will be like an interview, it is much easier.

Juliana: That's what I did in my research, I got your interviews...

Amira: How did you find me?

Juliana: Fernando and I worked for a Brazilian magazine called *Caros Amigos*. They sent me to Kurdistan in 2007... I was there only with male journalists.

Amira: Yes...

Juliana: There was only one girl there and it was very strange. Some people said: "You, girls, cannot go there". I've always felt like a feminist, so I decided to find a woman journalist to research about it. When we came back to Italy, Fernando asked me: "Do you know Amira Hass? She writes to *Internazionale*". And then I started to read your articles. When I went back to Brazil, I went to the university, talked about doing research about your work, and the professor liked it.

Amira: A-ham...

Juliana: You know, here in Italy, in the newspapers, you can read lots of things about Israel and the Territories. But in Brazil it is not the same. And in our city [Florianópolis] there are many Palestinians who went there after 1948 and 1967. So that's why I started this research about you. It is a pity we don't have your books published in Brazil.

Amira: There is one in Portuguese, in Portugal...

Juliana: I know. Do you know where this restaurant is?

Amira: Yes, yes... This way. And the photograph you wanted to take, it that part of your work?

Juliana: The work that I am doing for the university is... it is like a book, what I was telling you. But it would be better to illustrate with pictures. ****Walking, very noisy****

Amira: I want you to know that I don't feel like a "war correspondent". I don't feel it is... There were sometimes that maybe it was dangerous, but I am not the type that goes to the most dangerous places. I don't feel...

Juliana: **Laugh** That is funny.

Amira: There is the ghetto, my private joke. ****Laugh****

Juliana and Fernando: **Laugh**

Amira: You know, it became a positive name here ****Laugh****, the ghetto.

Third part: "*Osteria del'Ghetto*", 19:40

Amira: What is this *cappelaci di Zucca*? I don't eat meat, so..

Juliana: It is pasta filled with pumpkins, or you can have it with cheese.

Fernando: What are your plans for the future? Do you want to stay in Ramallah?

Amira: I have to think about it...

Juliana: Amira, I forgot to ask you, do you mind [if I turn on the voice recorder here]?

Amira: No, but don't write about chewing ****Laugh****.

Juliana and Fernando: **Laugh**

Amira: Actually I have two projects for two books. I really feel like doing them, but I was stuck for several years that I was not able to write. Because the problem is that sometimes I feel the more I know, the more questions I have, the more complicated it is... ****Amira talks to the waitress****

Juliana: Amira, do you think it is easier to write when you are in Israel?

Amira: Yeah, now I have to direct myself... and these two projects are heavy. After the attack on Gaza last year, almost two years ago, I've felt like I had to write about it but in a way which is different, I don't want to write another *Gold Storm* report. And I am meeting with soldiers... who understand that it was wrong. There are not many soldiers but I've met them and I'm thinking of doing something more analytical but also taking the experience of 10 years of Intifada, Second Intifada, to write

about something actually about the militarization or the military aspects.

Juliana: It should be very nice...

Amira: But it is heavy. And the other book which everybody asks me to finish and to write is a book about the closure policy. Because for many people it is very new what I say, also what I was talking about today, the closure, the blockage, not only in Gaza, but the whole policy of blocking, of *bantustanization*, the bantustans. So I really have... and some people say that what is happening is exactly what I predicted would happen 15 years ago: Palestinians are getting more and more separated from each other. So they are two heavy books, they are not something to be written in half a year. I have to be more assertive about it, but somehow I was stuck. These are my plans that I know in the coming 3 years should be done.

Juliana: How do you usually work? Do you write at home?

Amira: Usually I go... You know, I get the information, I travel in the West Bank, make phone calls - it depends on what I'm covering .

Fernando: Your studio was destroyed in 2002...

Amira: No, no, I had to move because I was afraid. It was the only time... there was a Palestinian gun man on one side of my room and an Israeli tank on the other side... and then I'd say "ioioio" if they'd shoot.... but it didn't happen. It was the only time I was really afraid.

Fernando: We read about it...

Amira: I think that I wrote that "I ask myself: If something happens, what is it that I cannot afford to lose". And I said: The only things are the photographs of my family, of my parents. I felt it would be cynical if photographs what were saved from the Holocaust would be destroyed by an Israeli operation. So I moved the photographs to my friends' [place] in Jerusalem.

Juliana: I really wanted to see a picture of your father... I've seen your mother's, in the cover of her book, her diary...

Amira: Yes **Laugh**

Juliana: So you usually write in your house...

Amira: I write in the house and sometimes when I... now it is very easy with the computer, and I even have a smaller computer... for example, when I go to Jerusalem, I have some appointments and then I have to write. So I write everything... and everywhere there is by Internet. So it is easy. But generally I write from home.

Juliana: When do you prefer to write?

Amira: Oh! **Laugh** The mornings are the best for me to write.

Juliana: The texts of *Internazionale*...

Amira: I write them every Wednesday morning.

Juliana: Specially for the magazine? In English?

Amira: Yes, in English. And they translate. That's why... the language became very simple, so it is like my style. When they want longer articles... I feel my English is not good enough to write a long article. I mean, I can do it, but it needs special effort and I never feel very satisfied as when I do it in Hebrew.

Juliana: But for *Haaretz* you write in Hebrew and then they translate?

Amira: Yes.

Fernando: How is the journalism in Israel, in your opinion?

Amira: Look, I think that in general there are some developments in Israeli journalism that they... can be criticism of Israeli officials. There is no fear to criticize, even to laugh at [things]... on the radio... about social issues, and there is some development in some papers. People understand they have to address social issues, of inequalities, salaries, poor people, victims of bureaucracy, etc. But when it comes to the Palestinian issue, they back the authorities. That is very interesting. And they say that it's because of the *occupation*... everybody benefits from the occupation... so the papers are part of the system. But they can sympathize with people, for example, there are Holocaust survivors that the bureaucracy neglects, so they write a lot about Holocaust survivors. So it can be their parents, aunts... things like that. But when it comes to Palestinians the general is very obedient.

Juliana: When you are writing.... usually when I write I imagine a reader, "I am going to write to that person". Who is your reader, when you think of one?

Amira: I don't think about my readers...

Juliana: Really?

Amira: No, no... Somebody told me from the beginning when I started writing, he also writes a lot about Palestinians. He says that when you think about the reader, you think about the person you are writing about. ****Pause**** I do now I think, maybe, I do a little bit of censorship... or, should I say, I think of the language, I don't want to have clichés. I want people to read so I don't want to tire them with clichés, but it is not really that I think about the readers but that I also think about my style. It is important for me not to have clichés.

Juliana: Do you receive many comments...

Amira: Not anymore, no. Because now... At the beginning of the Intifada I got a lot of hate mail. But now they have the talk-back.

Juliana: On the website [of Haaretz]?

Amira: On the website, so people take out their poison there. ****Laugh**** I don't read it, I have friends who read it... I am free of it now.

Fernando: The title of your book [*Domani andrà peggio*] is so...

Amira: Hard.

Fernando: Yes, so hard.

Juliana: Did you give that title?

Amira: Yes, tomorrow I have a talk, you know... and he just told me that they said “wow, when it appeared he said 'no, it is too difficult, we want hope’”. And now he says, after five years, he sees that I am right, that it is only getting worse.

Fernando: But do you believe in peace?

Amira: I think that Israel does not want it. The Israeli society does not want peace, they are very comfortable with what is happening. ****Pause**** It is not [that] I don't want it, I just don't see that the two societies can... For a real change, you need a big change in the Israeli society, you need a big change in the Palestinian fight against the occupation. Unfortunately, they wasted the last ten years in these stupid shootings and killings. So you need a change in the Palestinian society and you need a change in the world. These 3 conditions do not happen.

Fernando: I can't understand why it is comfortable...

Amira: For the Israelis it is very comfortable, not for the Palestinians. They are too stuck in their shortcomings.

Juliana: But won't it be better for the Israeli people, and for the Israeli government, if there is peace?

Amira: No. People feel that they will lose a lot of privileges. Just think about the water, now that we occupied the Palestinians' [territory], we actually consume more water... we do not divide the water evenly. So Palestinians get 20% of the water that comes in the West Bank - that the West Bank area produces. 80% goes to us, to the Israelis, which mean we have to give up... just simple things like that. When you go to Israel, not only to settlements, it's green, because they use lots of water. I sometimes say: “people in Israel think they are in Switzerland!” People grew up to accept the situation as normal and beneficial. Of course, in the long run, it is bad. I don't think that the world, the Arab world, the Muslim world, will accept it for many years more. There will be an explosion. But so far the Israelis really behave... I once wrote about it, I heard from two different Palestinians: one Said Barikat, a negotiator, and one a simple *falaj*, a farmer. The farmer is always arrested by

settlers. And Said Barikat always has talks with Israelis and nothing progresses. And both asked me this question: 'Don't Israelis think about their grandchildren?' I think it is a very compassionate question. And it is true: in the long run, it will fire back against Israel, but they don't see, they don't see. It is the blindness of colonialist societies. Then you can say that maybe they're calculating that they can impose the Palestinians to surrender, because so far it's succeeded. In 1948 the Arabs did not want us, then they had to sign all kind of agreements, then in '56, OK, '67, they did not want us, then they *had* to accept Israel. So they think you can continue like that. And that we will have a Palestinian leader that will sign on a terrible agreement... this is what they almost got from Arafat, I think there is a limit to what Palestinians can agree to.

Juliana: And now there is the wall...

Amira: Yeah, with the wall people feel secure now and they don't need peace. Also there is a misunderstanding in the world, and also among Israelis, that.... there is a Palestinian State, there is no occupation anymore because who runs the business of Palestinians are the Palestinians, and it is not true. Because the Palestinians don't have control of the land, of the water, of... I don't care about foreign affairs, what about movement! They cannot go abroad, they cannot... but the general idea is... people have the concept that there is a Palestinian State, that there is a conflict between two states.

Fernando: But the Israeli people are not feeling tired of war?

Amira: But it's not war, they feel comfortable. They don't feel the war. They are accepted in the whole world, everything is fine. People ask me about the boycott and what I think. I say: we tried to convince Israelis on moral issues, we did not succeed. On efficiency, we did not succeed. History, we did not succeed. International relations, we did not succeed. Nothing, all these arguments, do not convince them. So we need something from outside to convince that the occupation is not normal. But there isn't really any pressure from outside.

Fernando: What about the U.S.A.... do you think something has changed with Obama?

Amira: No, it is the same, it is even worse because we had expectations of Obama and there is nothing.

Juliana: Today you said that the word "conflict" makes you think in two equal forces...

Amira: Yeah...

Juliana: Which word would you use instead of that?

Amira: You know, you can say “conflict”... the word “occupation” is not enough... “Colonization?” Yes, but there is the state of Israel. ****Pause**** We have to invent, maybe, another word.

Fernando: It is not a “conflict” because they don't have the same...

Amira: Because it is not symmetrical.

Fernando: When I was in Israel in 2002, I went to a hospital in Ramallah. Then I saw the killing of a lady, just by the hospital...

Amira: I know, I know the woman! She had a problem in her legs... I know her brother, he is from a refugee camp... and I was in the funeral. ****Noisy****

Juliana: Do you also have Jewish friends in Ramallah? ****Eating****

Amira: Most of my friends are Palestinians. There are some Jews there, but not Israelis. Now there is an Israeli girl, a woman, she is married to a Palestinian. And she has 3 children.

Fernando: But she is not a journalist, right?

Amira: No, she is an activist, but not a journalist.

Fernando: Many Italian activists go there every year. What do you think about these people?

Amira: There is a big international presence, and some NGOs there, international NGOs, International Solidarity Movement... sometimes people know very little about the situation and you feel it is like an adventure for some time... I call it occupation tourism. But some people are very dedicated, I cannot make a generalization. But then you have some NGOs that are very paternalist in their approach. So... it is not just an Italian problem, it is general. I met some people who are too easily impressed by Palestinian gunmen, and I have a problem with this. I met in Gaza such activists who are full of admiration and I think it is nonsense.

Fernando: The impression I had is that, for many activists, everything is very simple to understand, black and white. But I also met some very serious people involved too.

Amira: I have a problem with those who feel that suicide attacks are a positive thing, or... the Palestinians don't have any other way but suicide attacks. I don't appreciate this approach.

Fernando: Which NGOs do you have a good approach with in Ramallah?

Amira: Look, an NGO that also criticizes the Palestinians is important. And they are there to criticize Hamas, PA and, of course, Israel. ****Pause**** In general, I think the Israeli NGOs are better than the Palestinians'. They are more... more critical, they are there to speak

more... like most of the Palestinian NGOs are very polite with their own authorities. The Israelis, (...) they got an alternative Nobel Prize, you have a group against torture in Israel, which is good...

Juliana: Torture is forbidden...

Amira: It is forbidden, they always find ways to evade.

Juliana: You should receive a lot of criticism because you are not “objective”....

Amira: I say that nobody can be objective and I say it openly. We have to be fair but we cannot be objective. As an Israeli, how can I be objective? **Pause**

Fernando: Robert had said the same thing about his work.

Juliana: There is a nice article of his on *Internazionale* this week. He shows how journalists reproduce the “words” of the power, of the governments. We are still repeating the logic [behind] the power. He talks about Israel too.

Amira: He interviewed me in 2001, or 2000, this was when I first met him, and he asked me what journalism was about. And I said: “monitoring power”. Since then he made me famous all over the world. **Laugh** It's not usual that a journalist quotes another journalist, but he always quotes me.

Juliana: It is true, we have the books. **Laugh** Do you see him frequently? I thought he was your friend.

Amira: No, no, no, he called me a few months ago, he was in the country. I took him on a trip, on a field trip, he was very happy... but we met only twice, no - 3 times. Three years ago there was *Mantova*, the festival, the literature festival, and he was invited... Italians have a nice habit of asking people that they invite if they would like somebody to share the interview or the lecture. And he asked for me - that was the second time that we met. And the third time was now in Jerusalem and in the West Bank.

Fernando: Your book about Gaza was translated to Italian?

Amira: No. They were supposed to have been translated... German, Portuguese of Portugal, French, Dutch and English.

Juliana: And is this one [*Domani andrà peggio*], only in Italian?

Amira: It was also translated to German and Swedish.

Fernando: Do you know what I like the most in your articles? Everyday I read something about Palestine, but the articles do not have “human beings”.

Juliana: You're always writing about people's life. For example, you don't only say "there is a curfew", you write about a woman who cannot visit her mother. With these personal stories..

Amira: Of course, you can relate to it.

Juliana: But it is not common.

Amira: I am surprised that it is not common, it is supposed to be like "the basic".

Fernando: It is just numbers, you just read numbers.

Amira: Statistics, but it has to be part of it. Not as....

Juliana: Amira, when did you decide to be a journalist?

Amira: I've always said that it is not that I decided, but that I am not good for anything else. For years, I thought.... you know, I started history . And I thought of working... I got some little jobs at the university, and everybody expected, you know, because I wear round glasses, they thought I would be something with this ****Laugh****. And then the first Intifada broke out and I didn't have any real... I was in Holland for two years, then I came back. Then I tried [to work for] Ha'aretz to earn living, but you always need... you need some strings... the first time it didn't work. And after two years, when I was teaching at the university one of the students was just nominated to be an editor of a Ha'aretz supplement. So I simply came to her and said: "I need your strings. I want to get a job at Ha'aretz". And in one week I got the job.

Juliana: Really?

Amira: As copy editor.

Juliana: As she was your student?

Amira: Not really, I was an assistant.

Juliana: And why did you move from Gaza to Ramallah? You left in the end of 1996?

Amira: 1997, actually. The Ha'aretz correspondent that was in the West Bank left... he was considered the Senior one, not me, and then when he left they wanted to save money... so they used me to cover both. But they thought there would be peace soon, so my job would not be very complicated. Of course, I knew there wouldn't be peace.

Juliana: So that's why you moved...

Amira: Yes. But, look, I wrote my book on Gaza so I felt it was kind of a termination of something. And I was kind of interested to see...

Juliana: Did you have problems to go back there? Problems with Hamas...

Amira: The problem was not so much with Hamas, but with the Israelis. They started the problem, not allowing...

Fernando: What do you do when you are not working?

Amira: ****Laugh**** I try to find time. ****Pause**** Now you tell me, I chew and you talk.

****Juliana talks about her and her life, not relevant**** ****Asking for the bill etc.****

Fernando: When you go abroad and lead your life with this normality, is it difficult to go back home (to turmoil)?”

Amira: I don't miss the normality, first I miss the beauty, I miss the culture. Like... In Israel I find it very difficult to go, for example, to concerts. I love music. But there is something... I cannot enjoy going to a concert, with other 500 Israelis, who don't care about the occupation. I cannot go to exhibitions... I feel that something is wrong. When I go to Europe I go to museums, I go to enjoy the green . Last year I was invited to go to Turkey for the first time. Do you know Hrant Dink? He was an Armenian... [*Dink was a Turkish-Armenian journalist, best known for advocating Turkish-Armenian reconciliation and human and minority rights in Turkey. He was killed in Istanbul in 2007 by a Turkish nationalist*].

Juliana: Yes, I do.

Amira: And a got an award last year [the *2009 Hrant Dink Memorial Award*], they called me and it was very nice. They said: “You have to know you have friends in Turkey”, that was very... and then they asked me if I wanted to stay a bit longer and what I wanted. I said: “I need green and water - that is what I miss”. These people in the summer who live on an island, so there is a lot of green and a lot of water. And now I was there for 2 weeks. This was really my... and they really care for me... this was really a real vacation.

Juliana: You have to go to Florianópolis, to our island...

Amira: Really? You live on an island?

Juliana: You can look at the pictures on the book I gave you. There are 42 beaches...

Amira: Wow!

Fernando: Can I take a picture of you?

Amira: OK.

Amira: We are already late... [*Supposed to go to the conference of Robert Fisk, at Teatro Comunale di Ferrara*]. Let's go together. I also have to prepare for tomorrow.

Fourth part: Walking from “*Osteria del’Ghetto*” to *Teatro Comunale di Ferrara*, 20:40

Amira: I am very tired, talking makes me tired. ****Pause, walking****
 Tomorrow there are two conferences that I would like to go, I have to choose. One is in French and another in English, about North Korea and about Africa. So I have to see...

Fernando: What do you like to read... for pleasure?

Amira: Fiction, of course. *Proust*. So I can forget the world...

Fernando: Do you like *Amos Oz*?

Amira: Actually, I like his autobiography, but his novels are very fake for me...

****Walking, noisy****

Amira: I am so glad... that you planned to see me in Ramallah. I am glad I had this genius idea... [to meet you here in Ferrara]. ****laugh****

Amira: I don't remember, you contacted me last year...

Juliana: No, I wrote to you 3 times in 2008.

Amira: Really? That long ago?

Juliana: And you replied all of my e-mails. And you said: “OK, let's see each other next year”. Last year I sent 3 messages and you didn't answer, so I started to get worried. ****Laugh****

Amira: ****laugh****

Juliana: You know, I put a candle... we are Catholics...

Amira: ****laugh****

Juliana: And I said: If Amira writes to me, I'll go to Lourdes, France.

Amira: ****laugh****

Fernando: What a bad place to go... ****Laugh****

Juliana: And you know what? You wrote me in the same day.

Amira: Wow! So I have good contacts with the Holy Virgin!

****Laugh****

Fernando: Have you watched the movie *Lemon Tree*? [*The film describes the legal efforts of a Palestinian widow to stop the Israeli Defense Minister, her next door neighbor, from destroying the lemon trees in her family farm*]

Amira: No, I haven't. I heard about it. When I have the time I don't watch films about our place, only about other places.

****Pause, walking****

Amira: I feel like I am falling sleep... I think I am going to sleep - my hotel is not far away. So you go... I am really tired.

Juliana: Thank you so much.

Amira: See you tomorrow and then we'll arrange the continuation.
Ciao!

Juliana: *Ciao!*

• Day n° 2

Interviewer: Juliana Kroeger

Date: October 3, 2010

Il Mandolino Ristorante, Ferrara, Italy, two days after the first meeting

21:00

Amira and Juliana pick up a table and order. Then Juliana turns on the voice recorder

Juliana: Do you use a voice recorder in your interviews?

Amira: I have one, but I want to buy a new one... digital. Like yours... is it good?

Juliana: Yes, it is very good, and you can transfer everything to your computer in a few minutes. It is safer.

Amira: I should get it. I have a big one, I feel more secure with the old fashioned way. It is very old; it served me very well for more than 10 years.

Juliana: But do you like to record your interviews?

Amira: Yeah, I always feel more secure, of course. ****Pause**** [Although] it does consume much more time. When it's in Hebrew, I type so quickly... when it's in Hebrew and Arabic I type immediately in Hebrew and I type very fast. But if I interview in English, it is not as quick.

Juliana: You hear in Arabic...

Amira: And I write it in Hebrew. It is very quick.

Juliana: The stories you write - do the people usually come to tell you? Do they look for you? Or do you have to go...or

Amira: Both. Sometimes I get phone calls from people, then there are always these Israeli Human Rights organizations, and I live among people, so I hear about problems. I call myself a hunter of problems.

****Laugh**** I am hunting problems, this is my main profession.

****Laugh**** There the problems are in abundance. ****Noisy****

****Waitress brings the menu** **Placing orders****

Juliana: So...

Amira: Cheers, to your thesis.

Juliana: Cheers! What about the workshop, did you like it?

Amira: At the end, I thought it was good.

Juliana: Everybody was so excited. And the guys were saying "I thought there was an easy solution; but now I know it is so complicated".

Amira: Good.

Juliana: They were also saying “I wish I could take a picture of Amira”...

Amira: Some took one later today. I couldn't say no.

Juliana: I can't believe it. **Laugh**

Amira: But it was OK. The group was interested, and participated. I think the balance between me talking and them thinking was good.

Juliana: But it was different from the one you had in Torino...

Amira: Yes, because it was more oriented to journalism. And I brought dilemmas... what I prepared to bring today, but I didn't do at the end. Today I planned to tell stories of things I didn't publish... that I had a dilemma with so I decided not to publish... and it is sometimes connected to anti-Semitic remarks. I had to balance between my wish... because then it is very easy to portray Palestinians as anti-Semites and things like that.

Juliana: Have you ever been accused of being an anti-Semite?

Amira: Yes, I get all kind of e-mails. Saying that I am Hitler, I am a *kapo*, all this nonsense. Mostly crazy American Jews send this. But it doesn't...

Juliana: If I say something about Israel and the occupation, maybe they can say that I am anti-Semitic. But with *your* background...

Amira: I know, but they do.

Juliana: When you say you decided not to publish, you didn't do it in order to not give trouble for the paper?

Amira: No, no. For example, [José] Saramago, when he came to Ramallah, after two hours he said “It is Auschwitz”. I was there, I got very angry and I said “what about the gas chambers?” - he said “not yet”. And then he didn't regret it. The Palestinian authority got very angry, and they thought that because of me, the whole world talked about it. It was not true, there was TV over there. I was very angry - he came with a delegation of writers... and we all hoped so much that they would shake something in the Israeli society, and with this stupid remark everything was shifted. **Pause** I had some other cases...

Juliana: Did you write about Saramago?

Amira: I did, of course, it was impossible not to write. But, for example, once Palestinians thought to have... they were cheated, I felt, by the grandchild of Gandhi, of India. He started a business because of his grandfather's name. So he started a business of... nonviolent resistance and things like that. Really an empty person who gets money out of it. Like Yoga became a business. And... I didn't know that at the

time. And then they intended to invite him, it was 2003 or 2004, to help to start a campaign for a popular nonviolent struggle. He gave me his phone number and I called, the guy had no idea about the situation, so many stupid things he said.... I decided not to publish. Can you turn off [the voice recorder].

****Talking in off****

Amira: There are checkpoints that were really sadistic. Soldiers kept people 10 hours, 8 hours waiting... for nothing. We know today that they just did it for nothing, there was no... Either they got an order from above to deter people from going out of their villages or they just wanted to feel how strong they were. So in one of such checkpoints I actually... I got there and I saw they kept people waiting about 4 hours and then I gave a phone call to the army and they were immediately allowed to go. This is proof that it was nothing about security, but really like to annoy, to arrest the population. So one of the people that had just moved because I interfered said “you know the people I like the most?” I knew the answer. And he said: “the Germans, they knew how to deal with the Jews”. There is no way in the world I would write about it, not in that context. What is important is that he was angry and he said it. But if I wrote about it, nobody would speak about this checkpoint; they would speak about what the people said. Once I planned to do a whole article about it... I have a friend in Rafah [Gaza] so he gave me very accurate information about the shooting and killing. Nobody believes that the soldiers just shoot for nothing. And he tells me, “Look, there is this guy, his name is Khaled, he walks in the street and soldiers from 800 meters shoot at him and kill him”. And he said: “we didn't know if he was killed or not, then somebody else called IAD to come to see if he is alive and to save him”. And he's been shot as well... I know everything he tells me is true. And he said the names of everybody, he knows everybody, he was there, he spoke with eye witnesses. So you have two people killed. And then comes a third person to save them both, or to see what happened to them. And my friend says: “but you don't write his name, his name is Hitler”. In the 1950's, you have many Palestinians who called their children Hitler.

Juliana: Really?

Amira: Yes. And they are written... “Hitler” in the identity card. There is also one Eichmann that I know. ****Laugh**** And my friend tells me “this you don't write”.

Juliana: I thought it was a joke. **Laugh**

Amira: **Laugh** It was not a joke. Because he knew that... I mean, If I write his name, no one will talk about the killed people. Everybody would say "Oh, you see the Palestinians' names...". And then I thought of making a report about all the Hitlers. I might do it one day. **Laugh** Now I laugh, you no? I became a bit like Palestinian in that sense, I am not shocked anymore. But you know... I am not writing everything.

Juliana: Do you have problems working in the Territories because you are a woman? Do you suffer any prejudice?

Amira: Look, I discussed it with a friend of mine, a Palestinian spokesperson. It is not easy for me to get... it is easier for male journalists, Israeli male journalists, to get interviews with important Palestinians than it is for me. And she said: "Listen, all these [men] are pricks, you know, they don't think you are important". So I think, most of them, they don't look at me seriously. Imagine, after so many years. So... OK.

Juliana: In Brazil it is not so bad, but I feel there are differences...

Amira: Yes, women, go to do "environment". You know, people tell me "you write human stories". Like, I write politics, I write about Israel, I write about Israeli society, I hate when they make of me a "social worker", I hate it.

Juliana: Especially in your first book, *Drinking the sea at Gaza*, when you interviewed those women, you said that the closure policy makes the lives of women worse. That one interview, I think she is a psychologist...

Amira: Yes. Azin...

Juliana: Saying "a girl came to me, her husband was beating her but I said 'stay in your house', because in that situation there was nothing I could do". How do you think it is today?

Amira: Worse. In this past 10 years we see there is an increase of violence against women, it's not very much been discussed in the open, but this is one of the problems....

Juliana: Got worse with Hamas in Gaza?

Amira: Inside Hamas families, in my experience, they are very decent, the men. You know, in my experience, I am not in their bedrooms. But they are more... many prohibitions and regulations keep something very, you know, it's very ideological.

Juliana: But women still stay at home, right?

Amira: Look, you have Hamas women who don't stay at home, they work outside. But it is always... it is limited. There are many teachers, but they don't encourage leaving the traditional place. Teaching is one of the traditional things.

Juliana: If you think now about Israeli society, Israeli women. Is there a gap between these two societies?

Amira: Yes, in general, the Israeli society is more open, of course, Israeli Jewish society.

Juliana: I was thinking... in your mother's diary, in the introduction, you said that at a certain point of her life, she became a feminist. Did that have any influence on your childhood?

Amira: You know, it was like... from a very early age. From a very early age I heard issues about discrimination against women, it was very present. Like communism, like socialism. ****Dishes arrives****

Juliana: But does it have a big impact on your life?

Amira: I was not ambitious, I was never ambitious. That's what they say: children of Holocaust survivors are divided in two groups: one group very ambitious, one group very non ambitious. And I was very non ambitious.

Juliana: You always thought of being a journalist?

Amira: No. I say I became a journalist because I am not good for anything else. It is true. I always say that if I was talented for music or for mathematics, I would prefer to be a musician and a mathematician. Now I have a friend in Istanbul, she is a mathematician, she's a math professor, and she is a great planner. I envy her so much, really. I love her very much; she is really great, but... so we laugh.

Juliana: And you don't have any brothers or sisters...

Amira: No.

Juliana: You've never mentioned it, but I imagined. So you were born in Jerusalem and then you moved to Tel Aviv?

Amira: Yeah. ****Pause / eating**** So how are you thinking to write this thesis?

Juliana: I already have the first chapter ready. It is about what I call your parents' memories. I just got the book, your mother's book, last year [2009]. And I felt it was very important...

Amira: A-ham...

Juliana: I decided to write a bit about your background, about your family. The second chapter is about Gaza and the third is about your experience in the West Bank. I tried... my focus is on people's stories in daily life, so I also got other people talking about the situation... I am

sorry, that is why I asked you about your family, things like that.
****Pause**** In Brazil, we have to... I don't know how to say it in English, but you have to present the first part of your thesis to a group of teachers. I did it in August...

Amira: Did they accept it?

Juliana: Yes, and they were very impressed... I told them: "I am going to see her in October." And they said: "Really? How did you manage?" "Oh, I had to send her 10.000 e-mails..."

Amira: ****Laugh****

Juliana: And I also bought the tickets to go to Israel. I don't have contacts, anything... I sent many e-mails to NGOs but they never replied.

Amira: Really?

Juliana: Yes, then I called 3 of them... they say, "Listen, we have to take a look, we'll reply to your e-mail". But never...

Amira: Which NGOs?

Juliana: Bethselem, Peace Now, American Palestine Society...

Amira: If you want, I can contact you to the spokesperson.

Juliana: I don't know if they'd think it's suspicious... a Brazilian calling....

Amira: I can tell them what the reason that you are calling is. Hmm... we are doing things together, maybe it is logical for you. So you can think about an organization in Ramallah. Like *Defense for Children International*, and the lawyer who is in charge is a neighbor and a friend. (...) I would say that *Breaking the silence* is also a good group, who are soldiers. Another important group: *Machsom Watch*, women who go to checkpoints. You can write... oh... It was my idea. At the beginning of the Intifada, 4 feminists, friends of mine, asked me what I thought they could do more than weekly demonstrations. I said "the checkpoints will develop, this is the main Israeli tool". And indeed. They organized, they started... 4 women and now they are about 400.

Juliana: Wow! I didn't know about it!

Amira: And I am very proud of this. They are Israeli women, in Israel... so I can give you e-mails of friends who you can talk to.

Juliana: Good! Thank you. I read in a Brazilian newspaper, it is not usual, about a group of Israeli women; they go to the West Bank, pick up Palestinian women and then take them to the sea in Israel...

Amira: Exactly! Most of them are activists in *Machsom Watch*.

Juliana: ****Pause**** How is the salad, is it good?

Amira: Yeah, I was tired of pasta.

Juliana: So from here you're going to Istanbul. I think you like it there, right?

Amira: I had an interview with a group of people, it was an award, Hrant Dink, Did I tell you about it?

Juliana: Yes, you did.

Amira: So this Armenian journalist who was murdered... Last year I got the award - it was the first time - with a Turkish journalist. This year I was one of the jury and... since last year, when I got it, so... when this musician and mathematician... she was very nice, she called me and tried to convince me to come, and to accept the award, and she said... she said that they felt that [I was] like Hrant, because he wrote and he was critical of the Turkish society, not the Armenian society, and she said “we feel that you are the same, like him, and that in both societies maybe they are not happy with you. So we just wanted to tell you that you have friends here in Istanbul.” It was so nice! And really we became good friends. Then she asked me if I wanted to stay a few more days and I said “yes, I will take a little rest. What I need is to be in a place with water and green, and not far away from Istanbul because I don't want to spend much time on traveling.” And they freaked out, because they thought it was as if I knew. Because in the summer they live in a small island, south of Istanbul. I call it “an enchanted island”.

Juliana: Really?

Amira: It is almost private. Because the family of her husband - but in the 19th Century, they had one member of the family who the Sultan loved very much. And he gave him an island as a present. ****Laugh**** Imagine. But the island was only rocks, nothing. Then in the middle of the 20th Century, there was one business woman of the family - they started to plant trees, I don't know... and to sell parts of the land to friends and family... and they constructed five types of houses, it was very advanced. It would keep some uniformity... so it's actually a private island. Now there are some more people, but it is like... you walk, it's about... I mean, I do the perimeter, in 40 minutes I finish the island walking. But the beaches are beautiful. And it's quiet. No cars, so just walking. It's not contaminated by [gasoline] . It is really like a dream. ****Pause**** This is really magic for me. I live there... I have a friend... who's a Lebanese writer. She is the one that suggested my name, you see? A Lebanese French writer - she knew me, I didn't know her, and she suggested my name last year. And now she is living there in the summer, because she is writing, and I get the lower floor. That is really luxurious.

Juliana: Are you going back there?

Amira: Yes! You know, thanks to Ha'aretz, I know people with islands. ****Laugh**** How would they find people with islands? So they are all left-wing aristocrats, there is also this guy in Torino, when I had this workshop in April, he is also a mathematician... and he organized the workshop in Torino... and he said "I have a house on an island, if you want to come". All of a sudden I collect friends with an island. And now it is your island! Which is not much bigger than Gaza, by the way. Now I have another... friend with an island.

Juliana: In Florianópolis, we have more than 300,000 people. Imagine the island with 1.5 million [like Gaza]. I've been to Istanbul – I went there after Kurdistan - and I completely fell in love with the city, with the markets, everything...

Amira: Istanbul is a huge revelation for me, a huge revelation. Last year was my first time. And then I could feel, you know, Sarajevo, because my mother... it is very similar to Sarajevo. I mean... beautiful, beautiful. Really beautiful. And these people, you know, they are all left-wingers, my friends. Turks, all left-wings, intellectuals, and fighters... all were in jail. This woman was in jail for five years, this one... like a normal thing. So I am lucky. I told my editor, my good editor, that thanks to Ha'aretz I know these islands. And he said: "just don't tell our employer, because he will cut my salary". ****Laugh****

Juliana: Do you have a good relationship with your editor?

Amira: Now my editor... I didn't tell you? Because 3 years ago I was almost fired from the paper. Because I had several editors... they were cowards! One was right-winger, and the others were cowards, and they didn't publish me... enough. I wanted to publish issues but they didn't want to. And they always founds [excuses] - no space, no this... always lying to me. And then 4 years ago I was too tired to fight for everything and then the publisher and the owner, who always supported me politically, was very angry... he also had some financial problems... and he wanted to fire me, it was a big shock. And he didn't believe that they just don't publish me, the editor, he just didn't believe it. He said: "all these trips and awards outside are more important to you." Really! It was very painful, very painful. And then I thought "now I am going to..." but I didn't have the energy. Then the people protested, a little bit, saying more "you are crazy." And he said, "OK, we'll just change the contract". And I had to go to every editor, of every section, to beg, "Please, publish me". This was very humiliating, not to mention that the salary would be very low. So I decided to take a year leave, a year off.

Just to freeze everything. And there is a Jewish joke about a kind a mythological figure called *Hershele*, he is from Eastern Europe; he was very poor and very smart. Very poor... always stories about how poor and hungry... He goes to the restaurant, he sits and says: "there is no choice, I have to do what my father did." Like 10 times saying this. And the waiter was afraid... He knows that he doesn't have money to pay for the meal. "I have to do what my father did. I have to do what my father did." So the owner of the restaurant started to bring him food. At the end, after the meal, he asked "what did your father do?" He said: "went to sleep hungry". These are the stories of Hershele, my childhood stories. And then there is this story that he was coming home, no food, no money, his wife is angry, he said, "OK, I'll find the solution." He goes to the landlord of the village, he was not Jewish – he was rich and stupid, stupid because he is rich, and Hershele goes to him and says: "Listen, I can teach your dog to read and write, and the whole world will talk about you". He said, "OK, what do you need?" "I need food, because your dog needs to eat good food, and I need money, nanani ..., all of this...". "OK, fine". He goes back home, he gives his wife the food and the money, and she is happy. Then she asks, "How did you get it?" and he tells the story, that within a year he has to teach the dog reading and writing... "Oh," she says, "What are you going to do after a year? I mean... no dog will read and write within a year, or 20 years." And he says, "After a year... who knows? Maybe the landlord will die, maybe the dog dies, maybe I die...". So I took a year off, and I told this joke, and I was sure that I would die, that I would have to quit Ha'aretz after one year.

Juliana: When was that?

Amira: Three years ago. 2007. October 2007. I took a year off and then the landlord died - they changed the editors. So I said the landlord died. **Laugh** So I recovered, and I had some talks that I gave in the United States... One lecture about the Intifada, "Who is bigger?" I can send it, if you want. Another more personal lecture about the right of return... I can send you both. So I took a vacation from March 2008 and was supposed to have a year without salary until March 2009. I went to all kinds of things, I had yoga classes, you know, all kinds of... I really took a break, for 20 years I didn't have any break. Then I knew about the boats to Gaza, so it was November 2008, and I got to the boat and I got to Gaza. And then there was already a new editor, I didn't know him, but I called him and said "are you interested in me writing about Gaza?" And he was very happy. Then I was kicked out by Hamas and months

later the onslaught started in Gaza. So I worked full time, more than full time, and since then I am working... **Pause** with an editor who appreciates my work, like nobody else did in the past. Really. That's the big miracle.

Juliana: So during that time you were only writing to *Internazionale*...

Amira: Yes. I didn't have much of a salary. But OK. **Pause** And then after the onslaught on Gaza I went to Gaza and I stayed for 5 months. It was from January until May. **People talking loud in the restaurant**

Juliana: Do you understand a bit of Italian?

Amira: More if I read, not when I listen... because of the French.

Juliana: I just got your book in Italian now, because they don't send it to Brazil. Just now I managed to buy it.

Amira: Did you read *Drinking the sea at Gaza*?

Juliana: Yeah, in English. I don't know which one is my favorite; I always think it's the last one I have read. But this one, *Domani andrà peggio*, is very good, it's amazing. (...) I can try to find an editor in Brazil... Do you think it is OK if I do that?

Amira: It would be nice! Yeah! Lots of audience, there are many Palestinians... **Noisy**

Juliana: I am so glad that we met here. I am going to write down everything that you've said... then I can send to you, to see if it is OK...

Amira: If I see something terribly nonsense I will erase it. **Laugh**

Juliana: If you say "OK, I approve, you can use it", then I am going to use it. **Pause** So you're not going to be in Ramallah, when we'll be there?

Amira: No. I am going back on the 16th (October).

Juliana: We are leaving on the 15th. If something happens, if they don't let us in... I am still planning what I am going to say at the border. "I am a journalist but I am here for tourism..."

Amira: Tourism, not terrorism. **Laugh**

Juliana: **Laugh**

Amira: So the workshop was helpful for you?

Juliana: Very, very. It was so good to hear, it makes things, your ideas, even clearer to me. I hope to do a good job. [...] I am so happy now... I was so nervous...

Amira: **Laugh** It is so funny for me...

Juliana: I am sorry to be like that. **Laugh**

Amira: Look, how can I explain this... for us, Jews, the aristocratic origin is not important, so much. Except for very few families. I don't

know how to say... there is a sense of, there is an egalitarian ethos, still, like there was in the past. And with Palestinians and others you don't have it so much. I mean, it is not that it is an egalitarian society, but people feel there is an ethos that people are equal. An ethos, it doesn't mean it is the reality. But I see that with Palestinians you have big differences. ****Pause**** And I am always surprised, because of my place, and I am famous, people say "oh, eh, uh". ****Laugh****

Juliana: How is your house? Do you live in an apartment?

Amira: Yes. Very messy. I cannot bring someone to help me, a Palestinian. I feel embarrassed. It is a rented apartment and they are building all around me, it is full of dust. I can grow a forest there, there's so much dust.

Juliana: So you have to clean it yourself...

Amira: And I don't have the time. Sometimes, once in half a year, someone comes to help, but it is awful. It troubles me very much.

Juliana: I see.

Amira: I am so tired.

Juliana: Let's ask for the bill. Better, I'll go there.

Amira: Let me invite, you, please, sit down.

Juliana: No, really, I'll be very sad if you don't accept...

Amira: You invite me to Brazil. No...

[Juliana goes to pay the bill]

Amira: Why did you pay?

Juliana: Because I invited you. I think my salary is higher than yours.

Juliana: ****Laugh****

Amira: ****Laugh****

Juliana: Let me take a picture... I think it is too dark... ****Flashes**** I think you'll hate it, you're getting too white because of the flash.

Amira: And I've just managed to get tan on the island.

Juliana: I think I am going to use this one ****Juliana tries to show her the picture on the camera****

Amira: I don't care. ****Laugh**** How are you going back to your hotel?

Juliana: I'll get a taxi.

Amira: Good.

Juliana: You're near the castle, right?

Amira: Yeah, do you want to go with me?

Juliana: Yes, there is a taxi stand there...

Amira: Thanks for the dinner.

Juliana: Let me take it [the computer].

Amira: All my life is in there.

****Leaving the restaurant****

****Walking to Amira's hotel****

****In front of a shop, center of Ferrara****

Amira: I saw something yesterday, was it here? A very cheap small piece of carpet. Only 15 Euros... I love them, I love this... ****Pause**** See, this one? It's very small, for the kitchen. At the end, I don't buy, I just look. It is so quiet...

Juliana: At home you don't have time to go and see the shops, right?

Amira: Sometimes, when I am abroad, I have time to buy necessary things, not luxury. Because when I am in the country I don't have the time and energy to buy anything. Sometimes I buy sheets... But I get tired at the end, buying. I look, I like it when it is very esthetic... especially in Italy everything is very esthetic... somebody said to me "even when they hand laundry outside it is esthetic".

Juliana: ****Laugh**** It is true.

Amira: So the taxi stand is nearby?

Juliana: Yes, it is very near. ****Walking**** It was so nice to have your workshop inside the castle.

Amira: Yes, it was very unique! And my conference, my interview yesterday, it was so funny [at *Piazza Comunale*].

Juliana: The square was completely full! There was no space to move! Did you feel nervous?

Amira: No, I am used to it. And the Italians are a very friendly audience. ****Laugh**** But I didn't like it so much... unlike Fisk, I am not an actress. Sometimes I have it a little bit, and this way, with the translation... I didn't perform. Sometimes I have a little bit of performing. But when I know it has to be translated, I just think about speaking simple English, and I have to speak slowly, so the translator has time to translate... and she was very tired, I know her very well. She is very good for me.

Juliana: Do you prefer to talk to the people like you did yesterday than to have a camera filming, or an interview...?

Amira: Yeah, TV I am not [so crazy about], because it has to be very short.

Juliana: But you still go a lot to TVS, no?

Amira: No, no. In Israel I refuse. Because they are arguing that I represent Bin Laden, I don't know...

Amira: OK, this is my hotel. Good... Good luck, Juliana.

Juliana: Thank you so much!

Amira: You are welcome.

Juliana: It was really a pleasure, I am so glad...

Amira: Imagine, you could have had a disappointment...

Juliana: Oh no! And, you see, the best thing is to see that when you write, it is not just words. It is all in you. Thank you so much.

Amira: Bye bye...

Juliana: Hope you see you soon. Bye.